

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Natália Costa Cimó Queiroz

**O AUGÉ DE NELLIE BLY:
UMA JORNALISTA ESTADUNIDENSE
NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Florianópolis
2013

Natália Costa Cimó Queiroz

**O AUGÉ DE NELLIE BLY:
UMA JORNALISTA ESTADUNIDENSE
NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Mauro César Silveira

Florianópolis
2013

Natália Costa Cimó Queiroz

**O AUGÉ DE NELLIE BLY:
UMA JORNALISTA ESTADUNIDENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Jornalismo” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

Florianópolis, 5 de julho de 2013.

Prof. Rogério Christofolletti, Dr.
Coordenador do curso

Banca Examinadora:

Prof. Mauro César Silveira, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Dr.
Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Francisco José Castilhos Karam, Dr.
Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Solano dos Santos Nascimento, Dr.
Examinador
Universidade de Brasília

À memória de Francisca Cimò,
Geny Sobral e Gessy Sobral.

Para Lélia e Malba.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o companheirismo e o bom humor do professor Mauro Silveira, meu querido orientador, que foram fundamentais para tornar o percurso mais leve e divertido.

Agradeço os professores Eduardo Meditsch e Francisco Karam, que contribuíram muito para este trabalho com as sugestões oferecidas na banca de qualificação. Um obrigado especial ao professor Eduardo pelos livros indicados e compartilhados.

Agradeço meu pai, Paulo Cimó, pelo apoio que me deu desde a fase inicial deste trabalho. Sem ele, eu não teria chegado aqui.

Agradeço enormemente os pesquisadores Brooke Kroeger e Michael Schudson por me receberem e concederem valiosa entrevista. Thank you very much!

Agradeço muito Tri Fritz, criador do site *nellieblyonline.com*, pela generosidade de compartilhar material de sua pesquisa comigo. Thanks a lot, Mr. Fritz!

Agradeço minha amiga querida Lou Beldi pela força que sempre me dá e pelo incentivo para ir sempre mais longe.

Agradeço muito a Moema Vilela e o Bira Martins, meus amigos-wim-wenders: tão longe, tão perto (e viva o Skype e o Gtalk!).

“Well-behaved women seldom make history”
(Laurel Thatcher Ulrich)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a análise de 11 reportagens escritas pela jornalista Nellie Bly e publicadas no jornal *The New York World* entre 1887 e 1889, com o objetivo de recuperar o trabalho desenvolvido por ela e avaliar as possíveis contribuições dessa mulher para a história do jornalismo. A partir das abordagens metodológicas da chamada Nova História, buscou-se contextualizar a análise em relação ao período histórico em que a jornalista se inseria. Os autores Michael Schudson, Frank Luther Mott e George Juergens ofereceram o suporte para a contextualização da história da imprensa nos Estados Unidos. Este trabalho pretende oferecer contribuições para o debate atual acerca de importantes questões para o jornalismo, nomeadamente, o método de apuração e a conceituação de jornalismo investigativo.

Palavras-chave: História do jornalismo. *The New York World*. Jornalismo performático.

ABSTRACT

This research presents the analysis of 11 articles written by the journalist Nellie Bly and published in the *New York World* between 1887 and 1889, aiming at reviving the work she developed and at evaluating her possible contributions to the history of journalism. Based on methodological approaches provided by the so-called *New History*, the effort was to contextualize the analysis in relation to the historical period she belonged to. The authors Michael Schudson, Frank Luther Mott and George Juergens provided the basic grounding to rebuild the journalism history in the United States. This work intends to offer contributions to the current debate concerning important issues in journalism, namely, the newsgathering methods and conceptualization of investigative journalism.

Keywords: Journalism History. *The New York World*. Stunt Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>The New York World</i>	38
Figura 2 – <i>The New York World</i>	42
Figura 3 – Nellie Bly	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de Reportagens 1887-1889	88
---	----

SUMÁRIO

Lista de figuras	09
Lista de tabelas	10
Introdução	12
Capítulo 1	
O JORNALISMO NOS ESTADOS UNIDOS ENTRE 1880 E 1900	17
1.1. Antes e depois da Guerra Civil	18
1.2. 1880-1900	30
1.3. O New York World, de Joseph Pulitzer	40
Capítulo 2	
A TRAJETÓRIA E A OBRA DE NELLIE BLY	48
2.1. Um novo status para as mulheres no final do século XIX	50
2.2. Mulheres, ao trabalho	55
2.3. Lugar de mulher é na redação	59
2.4. Nellie Bly	65
Capítulo 3	
ANÁLISE DAS REPORTAGENS DE NELLIE BLY	85
3.1. Escolha do material analisado	87
3.2. As reportagens analisadas	90
3.3. O método de Nellie Bly	106
3.4. Jornalismo Investigativo?	110
Considerações Finais	118
Referências	122

Introdução

Por se tratar de uma personagem do século XIX, a perspectiva pensada para esta pesquisa foi, desde o início, a histórica. Por ser, provavelmente, o primeiro trabalho sobre ela no Brasil, optou-se por uma abordagem mais para abrangente do que para específica.

A partir de um recorte que jogou o foco para um período de dois anos dos seis em que Nellie Bly trabalhou no jornal *The New York World*, de Joseph Pulitzer, buscou-se mostrar um panorama do contexto histórico em que ela estava inserida.

Como diz a pesquisadora e professora da *University of Pennsylvania* Barbie Zelizer, “a investigação histórica empresta profundidade temporal ao estudo do jornalismo”¹ (ZELIZER, 2004, p. 81). Para ela, a história – “um terreno aparentemente ilimitado” – ajuda a dar sentido a questões não muito bem resolvidas do jornalismo. “Ela situa pequenos e grandes problemas no contexto, a trama de eventos, pontos controversos e personalidades ao longo do tempo em uma narrativa que visa apresentar o passado do jornalismo como um fenômeno com mais amarrações do que buracos”² (Ibidem).

Um crescente aumento, nas últimas décadas, na quantidade de pesquisas de cunho histórico sobre mulheres tem sua base na chamada Nova História ou *École des Annales*³. Uma das mudanças provocadas por essa corrente histórica foi o interesse “por virtualmente toda a atividade humana. [...] ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado” (BURKE, 1992, p. 11).

A historiadora Laurel Thatcher Ulrich segue essa mesma linha ao afirmar que valorizar apenas as pessoas que participaram de grandes acontecimentos, como guerras, é muito limitante para a História. “Bons historiadores se preocupam não só com pessoas famosas e eventos públicos, mas com grandes transformações no comportamento

¹ Texto original: “*Historical inquiry lends temporal depth to the study of journalism*” (ZELIZER, 2004, p. 81).

² Texto original: “*It locates big and small problems in context, weaving events, issues, and personalities across time into a narrative that aims to render journalism’s past as a phenomenon with more stitches than holes*” (Ibidem).

³ “A chamada *École des Annales* afirmou-se como inovadora corrente teórica, desprezando o acontecimento, privilegiando a longa duração e derivando a atenção da vida pública para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva, num esforço de aproximar a história das outras ciências humanas” (SILVEIRA, 2009, p. 49).

humano, coisas como a queda nos índices de mortalidade ou a migração transatlântica”⁴ (ULRICH, 2007, p. xxii). Assim, tornou-se prática recorrente o estudo histórico do ponto de vista de grupos até então excluídos dos relatos, como os negros, as mulheres e os homossexuais.

Nesse sentido, tendo como objeto de estudo o período de auge da carreira da jornalista estadunidense Nellie Bly (1887-1889), este trabalho teve como objetivo recuperar o trabalho desenvolvido por ela e avaliar as possíveis contribuições dessa mulher para a história do jornalismo.

Foi determinado como objeto empírico o conjunto de 11 reportagens escritas por Nellie Bly e publicadas no jornal *The New York World* entre 1887 e 1889. A justificativa para essa escolha se baseia na posição de Brooke Kroeger, biógrafa de Bly, que define essa fase profissional como o auge da carreira da jornalista. O material analisado se encontra em anexo em dois formatos, PDF e .doc (Anexo A).

Para analisar as 11 reportagens selecionadas, este trabalho foi desenvolvido a partir das abordagens metodológicas da chamada Nova História. “O desafio para o historiador social é mostrar como ele [o cotidiano] de fato faz parte da história, relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos, como a Reforma ou a Revolução Francesa, ou a tendências de longo prazo, como a ocidentalização ou a ascensão do capitalismo” (BURKE, 1992, p. 24). Assim, o exame dos textos jornalísticos de Nellie Bly foi acompanhado do esforço de contextualizá-los no período em que ela viveu.

Esta pesquisa se justifica pela importância do período que aborda e pela atualidade das questões tratadas, como o método de investigação jornalística e a conceituação do jornalismo investigativo.

O auge da carreira de Nellie Bly se deu em um momento muito rico da história da imprensa estadunidense, com a massificação da venda de jornais, a crescente presença de mulheres nas redações, o rápido desenvolvimento econômico e a chegada de grande quantidade de imigrantes ao país.

As três últimas décadas do século XIX configuram um período conhecido como “Segunda Revolução Industrial”, que tinha como sua base o aço, a eletricidade, o petróleo e os produtos químicos no lugar do carvão e do ferro, com pleno

⁴ Texto original: “Good historians are concerned not only with famous people and public events but with broad transformations in human behavior, things like falling death rates or transatlantic migration” (ULRICH, 2007, p. xxii).

desenvolvimento nas áreas econômica, científica e tecnológica (BARRACLOUGH, [s. d.], p. 40).

Foi nesse período também que as Américas receberam grande número de imigrantes, principalmente europeus. “O ano de 1881 fora o primeiro em que mais de meio milhão de imigrantes chegara aos Estados Unidos, e a imigração alcançaria essa marca ou a superaria em seis dos próximos 12 anos” (SCHUDSON, 2010, p. 117).

A produção jornalística acompanhou esse processo de mudanças e novidades. “O Jornalismo não só espelhou a transição da América do século XIX para o XX, mas ele próprio participou de e foi submetido ao processo”⁵ (COMMAGER, 1950, p. 67).

Como dito anteriormente, para analisar o trabalho desenvolvido por Nellie Bly e suas possíveis contribuições para a história do jornalismo é fundamental considerar o contexto histórico da época. Assim, esta pesquisa teve como referencial teórico as obras dos autores Michael Schudson, Frank Luther Mott e George Juergens, que oferecem o suporte para essa contextualização, mais especificamente com relação à história da imprensa nos Estados Unidos.

Para o contexto histórico mais geral, os autores Geoffrey Barraclough, com “Introdução à história contemporânea”, Henry Commager e Alan Nevins com “Breve História dos Estados Unidos” e Eric Hobsbawm com “A Era dos Impérios 1875-1914” oferecem fundamental aporte teórico.

Além disso, a biografia de Nellie Bly escrita pela professora da *New York University* Brooke Kroeger foi a grande referência para a apresentação da jornalista. E Solano Nascimento e Kovack e Rosenstiel foram as grandes fontes para pensar o conceito de jornalismo investigativo.

Uma vez que boa parte da bibliografia consultada não possui tradução para o português, foi necessário traduzir as citações aqui reproduzidas. Devido à grande quantidade de trechos traduzidos, optou-se por não incluir a expressão “tradução nossa”, em benefício da fluidez da leitura. A versão original se encontra sempre na nota de rodapé.

Como complemento à pesquisa bibliográfica, este trabalho inclui também uma pesquisa de campo. Em maio de 2012, realizou-se uma viagem de 40 dias aos Estados Unidos para consultar as edições do *New York World* no acervo da Biblioteca Pública de Nova Iorque, assim como para visitar a cidade natal de Nellie Bly.

⁵ Texto original: “*Journalism not only mirrored the transition from nineteenth-twentieth-century America, but itself participated in and was subjected to the process*” (COMMAGER, 1950, p. 67).

A viagem ao Estado da Pensilvânia permitiu que se conhecesse a casa onde Nellie Bly passou a infância em Appollo, em frente à qual há uma placa de “*historical landmark*”. Cochran’s Mill, onde Nellie Bly nasceu, é uma área de propriedades rurais, mas há um pequeno memorial em sua homenagem. Em Pittsburgh, onde iniciou sua carreira de jornalista, ela é lembrada com certo destaque no museu *Senator John Heinz Historical Center*.

Ainda na pesquisa de campo, foram encontradas referências a Nellie Bly no museu *Newseum*, em Washington. Ela é lembrada na exposição permanente que trata da história da imprensa e também em uma sala interativa sobre questões éticas do jornalismo. Nesse local, há monitores com telas sensíveis ao toque em que os visitantes são convidados a responder à pergunta “*What would you do?*” (O que você faria?) em diversos casos que envolvem dilemas éticos. Um deles é o da performance de Bly para se infiltrar no manicômio.

As fotos registradas ao longo da pesquisa de campo se encontram no CD em anexo para consulta (Anexo B).

Com relação à estrutura da dissertação, no primeiro capítulo, abordou-se brevemente a situação econômica e política dos países ocidentais mais desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos, no final do século XIX. Se esse foi um período particularmente interessante na história recente, isso se deve principalmente a questões político-econômicas. A Inglaterra e sua ex-colônia americana passavam por um período que ficou conhecido como “Segunda Revolução Industrial”, impulsionada por novas fontes de energia e por um crescente avanço tecnológico.

Nesse final de século, a escravidão havia sido abolida nos países ocidentais e, nas nações mais desenvolvidas, a população era cada vez mais alfabetizada, incluída aí a parcela feminina. Foi também um período de intenso movimento migratório e os Estados Unidos eram um dos destinos para os imigrantes europeus.

Toda essa conjuntura ajuda a entender a situação da imprensa estadunidense nesse período. Ainda no primeiro capítulo, falou-se do processo de transformação pelo qual passaram os jornais daquele país durante os anos 1800 até que a imprensa popular atingisse seu auge, no final do século, tendo o *New York World* como grande representante.

No capítulo 2, buscou-se aprofundar em um aspecto econômico que se intensificou nas últimas décadas do século XIX, principalmente nos países ocidentais desenvolvidos: a entrada da mulher no mercado de trabalho. Fez-se um esforço de

mostrar dois lados dessa questão, ou seja, a conquista que isso representou para as mulheres e, ao mesmo tempo, as condições precárias a que elas foram submetidas, geralmente ainda piores do que as enfrentadas por seus congêneres masculinos.

Após uma contextualização mais geral, focou-se no trabalho das mulheres jornalistas, que aos poucos foram ocupando as redações nos Estados Unidos ao longo dos anos 1800 e se tornaram mais numerosas no final do século. Mostrou-se, no entanto, que, para conseguir alguma projeção nos anos 1880 e 1890, elas precisavam recorrer à prática que ficou conhecida como *jornalismo performático* (*stunt journalism*), cuja característica principal era o uso da falsa identidade para se obter informações.

Com base nas leituras e pesquisas de campo realizadas, pode-se afirmar que a jornalista Nellie Bly se tornou a mais célebre representante dessa modalidade jornalística e é com uma resumida biografia dela que o segundo capítulo é encerrado. Para contar um pouco de sua vida, a obra “*Nellie Bly: daredevil, reporter, feminist*” foi a principal fonte consultada. Escrita pela professora da *New York University* Brooke Kroeger, a biografia de Bly é, atualmente, o trabalho mais completo que se tem sobre a jornalista – fato inclusive reconhecido por autores que desenvolveram pesquisas mais recentes com focos restritos a algum período da vida da jornalista.

No terceiro capítulo, apresentou-se uma análise de 11 reportagens de Nellie Bly publicadas entre 1887 e 1889, período considerado como o auge de sua carreira pela biógrafa Brooke Kroeger. O foco da análise se voltou principalmente para o método pelo qual Bly ficou conhecida, o jornalismo performático, utilizado em 10 dos 11 textos analisados. Outros aspectos observados foram sua habilidade para fazer perguntas aos entrevistados e sua capacidade de prender a atenção do leitor a seus textos.

Além disso, fez-se uma reflexão acerca da possibilidade de classificar essas 11 reportagens como jornalismo investigativo. As obras “Os elementos do jornalismo”, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, e “Os novos escribas”, de Solano Nascimento, foram fundamentais para a conceituação do termo “jornalismo investigativo”. As entrevistas com Michael Schudson e Brooke Kroeger, durante a pesquisa de campo desenvolvida nos Estados Unidos, também foram de grande importância para conhecer a opinião desses pesquisadores a respeito do trabalho de Nellie Bly e da possibilidade de classificá-lo como investigativo.

A partir das 11 reportagens analisadas, apresentam-se, nas considerações finais, reflexões sobre o auge da carreira de Nellie Bly e suas contribuições para os estudos contemporâneos do Jornalismo.

1 O JORNALISMO NOS ESTADOS UNIDOS ENTRE 1880 E 1900

Grandes mudanças ocorreram no processo de produção jornalística nas duas últimas décadas do século XIX nos Estados Unidos, período e local em que está inserida Nellie Bly, a jornalista estudada neste trabalho. Essas transformações não foram eventos repentinos, mas resultado de um processo maior que vinha se desenvolvendo. Portanto, para compreendê-las é necessário retornar a algumas décadas anteriores. Como diz o historiador George Juergens, “a história não é organizada ao ponto de que uma única data possa ser designada para um fenômeno complexo”⁶ (JUERGENS, 1966, p. 49)⁷.

Dessa forma, este capítulo tem como ponto de partida a década de 1830, que marca o surgimento da *penny press*. Para o pesquisador da *Columbia University* Michael Schudson, as estratégias adotadas pelos *penny papers* – como baixo preço de venda, valorização da “notícia” e ampliação do espaço para publicidade – foram o início daquilo que caracterizou a imprensa estadunidense no final do século XIX. “Eu acho que os *penny papers* meio que abriram a porta, pavimentaram o caminho”⁸, afirmou Schudson (2012) em entrevista à autora deste trabalho. Essas características inauguradas pela *penny press* serão detalhadas a seguir.

Toma-se a Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865) como um marco porque ela foi adotada como um ponto de referência por muitos autores. James Melvin Lee considera esse evento como um momento de virada na história do jornalismo daquele país. Essa ideia é questionada por outros pesquisadores, como Schudson, que defende a tese de que esse evento teria apenas intensificado algumas práticas já em uso pelos jornais antes do conflito.

Finalmente, chega-se ao período que é o foco desta pesquisa, as duas últimas décadas do século XIX. Além de tentar reconstituir parcialmente o cenário jornalístico daquele momento, busca-se também mostrar um pouco do contexto histórico do mundo ocidental nesse final de século. O jornal *The New York World* será abordado de forma mais detalhada por se tratar do veículo onde trabalhou Nellie Bly.

⁶ Texto original: “*history is not usually so tidy that a single date can be assigned to a complex social phenomenon*” (JUERGENS, 1966, p. 49).

⁷ Como foi dito na introdução, não se utilizará a expressão “tradução nossa” devido ao grande número de citações traduzidas. Os trechos originais se encontram sempre em nota de rodapé.

⁸ Fala original: “*I think the penny papers kind of opened the door, paved the way*” (SCHUDSON, 2012, informação verbal).

1.1 Antes e Depois da Guerra Civil

1.1.1 O surgimento da *penny press*

A Guerra Civil dos Estados Unidos é tida por James Melvin Lee (1917) como responsável por diversas alterações no jornalismo daquele país. Lee cita os avanços mecânicos desse período, como a produção do papel e as técnicas de impressão, mas destaca que as mudanças eram mais amplas. “A maior contribuição da Guerra dos Estados para o jornalismo americano [...] foi a disposição dos jornais em gastar dinheiro para apurar notícias. A guerra provocou uma outra reação no jornal americano: colocou o editorial em segundo plano”⁹ (LEE, 1917, p. 318).

O historiador e jornalista Frank Luther Mott também observa que uma guerra marca transições. “Todo período histórico é um período de transição; mas as confusões da guerra tendem a dismantelar convenções estabelecidas e limpar o caminho para novos desenvolvimentos”¹⁰ (MOTT, 1959, p. 388). Mott considera, no entanto, que algumas mudanças já estavam ocorrendo nos jornais desde o advento da *penny press*, na década de 1830.

Desde o tempo do sucesso dos *penny papers* nos anos 1830, era inevitável que as notícias triunfariam sobre o comentário editorial como função principal do jornal estadunidense¹¹ (MOTT, 1959, p. 384).

[...] o ataque que os *penny papers* fizeram ao sistema de imprensa partidária nos anos 1830 e 40 [...] provocaram uma tendência crescente em direção ao jornalismo neutro e independente¹² (Idem, p. 389).

Michael Schudson (2010) é ainda mais enfático ao divergir parcialmente da ideia de que a Guerra Civil tenha mudado a direção do jornalismo estadunidense. Para o pesquisador, esse conflito apenas contribuiu para um processo de mudança que já vinha ocorrendo.

⁹ Texto original: “*The chief contribution of the War of the States to American journalism [...] was the willingness of newspapers to spend money for news-gathering. [...] The war reacted in another way on the American newspaper: it put the editorial in the background*” (LEE, 1917, p. 318).

¹⁰ Texto original: “*Every historical period is a transition period; but the confusions of war tend to break down established conventions and clear the way for new developments*” (MOTT, 1959, p. 388).

¹¹ Texto original: “*From the time of the success of the penny papers in the thirties, it was inevitable that the news should triumph over editorial comment as the leading function of the American newspaper*” (MOTT, 1959, p. 384).

¹² Texto original: “[...] *the assault which the penny papers had made on the party press system in the thirties and forties [...] had brought an increasing tendency toward neutral and independent journalism*” (MOTT, 1959, p. 389).

Ela [Guerra Civil] é, com frequência, tida como um ponto de virada na história da imprensa nos Estados Unidos. Mas não foi. Ela não ‘virou’ a direção do jornalismo. Seu impacto foi intensificar a direção na qual o jornalismo permanecera voltado desde os anos de 1830 (SCHUDSON, 2010, p. 83).

Essa “direção” à qual Schudson faz referência foi indicada pelo fenômeno conhecido como *penny press* – também mencionada por Luther Mott. O ponto de partida para o estabelecimento de jornais dessa nova corrente nos Estados Unidos aconteceu em Boston (Estado de Massachussets). Três jornais inovaram entre 1829 e 1831 ao venderem assinaturas a quatro dólares ao ano, enquanto o preço da época variava entre oito e dez dólares. “Esses jornais de quatro dólares bem-sucedidos foram os precursores da *penny press*”¹³ (MOTT, 1959, p. 218).

Mas era em Nova Iorque que se encontrava a imprensa mais influente do país. “A ideia do pequeno jornal diário de um centavo se mantinha muito viva, especialmente entre os impressores de Nova Iorque. Eles tinham visto os pequenos jornais de Boston [...] e sabiam do sucesso fenomenal da inglesa *Penny Magazine*”¹⁴ (Idem, p. 220). Foi lá, então, que surgiu o primeiro jornal da *penny press*, o *New York Sun*, em 1833, sob o comando de Benjamin Day.

Além da característica que deu nome ao fenômeno – ser vendido a um centavo de dólar, enquanto o preço dos jornais naquela época era seis centavos (*penny* significa um centavo, em inglês) – o *penny paper* apresentava outras mudanças em relação aos concorrentes mais caros. “O jornal era limpo, a fonte pequena, a notícia concisamente escrita. O estilo fresco, irreverente até, dos itens das notícias do *Sun* e sua ênfase nos assuntos locais, de interesse humano e, frequentemente, sensacionais envolveram a cidade”¹⁵ (MOTT, 1959, p. 222).

Ainda segundo Mott, outro fator que ajudou o *Sun* a alavancar a circulação de dois mil para cinco mil exemplares em quatro meses, era o tom bem-humorado adotado no tratamento das notícias policiais, seguindo uma técnica jornalística utilizada em

¹³ Texto original: “*These successful \$4 papers in Boston were forerunners of the penny press*” (MOTT, 1959, p. 218).

¹⁴ Texto original: “*The idea of small penny daily remained very much alive, especially among New York’s printers. They had seen the small-sized Boston papers [...] and were familiar with the phenomenal success of the English Penny Magazine*” (MOTT, 1959, p. 220).

¹⁵ Texto original: “*The paper was neat, the type small, the news concisely stated. The fresh, even flippant, style of the Sun’s news items, and its emphasis on local, human-interest, and often sensational events caught the town’s fancy*” (MOTT, 1959, p. 222).

Londres, pelo *Morning Herald* (MOTT, 1959, p. 222). Mas os “assuntos sérios” também tinham seu espaço.

O *Sun* rompeu bruscamente com o conceito tradicional americano de notícia e começou a publicar qualquer coisa que fosse interessante e desse leitura, independentemente de sua ampla significância ou reconhecida importância. Isso não significa que o jornal não tratasse de assuntos sérios, mas mesmo esses não tinham a extensão nem o peso que normalmente tinham nos jornais de seis centavos¹⁶ (Idem, p. 224).

Logo o *Sun* passou a ter concorrência de outros jornais de um centavo. Em 1834, surgiu o *New York Transcript* e em 1835, o *New York Herald*. O *Transcript* teve papel importante na história do jornalismo sensacional nos Estados Unidos e o *Herald* foi pioneiro na forma de tratar assuntos financeiros (MOTT, 1959, p. 228, 231). O *Sun* manteve a liderança de vendas por 20 anos e nos anos de 1850 perdeu o posto para o *Herald*.

1.1.2 O porquê do sucesso da *penny press*

Para Mitchell Stephens (2007), os donos de jornais de um centavo redescobriram uma das estratégias econômicas utilizadas pela imprensa inglesa nos séculos XVI e XVII. “[Benjamin] Day prendeu o público com uma mistura alegre de crime e histórias de interesse humano. Em outras palavras, ele praticou uma forma de jornalismo ‘popular’ semelhante àquela apresentada em muitos *newsbooks* e *news ballads* [...]”¹⁷ (STEPHENS, 2007, p. 184). Ele explica como isso pode ser caracterizado como uma tática de venda.

Duas verdades têm regido a economia do negócio de jornais: uma é que leitores ricos são mais atraentes para os anunciantes; a segunda é que leitores mais pobres, porque são muito mais numerosos, constituem circulações maiores. A história do jornalismo foi marcada

¹⁶ Texto original: “*The Sun broke sharply with the traditional American news concept, and began to print whatever was interesting and readable regardless of its wide significance or recognized importance. This does not mean that the paper did not treat serious subjects, but even these were not allowed the great length and heaviness which they were likely to have in the six-cent papers*” (MOTT, 1959, p. 224).

¹⁷ Texto original: “[Benjamin] Day attached his audience with a breezy mix of crime and human interest stories. In other words, he practiced a form of “popular” journalism similar to that featured in many 16th- and 17th-century newsbooks and news ballads [...]” (STEPHENS, 2007, p. 184).

por períodos em que os *publishers* honraram uma dessas verdades em detrimento da outra.

[...] A segunda verdade econômica do negócio de jornais foi redescoberta tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra na década de 1830¹⁸ (STEPHENS, 2007, p. 183, 184).

Frank Luther Mott (1959) também menciona a abrangência de uma nova categoria de leitores como uma das características marcantes dos jornais da *penny press*, o que ele considera uma “grande mudança social”. “O que esses jornais fizeram, basicamente, foi transformar em leitores toda uma classe econômica que os diários de seis centavos mal tinham tocado. Eles aumentaram tremendamente a leitura de jornais na América”¹⁹ (MOTT, 1959, p. 241).

O argumento da popularidade da *penny press* em relação ao público para o qual ela estava voltada é mais amplamente explorado por Michael Schudson (2010). Em busca de explicações para o sucesso dos *penny papers*, Schudson chama a atenção para o fortalecimento da classe média durante o governo do presidente Andrew Jackson (1829-1837). Esse período, conhecido como Era Jacksoniana, é resumido pelos historiadores Allan Nevins e Henry Commager.

As principais crenças de Jackson podem ser colocadas em poucas palavras: fé no homem comum; crença na igualdade política; crença em iguais oportunidades econômicas; aversão ao monopólio, privilégios especiais e meandros das finanças capitalistas (1986, p. 196).

Segundo Michael Schudson, a administração do presidente Jackson proporcionou condições para a ascensão da nova classe média nos Estados Unidos na década de 1830, fator determinante para o sucesso dos jornais da *penny press*. Afinal, com o fortalecimento da classe média durante a Era Jacksoniana, o perfil do leitor mudou. Para Mott, os trabalhadores se tornavam mais importantes social e

¹⁸ Texto original: “Two truths have governed the economics of the newspaper business: One is that well-to-do readers are more attractive to advertisers; the second is that poorer readers, because they are much more numerous, build higher circulations. The history of journalism has been punctuated by periods when publishers have honored one of these truths at the expense of the other. [...] The second economic truth of the newspaper business was rediscovered in both the United States and England in the 1830s” (STEPHENS, 2007, p. 183, 184).

¹⁹ Texto original: “What these papers did, primarily, was to make newspaper readers of a whole economic class which the six-cent dailies had scarcely touched. They enlarged America’s newspaper-reading public tremendously” (MOTT, 1959, p. 241).

politicamente ao lerem eles mesmos as notícias nos jornais do que quando recebiam informações das “classes educadas e mercantis” (1959, p. 242). O pesquisador Mitchell Stephens confirma a tese de Mott.

[...] a *penny press* estadunidense de fato desempenhou um papel significativo em informar as classes mais pobres – particularmente os artesãos e os mecânicos das cidades, em outras palavras, os trabalhadores – e, assim, ajudou a envolvê-los no processo político²⁰ (STEPHENS, 2007, p. 186).

Antes do surgimento dos jornais de um centavo, só existiam aqueles vendidos a seis centavos, que se mantinham como instrumento pessoal de seus proprietários, eram ligados a partidos políticos e traziam informações sobre a movimentação dos portos. “O leitor reduzia-se às elites comerciais e políticas; não era de se admirar, então, que o conteúdo dos jornais estivesse limitado ao comércio e à política” (SCHUDSON, 2010, p. 26).

Os *penny papers*, por sua vez, embora continuassem sendo “instrumento pessoal” dos proprietários, apresentavam características novas: o editorial perdeu importância para as notícias, a receita proveniente da venda de espaços para anunciantes cresceu, os classificados ganharam importância, a independência dos jornais em relação aos partidos políticos aumentou e repórteres passaram a ser contratados para escrever notícias locais.

Atualmente, é amplamente reconhecido que os anos de 1830, uma década extraordinária sob muitos aspectos, representaram uma revolução no jornalismo norte-americano. Essa revolução levou ao triunfo da “notícia” sobre o editorial e dos “fatos” sobre a opinião, uma mudança moldada pela expansão da democracia e do mercado [...] (SCHUDSON, 2010, p. 25).

As mudanças provocadas pela *penny press* ficavam evidentes na escolha dos nomes dos jornais. As palavras *advertiser* (anunciante), *commercial* (comercial) ou *mercantile* (mercantil) deram lugar a “crítica”, “mensageiro”, “tribuna” a partir da década de 30 do século XIX (Idem, p. 28).

²⁰ Texto original: “[...] *the American penny press did play a significant role in informing the poorer classes – particularly the artisans and mechanics in the cities, in other words, the workers – and therefore in helping involve them in the political process*” (STEPHENS, 2007, p. 186).

Schudson defende, portanto, que o fortalecimento da classe média é o principal fator responsável pelo sucesso da *penny press*. E se opõe a outras justificativas que ele considera simplificadas, como os avanços tecnológicos – argumento de Alfred McClung em seu estudo *The Daily Newspaper in America* (O jornal diário na América) – e a ampliação da alfabetização, apresentada como explicação para o sucesso da *penny press* por Frank Luther Mott e Richard Altick (SCHUDSON, 2010, p. 43, 48). Para o autor,

Embora [o avanço tecnológico] tivesse tornado possíveis os jornais de circulação em massa, não os fez necessários ou inevitáveis. Além disso, embora o argumento tecnológico se refira ao baixo custo e à alta circulação dos *penny papers*, ele não diz absolutamente nada sobre o conteúdo distinto desses jornais (Idem, p. 47).

Sem descartá-los, o pesquisador acredita que, sozinhos, esses argumentos não explicam o fenômeno da *penny press*. “Sem alfabetização, os jornais de grande circulação tornam-se inviáveis. Mas um aumento da alfabetização em si é um estímulo para a circulação de jornais? Existem boas razões para se duvidar disso” (Ibidem).

O autor estadunidense também refuta a tese do “progresso natural”, de Robert Park, que defende a ideia de que “o jornal, como a cidade moderna, não é um produto totalmente racional. Ninguém tentou fazer dele exatamente o que ele é” (*apud* SCHUDSON, 2010, p. 54). Para Park, o jornal “continuou a crescer e a mudar de maneira própria e incalculável” independentemente da ação e do esforço das pessoas. “O tipo de jornal que existe é o tipo que sobreviveu sob as condições da vida moderna” (PARK, 2008, p. 33).

A importância do ensaio “A história natural do jornal”, de Robert Park, é levada em conta por Michael Schudson, mas, em vez de aceitar os acontecimentos simplesmente como espontâneos, este autor sempre destaca a importância da participação das pessoas para definir o curso da história. “Limitado por circunstâncias sociais, o povo faz sua própria história e, algumas vezes, até mesmo desfaz as condições e convenções que o guiam” (SCHUDSON, 2010, p. 56).

1.1.3 O *New York Herald*

O *New York Herald* (inicialmente *Morning Herald*), inaugurado em 1835 por James Gordon Bennett, foi o representante mais importante da *penny press*, segundo Schudson, e o jornal mais lido nos Estados Unidos nas décadas que antecederam a

Guerra Civil. “Não há dúvida de que Bennett foi o personagem mais original do jornalismo norte-americano, ao menos até Joseph Pulitzer” (SCHUDSON, 2010, p. 65).

Frank Luther Mott (1959) também se refere ao *Herald* como o rival mais importante do pioneiro *New York Sun*, entre os jornais de um centavo. “Quando o *Morning Herald* saiu, ele se parecia muito com os outros *penny papers*. Mas ele logo desenvolveu uma individualidade própria”²¹ (MOTT, 1959, p. 230).

Mott explica que o *Herald* passou a fazer uma cobertura mais variada, descartando as matérias policiais em tom cômico e com mais destaque para as notícias internacionais. “Nos primeiros anos, Bennett cobriu *Wall Street* pessoalmente e era ele mesmo quem escrevia os ‘artigos financeiros’, o que se tornou uma instituição estabelecida”²² (Idem, p. 231).

Em seis meses de existência, o jornal de Bennett já ultrapassava o *Sun* e o *Transcript*. Em seu segundo ano, o preço do *Herald* subiu de um para dois centavos e, mesmo assim, manteve sua circulação de 20 mil exemplares vendidos diariamente (MOTT, 1959, p. 231, 234).

Essa mudança no preço e o sucesso alcançado provocaram uma briga entre o *Herald* e outros *penny papers*, que ficou conhecida como “Guerra Moral”. “Quando o *Herald* desertou a *penny press*, ao aumentar seu preço e ampliar suas instalações, e, ao mesmo tempo, manteve a mordacidade e o ‘tempero’ de sua infância, ele praticamente se colocou como alvo de ataque de todos os outros jornais da cidade”²³ (Idem, p. 235).

Michael Schudson faz uma interpretação um pouco mais elaborada acerca dessa “Guerra Moral”. Assim como destaca a importância da classe média para explicar o sucesso da *penny press*, ele interpreta a rusga que se criou entre os jornais de seis centavos e o *New York Herald (penny paper)* como uma manifestação do conflito de classes.

A ‘Guerra Moral’ foi uma campanha dos jornais *six-penny* para colocar o *Herald* fora do circuito comercial. Apoiados por alguns jornais em Boston e na Filadélfia, os principais *six-penny* de Nova

²¹ Texto original: “When the *Morning Herald* came out, it looked much like the other *penny papers*. But it soon developed an individuality of its own” (MOTT, 1959, p. 230).

²² Texto original: “For the first few years Bennett covered the *Wall Street* beat personally and wrote the ‘money article’ himself; it became an established institution” (MOTT, 1959, p. 231).

²³ Texto original: “When the *Herald* deserted the *penny press* by raising its price and increasing its facilities, and at the same time kept the pungency and ‘sauciness’ of its infancy, it virtually set itself up a target for the attack of all the other papers in the city” (MOTT, 1959, p. 235).

Iorque atacavam [James Gordon] Bennett com obscenidades, blasfêmias, chantagens, mentiras e calúnias (SCHUDSON, 2010, p. 70).

O pesquisador lembra, ainda, que esse tipo de conflito não acontecia apenas no meio jornalístico, era possível identificá-lo também em outros setores. “A ‘Guerra Moral’ do jornalismo nova-iorquino apresenta as mesmas marcas de outras guerras morais do mesmo período. Tais cruzadas representam os escudos de uma velha elite em duelo com uma classe média em ascensão” (Idem, p. 71).

O início da luta abolicionista nos Estados Unidos e o movimento romântico na literatura do país são exemplos citados por Schudson de eventos que tinham por trás um conflito de classes. Citando W. Charvat, o pesquisador estadunidense afirma que o movimento romântico “pode ser considerado em parte um protesto contra a nova burguesia” (apud SCHUDSON, 2010, p. 72).

A conclusão à qual ele chega em relação à *penny press* é que, apesar da “Guerra Moral”, o modelo introduzido por esses jornais de um centavo se tornou o padrão seguido pelos jornais das décadas posteriores.

[...] o modelo que o jornalismo moderno claramente adotou foi o dos jornais de classe média conhecidos como *penny papers*. Esses periódicos, quaisquer que fossem suas preferências políticas, eram porta-vozes de ideais igualitários na política e na vida econômica e social, por meio de sua organização de vendas, da solicitação de publicidade, de sua ênfase sobre a notícia, dos serviços prestados a um grande público e da redução no interesse pelo editorial (SCHUDSON, 2010, p. 75).

Além disso, uma vez que o foco da obra de Schudson é entender como a objetividade se tornou o ideal do jornalismo, ele argumenta que a *penny press* representa o primeiro de quatro períodos que ele destaca nesse processo – os outros três são o final do século XIX, a década de 1920 e os anos 1960.

Atualmente, é amplamente reconhecido que os anos de 1830, uma década extraordinária sob muitos aspectos, representaram uma revolução no jornalismo norte-americano. Essa revolução levou ao triunfo da “notícia” sobre o editorial e dos “fatos” sobre a opinião, uma mudança moldada pela expansão da democracia e do mercado, e que, com o tempo, conduziria à incômoda submissão do jornalista à objetividade (SCHUDSON, 2010, p. 25).

Portanto, com base nos autores estadunidenses que desenvolveram pesquisas sobre a história do jornalismo de seu país, pode-se afirmar que, abrindo o caminho para a futura valorização da objetividade, a *penny press* passou a ser mais independente em relação aos partidos políticos, apresentou aumento na receita proveniente da venda de espaços para anunciantes e abriu mais espaço para a notícia. O sucesso do novo modelo se deu, principalmente, graças ao crescente fortalecimento da classe média.

Esse processo de mudança foi potencializado com a Guerra Civil dos Estados Unidos e, impulsionado pela “Segunda Revolução Industrial”, se intensificou nas duas últimas décadas do século XIX. Um melhor detalhamento de como isso se deu será abordado a seguir.

1.1.4 Durante e depois da Guerra Civil

Como já foi dito no início do capítulo, existem opiniões divergentes em relação ao papel representado pela Guerra Civil dos Estados Unidos para o jornalismo daquele país. Enquanto James Melvin Lee defende que o conflito provocou mudanças, Michael Schudson argumenta que ele apenas confirmou tendências que já estavam sendo apontadas anteriormente.

O jornalismo na Guerra Civil, então, não se mostrava tão diferente, mas maior, mais proeminente, e – como as pessoas seguiam ansiosamente as batalhas que envolviam seus maridos, irmãos e filhos – mais importante para as pessoas comuns. A guerra empurrou os jornais para mais perto do centro da consciência nacional (SCHUDSON, 2010, p. 84).

Em Nova Iorque, a “metrópole jornalística”, havia 17 jornais quando a guerra foi deflagrada, em 1861. Apenas cinco deles, liderados pelo *New York Times*, se mantiveram ao lado do presidente Abraham Lincoln (1861-1865) durante o conflito (MOTT, 1959, p. 339). Segundo Luther Mott, o editor do *Times* durante a Guerra, Henry J. Raymond, fez do jornal “[...] o principal defensor popular da administração do país”²⁴ (MOTT, 1959, p. 345).

Os jornalistas que trabalharam cobrindo as batalhas da Guerra Civil, e ficaram conhecidos como “*specials*”, corriam sérios riscos por não terem nenhuma identificação

²⁴ Texto original: “[...] *the leading popular advocate of the administration before the country*” (MOTT, 1959, p. 345).

de que não eram combatentes; alguns morreram, alguns ficaram feridos e outros foram capturados (Idem, p. 332). Além disso, com o serviço de telégrafo ainda muito precário, acontecia de o correspondente ter de ir a cavalo ou mesmo à pé, muitas vezes cruzando território inimigo, até algum lugar de onde poderia transmitir seu texto de maneira segura (MOTT, 1959, p. 330).

Provavelmente nenhuma grande guerra foi tão minuciosamente acompanhada por correspondentes quanto a Guerra Civil dos Estados Unidos. [...] As condições da Guerra Civil permitiram mais reportagem no local e sem censura do que em guerras posteriores²⁵ (Idem, p. 329).

Entretanto, esse investimento tinha um custo que, somado ao aumento no valor da impressão, fez a maioria dos jornais se ver obrigada a subir o preço de venda gradativamente até chegar a quatro centavos, com algumas exceções, como o “Sun”, que passou a ser vendido a dois centavos (LEE, 1917, p. 309).

Duas outras características dos textos publicados pelos jornais durante a Guerra Civil são destacadas por Frank Luther Mott. Uma delas diz respeito à sua estrutura: embora o *lead* ainda não existisse, as notícias passaram a ser mais diretas. A outra é a adoção da prática de assinar matérias. “No início do conflito, o Departamento de Guerra, na tentativa de atribuir responsabilidade, solicitou aos jornais que as histórias da guerra publicadas fossem assinadas”²⁶ (MOTT, 1959, p. 330, 338).

Além disso, aumentou a quantidade de notícias transmitidas por telégrafo, que eram praticamente monopolizadas pelos sete membros da *New York Associated Press*, através de acordos com a *Western Union Telegraph Company*. “A operação bem-sucedida do cabo Atlântico em 1866 tornou, repentinamente, os eventos europeus mais próximos do povo americano do que jamais tinham sido”²⁷ (MOTT, 1959, p. 386). E a prática da entrevista, provavelmente inaugurada por Horace Greeley em 1859, foi utilizada pelos correspondentes de Washington durante a Guerra Civil.

²⁵ Texto original: “Probably no great war has ever been so thoroughly covered by eye-witness correspondents as the American Civil War. [...] Civil War conditions allowed for more uncensored, on-the-scene reporting than did those of later wars” (MOTT, 1959, p. 329).

²⁶ Texto original: “Early in the conflict the War Department, in an attempt to fix responsibility, requested papers to use by-lines in connection with their publication of war stories” (MOTT, 1959, p. 330, 338).

²⁷ Texto original: “The successful operation of the Atlantic cable in 1866 suddenly brought European events closer to the American people than ever before” (MOTT, 1959, p. 386).

Talvez a primeira entrevista formal com um homem famoso tenha sido a conversa de [Horace] Greeley com Brigham Young, publicada no *Tribune* no dia 20 de agosto de 1859. Esse tipo de entrevista com uma figura pública famosa foi adotada por outros jornais e usada ocasionalmente por correspondentes em Washington durante a Guerra Civil²⁸ (Idem, p. 386).

Após o término da Guerra Civil, em abril de 1865, o conflito e a reconstrução continuavam sendo assunto de destaque nos jornais estadunidenses, mas havia espaço para outras questões, como alguns escândalos envolvendo figuras públicas. “A evolução do jornalismo independente foi sempre lenta, mas avançou significativamente durante o Período da Reconstrução [1865-1880]”²⁹ (LEE, 1917, p. 319).

Segundo Mitchell Stephens, os jornais estavam crescendo e se tornando negócios caros. Cerca de 20 anos após o surgimento do primeiro diário da imprensa *penny*, os jornais passaram para as mãos de “homens de capital”.

James Gordon Bennett fundou o *Herald* em 1835 com 500 dólares em seu nome. Quando [Horace] Greeley deu início ao seu *Tribune* seis anos depois, ele tinha aproximadamente 2.000 dólares em dinheiro na mão [...] e outros 1.000 dólares em equipamento de impressão. Mas a circulação em massa estava transformando os jornais em grandes negócios, com equipes cada vez maiores e prensas cada vez mais caras. [...] Em 1851, o antigo assistente de Greeley, Henry J. Raymond, e dois sócios precisaram de 70.000 para fundar o novo *penny paper*, o *New York Times*. [...] Os dois parceiros de Raymond no *Times* eram banqueiros³⁰ (STEPHENS, 2007, p. 188).

Um dos jornais que se destacavam nas discussões políticas no período pós-Guerra Civil era o *New York Sun*, de Charles A. Dana. Durante a administração do presidente Ulisses Grant (1868-1876), o *Sun* foi o mais combativo entre os diários nova-iorquinos. De acordo com James Melvin Lee, não era apenas o conteúdo que fazia o *Sun*

²⁸ Texto original: “Perhaps the first formal interview with a famous man was [Horace] Greeley’s story of his talk with Brigham Young in the *Tribune* August 20, 1859. This type of interview with a famous public figure was taken up by other papers and was occasionally used by Washington correspondents during the Civil War” (MOTT, 1959, p. 386).

²⁹ Texto original: “The evolution of independent journalism has ever been slow, but it made a most appreciable advance during the Period of the Reconstruction” (LEE, 1917, p. 319).

³⁰ Texto original: “James Gordon Benett had founded the *Herald* in 1835 with \$500 to his name. When Greeley started his *Tribune* six years later, he had about \$2,000 in cash in hand [...] and another \$1,000 in printing equipment. But mass circulation was turning newspapers into big businesses, with growing staffs and increasingly expensive presses. [...] In 1851 Greeley’s former assistant Henry J. Raymond and two partners needed about \$70,000 to found a new penny paper, the *New York Times*. Raymond’s two partners in the *Times* were both bankers” (STEPHENS, 2007, p. 188).

se destacar, mas também o estilo de Dana, que se tornou um modelo. “Tornou-se possível distinguir uma história escrita no estilo de Dana, quer ela aparecesse em seu próprio jornal ou no *Tombstone Epitaph* [...] Foi Dana, e os homens que ele treinou, que deu aos ensaios editoriais do *Sun* aquele charme literário notável”³¹ (LEE, 1917, p. 328).

Outros jornais nova-iorquinos também se destacavam de alguma maneira. O *New York Tribune* gastou uma soma inédita para cobrir conflitos da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871): aproximadamente 120 mil dólares (Ibidem). E o *New York Times* chamou a atenção com a publicação de um suplemento especial, em julho de 1871, com denúncias de fraude em obras do Tribunal de Nova Iorque. O caso ficou conhecido como “*Tweed Ring*” e questionava o gasto exorbitante (quase 10 milhões de dólares) da prefeitura da cidade com móveis, carpintaria e serviços de pedreiros para reformar o Tribunal (LEE, 1917, p. 329).

A edição do *Times* com o suplemento especial denunciando o escândalo vendeu centenas de milhares de exemplares e, como resultado, pessoas envolvidas foram presas. Além disso, o episódio acabou com o esquema do prefeito de Nova Iorque William Tweed (conhecido como *Boss Tweed*) de pagar 89 jornais para publicar notícias de seu interesse.

Para Frank Luther Mott, o ano de 1872 marcou o fim de uma era. “Bennett [*Herald*] morreu no verão daquele ano e Greeley [*Tribune*], cinco meses depois. Raymond [*Times*] tinha morrido em 1869. Bryant [*Evening Post*], parcialmente aposentado do trabalho editorial, estava traduzindo Homero”³² (MOTT, 1959, p. 406). A morte, ou o afastamento, desses editores que faziam jornalismo com um caráter bastante pessoal representou a retomada de uma tendência que havia sido inaugurada pela *penny press*, a independência da imprensa em relação aos partidos políticos.

“No entanto, seria ilusório registrar a transição do jornalismo em termos biográficos: a mudança em relação aos grandes editores era mais sintomática do que consequential”³³ (COMMAGER, 1950, p. 69). O historiador Henry Commager explica que a remodelação dos jornais estadunidenses ia além das questões editoriais. É o

³¹ Texto original: “*It became possible to distinguish a story handled in Dana’s way, whether it appeared in his own newspaper or in The Tombstone Epitaph. [...] It was Dana, and the men whom he trained, who gave the editorial essays of The Sun that distinctly literary charm*” (LEE, 1917, p. 328).

³² Texto original: “*Bennett [Herald] died in the summer of that year, and Greeley [Tribune] five months later. Raymond [Times] had died in 1869. Bryant [Evening Post], in partial retirement from editorial work, was translating Homer*” (MOTT, 1959, p. 406).

³³ Texto original: “*Yet it would be misleading to record the transition in journalism in biographical terms: the passing of the great editors was symptomatic rather than consequential*” (COMMAGER, 1950, p. 69).

contexto de transformação pela qual os Estados Unidos passavam que nos faz entender como e por que a imprensa do final do século se tornou o que se tornou.

1.2 1880-1900

1.2.1 O mundo e os Estados Unidos no final do século XIX

Ao comparar o mundo de 1780 e aquele de 1880, Eric Hobsbawm destaca quatro aspectos: o mapeamento dos territórios, a rapidez com que se faziam viagens de grandes distâncias, a agilidade na transmissão de informações e o aumento da população mundial.

Em 1880, ele [o mundo] era genuinamente global. Quase todas as suas partes agora eram conhecidas e mapeadas de modo mais ou menos adequado ou aproximado. [...] A ferrovia e a navegação a vapor haviam reduzido as viagens intercontinentais e transcontinentais a uma questão de horas, em vez de meses. [...] Com o telégrafo elétrico, a transmissão de informação ao redor do mundo era agora uma questão de horas. [...] não deve ser muito equivocados supor que os aproximadamente 1,5 bilhões de seres humanos vivos nos anos 1880 representavam o dobro da população mundial dos anos 1780 (HOBSBAWM, 2001, p. 29, 30).

O historiador pondera, no entanto, que apesar desse início de globalização e encurtamento de distâncias, havia uma clara divisão do mundo em duas partes. “Ao abordar 1880, estamos menos diante de um mundo único do que de dois setores que, combinados, formam um sistema global: o desenvolvido e o defasado, o dominante e o dependente, o rico e o pobre” (Idem, p. 33). Para ele, a questão cultural era o ponto mais importante na diferenciação entre esses dois mundos.

A diferença mais nítida entre os dois setores do mundo era cultural, no sentido mais amplo da palavra. Por volta de 1880, predominavam no mundo “desenvolvido” países ou regiões em que a maioria da população masculina e, cada vez mais, feminina era alfabetizada; onde a vida política, econômica e intelectual havia, de maneira geral, se emancipado da tutela das religiões antigas, baluartes do tradicionalismo e da superstição; e que praticamente monopolizavam o tipo de ciência que era cada vez mais essencial à tecnologia moderna (HOBSBAWM, 2001, p. 44).

No final do século XIX, quase todos os países haviam acabado com a escravidão – os últimos a fazê-lo foram o Brasil e Cuba, nos anos 1880. Por outro lado, com a exceção da Suíça, França, Estados Unidos e Dinamarca, os outros Estados representativos, tanto do mundo desenvolvido quanto do defasado, ainda não concediam a seus cidadãos o direito ao voto – à época masculino, como adverte Hobsbawm. O autor também ressalva que algumas colônias do Império Britânico (Austrália, Nova Zelândia e Canadá) eram “razoavelmente democráticas” (Idem, p. 43).

De forma mais geral, Hobsbawm define o século XIX como um “século de mudanças” e fala da dificuldade que os historiadores encontram para explicar as peculiaridades dessas mudanças universais. Geoffrey Barraclough, outro historiador britânico, considera especificamente as três últimas décadas do século XIX como “um divisor de águas entre a história moderna e a contemporânea” (BARRACLOUGH, [s.d.], p. 58).

Até o mais resolutivo defensor da teoria de continuidade histórica não pode deixar de surpreender-se pela extensão de diferenças entre o mundo de 1870 e o mundo de 1900. Na Inglaterra, onde a Revolução Industrial começara cedo e avançara em firme progressão, a natureza fundamental das mudanças, depois de 1870, é menos evidente do que em qualquer outra parte. [...] Do outro lado do Atlântico, a guerra civil demonstrara ser um importante estímulo para a industrialização; mas foi depois do fim da guerra civil, em 1865, [...] que começou a grande expansão industrial, transformando para além de toda a possibilidade de reconhecimento aquela sociedade que Tocqueville conhecera e descrevera (Idem, p. 39).

Nevins e Commager destacam a Guerra Civil como um “conflito que deu imenso estímulo à indústria” dos Estados Unidos. Mas pontuam que Norte e Sul do país apresentavam estágios de desenvolvimento bem diferentes.

[...] independentemente do crescimento das indústrias siderúrgica, madeireira, do fumo e têxtil, o Sul permanecia predominantemente rural e agrícola; antes de 1900 não se desenvolveu uma única cidade, à exceção de Nova Orleans, com população acima de cem mil habitantes (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 274).

Enquanto o Sul se mantinha como uma economia rural, o Norte avançava na exploração de minérios e no refino de petróleo.

Mais carvão, minério de ferro, prata e cobre foram extraídos, mais aço fundido, mais trilhos assentados, mais madeira serrada e mais casas construídas, mais algodão transformou-se em tecido, refinou-se mais petróleo do que em qualquer quinquênio anterior da história americana. Na década de 1860, o número total de estabelecimentos manufatureiros cresceu em oitenta por cento e o valor dos produtos manufaturados em cem por cento. A revolução industrial era um fato consumado (Idem, p. 279).

BarracloUGH classifica esse período (1870-1900) como a “Segunda Revolução Industrial”, que tinha como sua base o aço, a eletricidade, o petróleo e os produtos químicos no lugar do carvão e do ferro, com pleno desenvolvimento nas áreas econômica, científica e tecnológica. “A fundação da *Standard Oil Company*, de Rockefeller, em 1870, pode ser encarada, de muitas maneiras, como símbolo de uma nova era” (BARRACLOUGH, [s. d.], p. 43).

O autor lembra, ainda, que invenções como o motor a explosão, o telefone, a lâmpada elétrica, a bicicleta, a máquina de escrever e a circulação maciça de notícias impressas a baixo custo foram desenvolvidas entre 1867 e 1881. “As mudanças científicas, tecnológicas e industriais [...] atuaram como solventes da antiga ordem e catalisadores da nova ordem. Criaram a sociedade industrial e urbana, tal como hoje a conhecemos” (Idem, p. 45).

Foi nesse período também que as Américas receberam grande número de imigrantes, principalmente europeus. “O ano de 1881 fora o primeiro em que mais de meio milhão de imigrantes chegara aos Estados Unidos, e a imigração alcançaria essa marca ou a superaria em seis dos próximos 12 anos” (SCHUDSON, 2010, p. 117). O historiador Eric Hobsbawm também menciona esse fenômeno em “A era dos impérios”.

[...] sua emigração [dos europeus] em massa para outros continentes foi responsável pela mudança mais drástica que sofreu a população mundial: o aumento dos habitantes das Américas de cerca de 30 a quase 160 milhões entre 1800 e 1900; e, especialmente, a América do Norte, que aumentou cerca de 7 a mais de 80 milhões de habitantes (HOBSBAWM, 2001, p. 31).

Outra mudança importante que ocorria nesse final de século, principalmente nos países mais desenvolvidos, era a entrada das mulheres no mercado de trabalho. “A

mulher trabalhadora ganhou no século XIX uma proeminência extraordinária. É evidente que ela existia já muito antes [...] Mas no século XIX ela foi observada, descrita e documentada com uma atenção sem precedentes” (SCOTT, 1991, p. 443). Essa questão será abordada mais detalhadamente no capítulo 2.

Foi nesse contexto de transformação, portanto, como observa o historiador Henry Commager, que os jornais estadunidenses passaram por um período de transição e inovação. A transformação dos jornais “foi determinada por todos esses desenvolvimentos, ela os refletiu e contribuiu com eles”³⁴ (COMMAGER, 1950, p. 70).

1.2.2 O jornalismo no final do século XIX, nos Estados Unidos

Por volta do início da década de 1880, os maiores jornais dos Estados Unidos começaram a utilizar o telefone e, no mesmo período, as máquinas de escrever se tornaram populares no meio jornalístico. A Associated Press, por exemplo, adotou a máquina de escrever em 1885 (MOTT, 1959, p. 499). A incorporação de novas tecnologias era uma das razões para as mudanças observadas nos jornais estadunidenses no final do século XIX.

“O Jornalismo não só espelhou a transição da América do século XIX para o XX, mas ele próprio participou de e foi submetido ao processo”³⁵ (COMMAGER, 1950, p. 67). Henry Commager reforça essa ideia ao afirmar que as mudanças nos jornais no final do século XIX iam além de questões editoriais, elas eram “físicas, econômicas, psicológicas, morais”.

[A transformação dos jornais] foi parte da transformação da própria América – do processo de mecanização, urbanização e centralização, da concentração do controle econômico, da emancipação da mulher, da ampliação dos interesses sociais, da padronização, democratização e vulgarização da cultura³⁶ (COMMAGER, 1950, p. 69).

³⁴ Texto original: “*It [the transformation of newspaper] was conditioned by all these developments, it reflected them, and it contributed to them*” (COMMAGER, 1950, p. 70).

³⁵ Texto original: “*Journalism not only mirrored the transition from nineteenth-twentieth-century America, but itself participated in and was subjected to the process*” (COMMAGER, 1950, p. 67).

³⁶ Texto original: “*It was part of the transformation of America itself – of the process of mechanization, urbanization, and centralization, of the concentration of economic control, of the emancipation of women, the broadening of social interests, the standardization, democratization, and vulgarization of culture*” (COMMAGER, 1950, p. 69).

Como resultado, os elementos que caracterizam o jornalismo do século XX foram em grande parte implementados nesse momento crucial do final do século XIX. “Os quinze anos entre meados de 1880 e a virada do século viram a introdução de quase todos os dispositivos editoriais ou políticos que associamos ao jornalismo moderno”³⁷ (Idem, p. 71).

Uma das novidades era a maneira como os jornais passaram a ser gerenciados. “Antigamente, o editor tinha praticamente um controle supremo. [...] Depois que ele deixou de ter interesse em controlar, a responsabilidade passou para outras mãos, representadas em conselhos oficiais pelo gerente de negócios”³⁸ (LEE, 1917, p. 352).

Outros autores concordam que o “jornalismo pessoal” passa a dar lugar a outro estilo de gerenciamento. Um deles é Frank Luther Mott, como já foi mencionado ao final do item 1.1.4, neste capítulo. Além dele, o historiador Henry Commager atribui ao *publisher* do *Springfield Republican* (Massachusetts), Samuel Bowles III, “ele próprio um dos mais hábeis praticantes do velho jornalismo”, a percepção de que essa mudança estava ocorrendo já nos anos 1870. “Com as mortes de James Gordon Bennett [*Herald*] e Horace Greeley [*Tribune*], [...] o jornalismo pessoal praticamente chega ao fim”³⁹ (COMMAGER, 1950, p. 68).

Para Commager, no entanto, essa transição de modelos na forma de conduzir um jornal nos Estados Unidos aconteceu mesmo na metade de década de 1890, quando Adolph Ochs (*New York Times*) e William Hearst (*New York Journal*) passam a dominar a cena nova-iorquina. Joseph Pulitzer poderia ser definido como uma figura “entre-modelos de gerenciamento”. “[...] apesar de não representar a negação do jornalismo pessoal, tampouco ele era um editor no sentido em que Greeley e Bowles haviam sido editores”⁴⁰ (Ibidem). Já John Heaton inclui Pulitzer como representante de um novo estilo de *publisher*.

³⁷ Texto original: “The fifteen years from the mid-eighties to the turn of the century saw the introduction of almost every editorial device or policy that we associate with modern journalism” (COMMAGER, 1950, p. 71).

³⁸ Texto original: “Formerly, the editor was practically supreme in control. [...] After he ceased to have the controlling interest, it passed into other hands represented at official councils by the business manager” (LEE, 1917, p. 352).

³⁹ Texto original: “With the deaths of James Gordon Bennett [*Herald*] and Horace Greeley [*Tribune*], [...] personal journalism also comes practically to an end” (COMMAGER, 1950, p. 68).

⁴⁰ Texto original: “[...] though he did not represent the negation of personal journalism, neither was he an editor in the sense that Greeley and Bowles had been editors” (Ibidem).

O grupo de editores cujo competente jornalismo pessoal animou Nova Iorque no período da Guerra Civil tinha passado. [...] Era como se o jornalismo tivesse reagido contra sua atividade febril durante a agitação anti-escravidão, a guerra e a reconstrução e estivesse inconscientemente aguardando novas questões, nova liderança e novos métodos que o revitalizariam⁴¹ (HEATON, 1913, p. 7, 8).

Frank Luther Mott argumenta que a impressão de que o “jornalismo pessoal” havia acabado era intensificada pelo fato de que os *publishers* do final do século “não tentavam mais enfatizar suas próprias personalidades” e “ataques pessoais a colegas editores eram bem menos comuns” (MOTT, 1959, p. 444).

Outra mudança que pode ser destacada é o tipo de trabalho desenvolvido por repórteres. O uso do telégrafo tornou as notícias mais “perecíveis”, já que elas eram apresentadas ao público com mais rapidez (LEE, 1917, p. 353). James Melvin Lee defende que “o jornalismo que faz notícias” começou quando o *New York Herald* enviou, em 1871, o repórter Henry Morton Stanley à África para que ele encontrasse o missionário inglês desaparecido David Livingstone. Michael Schudson também cita o episódio como um dos fatores que contribuíram para a boa imagem do repórter e fala da popularidade que eles passaram a ter nas últimas décadas do século XIX.

A ascensão do *status* da condição de repórter foi caracterizada e promovida pelo constante aumento do rendimento nos anos de 1880 e 1890. Ao mesmo tempo, a reportagem estava se tornando um tipo de ocupação mais estável. [...] Repórteres nos anos de 1880 e de 1890 recebiam a aclamação popular (SCHUDSON, 2010, p. 86).

As reportagens escritas pela jornalista Nellie Bly sobre sua volta ao mundo⁴², em 1889-90, são lembradas por Schudson como exemplo dessa aclamação popular. O autor destaca, ainda, que o trabalho de repórter interessava cada vez mais aos jovens, inclusive mulheres. Além disso, “o crescente apelo mercadológico de um diploma

⁴¹ Texto original: “*The group of editors whose able personal journalism had enlivened New York in the Civil War period had passed. [...] It seemed as if journalism had reacted from its feverish activity during the anti-slavery agitation, the war and reconstruction, and was unconsciously awaiting the new issues, new leadership, and new methods which should revivify it*” (HEATON, 1913, p. 7, 8).

⁴² No dia 14 de novembro de 1889, Nellie Bly partiu de Nova Iorque para uma viagem de “volta ao mundo”. Seu objetivo era completar o percurso em menos tempo que o personagem Phileas Fogg, do livro de Júlio Verne “Volta ao mundo em 80 dias”. A viagem de Nellie Bly durou 72 dias.

universitário em jornalismo era um indicador do novo *status* do repórter”⁴³ (SCHUDSON, 2010, p. 85).

Michael Schudson define a década de 1890 como a “Era do Repórter” porque foi o momento em que os repórteres “passavam a ser atores no drama do mundo dos jornais”. Os primeiros jornais eram feitos por apenas um homem, que contava com informações fornecidas por amigos ou viajantes. A prática de pagar jornalistas para relatar as notícias começou na década de 1830, com a *penny press*, e se consolidou no final do século XIX.

Os repórteres acreditavam firmemente que era sua função tanto buscar os fatos como se manter interessantes. Em sua lealdade aos fatos, os repórteres do final do século XIX respiravam o mesmo ar que condicionou o surgimento de especialistas na política, o desenvolvimento do manejo científico da indústria, o triunfo do realismo na literatura e a “revolta contra o formalismo” na filosofia, nas ciências sociais, na história e no direito (SCHUDSON, 2010, p. 88).

De acordo com o pesquisador estadunidense, os repórteres tinham experiência acadêmica ou, pelo menos, eram admiradores da ciência, e “enxergavam a si mesmos, em parte, como cientistas desvelando fatos políticos e econômicos da vida industrial, de forma mais corajosa, clara e ‘realista’ do que ninguém havia feito antes” (Idem, p. 89). Além disso, eram muito influenciados pela literatura realista e se preocupavam, sobretudo, com a factualidade.

O uso do *lead*⁴⁴ também se consolidou nesse período, o que é relatado por repórteres que trabalharam em jornais na década de 1890. Nas paredes da redação do *New York World*, de Joseph Pulitzer, havia cartazes pregados com a seguinte advertência: “Precisão, Precisão, Precisão! Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Os Fatos – O Tom – Os Fatos!” (apud SCHUDSON, 2010, p. 97).

⁴³ O diploma nesse período não era, ainda, especificamente de uma faculdade de jornalismo. A *Missouri School of Journalism* foi a primeira dos Estados Unidos, inaugurada em 1908. A *Indiana University* implantou um departamento de jornalismo em 1911 e a *Columbia University* abriu sua escola de jornalismo em 1912.

⁴⁴ Registra-se que Tobias Peucer já havia feito um “esboço” do *lead* em sua tese de doutorado defendida em 1690, na Universidade de Leipzig (Alemanha) – evidentemente, sem atribuir essa nomenclatura. Há também pesquisadores, como Francisco Karam e Jorge Pedro Souza, que defendem a existência das características do *lead* em textos da civilização greco-romana. Ver: <http://www.ec.ubi.pt/ec/10/pdf/EC10-2011Dez-15.pdf>

Repórteres eram profissionais aos quais cabia relatar as notícias conforme elas acontecessem, como máquinas, sem preconceito, sem qualquer brilho e sem estilo; tudo igual. Humor ou qualquer sinal de personalidade em nossos relatos eram surpreendidos, repreendidos e suprimidos a tempo. Como escritor, eu estava permanentemente marcado pelos meus anos no *Post*⁴⁵ (*apud* SCHUDSON, 2010, p. 96).

George Juergens também aponta que o uso do *lead* tenha se dado na década de 1890⁴⁶. Segundo o autor, Joseph Pulitzer teria percebido a importância do *lead* nos anos 90 do século XIX e passou a treinar sua equipe para utilizá-lo. Antes disso, na década anterior, utilizava-se a ordem cronológica nas reportagens (JUERGENS, 1966, p. 38).

O conceito de *lead* ainda não tinha se desenvolvido plenamente [na década de 1880], com isso os homens do *World* tendiam a se arrastar corajosamente por toda a matéria até chegar a algum ponto essencial. [...] Apenas o título oferecia ao leitor alguma pista de que o texto merecia ou não sua atenção⁴⁷ (Idem, p. 37).

Os jornais das décadas de 1880 e 1890 ampliaram, ainda, uma outra tendência que havia despontado com a *penny press*, nos anos 1830: a venda de espaços para publicidade.

O Período de Reajuste Financeiro [1880-1900] foi marcado por um tremendo aumento na quantidade de propaganda impressa nos jornais. Durante esse período, aconteceu o desenvolvimento das grandes lojas de departamento nas cidades grandes. O aumento de tamanho delas [lojas] pode ser acompanhado quase sempre pelo aumento na quantidade de espaço usado para anunciar seus produtos nos jornais⁴⁸ (LEE, 1917, p. 355).

⁴⁵ Fala do jornalista Lincoln Steffens, sobre o treinamento que recebeu no *Evening Post*, sob o comando de E. L. Godkin.

⁴⁶ Segundo Adelmo Genro Filho (1987), “a primeira notícia redigida segundo a técnica da ‘pirâmide invertida’ teria aparecido no *The New York Times* em abril de 1861” (p. 183-202, disponível em: <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196-09.htm>).

⁴⁷ Texto original: “*The concept of a lead sentence had not yet fully evolved, with the result that World men tended to plod manfully through all their material before coming to any essential point. [...] Only the headline conceded to the reader any clue as to whether the story merited his attention*” (JUERGENS, 1966, p. 37).

⁴⁸ Texto original: “*The Period of Financial Readjustment [1880-1900] was marked by a tremendous increase in the amount of advertising printed in the newspapers. During this period came the development of the great department stores in the large cities. Their increase in size may be traced almost invariably by the increase in the amount of space they used to advertise their wares in the newspapers*” (LEE, 1917, p. 355).

Os anúncios tinham as mulheres como alvo, pois naquele momento muitos produtos de uso doméstico deixavam de ser feitos em casa e passavam a ser manufaturados, como o sabão para lavar roupa e o fermento em pó. Para George Juergens, isso significava também alterações no conteúdo dos jornais para atrair mais leitoras. “Se as mulheres, mais do que os homens, compunham a audiência desejável pelos anunciantes, então os mesmos motivos que estimulavam uma ampla circulação exigiam que boa parte da circulação fosse feminina”⁴⁹ (JUERGENS, 1966, p. 138).

Em consonância com o que vem sendo afirmado ao longo deste capítulo, Michael Schudson argumenta que as características dos jornais nova-iorquinos dessa época estão profundamente ligadas ao momento de plena expansão da cidade. Esse aumento na quantidade de anúncios publicitários era um reflexo da já referida “Segunda Revolução Industrial” e da sociedade de consumo que se formava.

[...] os Estados Unidos, nos anos de 1880 e de 1890, especialmente nos centros urbanos, estavam se transformando numa nação mais orientada para o consumo, não apenas por causa da expansão da capacidade de produção e do aumento populacional – oferta e demanda na forma mais crua – mas devido à mudança na rede de relações sociais nas cidades.

[...] A vida na cidade, por volta de 1880, tinha se tornado muito diferente do que havia sido na década de 1830. Era muito mais um mosaico de raças e tipos sociais; muito mais um turbilhão de movimentos sociais e geográficos (SCHUDSON, 2010, p.122, 123).

Schudson lembra, ainda, que passaram a ser comuns nessa época os “coletivos puxados por cavalos”, que os trabalhadores utilizavam para ir a e voltar de sua jornada. Nesse tempo que passavam se locomovendo, com as mãos livres e sem ter que se preocupar em cuidar por onde andavam, aproveitavam para ler algum jornal.

George Jurgens sugere que a mudança do *World* para um estilo e *layout* que causaram sensação resultou da adaptação às necessidades dos passageiros: ler no ônibus era difícil devido às letras pequenas e páginas grandes da maioria dos jornais. [...] É provável, então que o crescente uso da ilustração e dos títulos grandes nos jornais fosse tanto uma adaptação aos novos hábitos da classe média quanto às novas características da classe trabalhadora imigrante (SCHUDSON, 2010, p. 124).

⁴⁹ Texto original: “If women were more than men comprised the desirable audience for advertisers, then the same motives which urged a large circulation required that a goodly part of the circulation be female” (JUERGENS, 1966, p. 138).

Outra mudança marcante era com relação aos classificados, que passaram de algumas colunas para várias páginas. Para chamar a atenção dos leitores, o número de anúncios publicados naquela edição era estampado na capa (Fig. 1). James Melvin Lee faz uma ponderação a esse respeito. “A pior característica desse tremendo aumento na quantidade de anúncios era o fato de que era possível inserir a custo mais elevado qualquer propaganda disfarçada de notícia”⁵⁰ (LEE, 1917, p. 356).

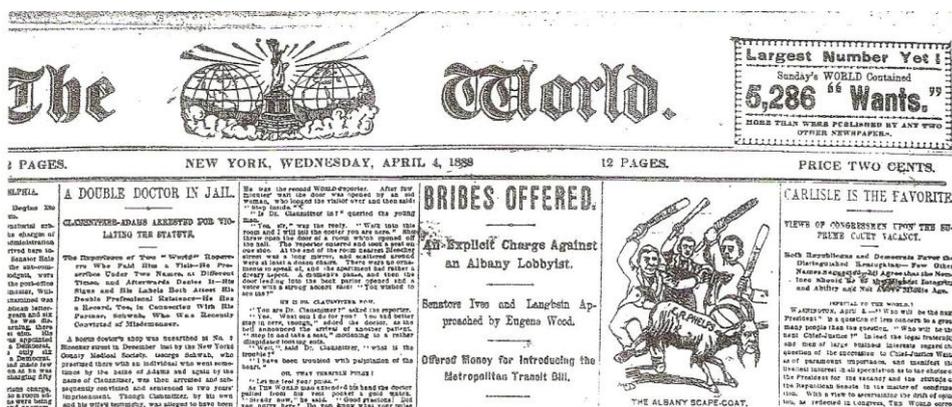


Fig. 1 – No canto superior direito, o anúncio diz: “O maior número até hoje! O *World* de domingo continha 5.286 ‘classificados’. Mais do que foram publicados por quaisquer outros dois jornais juntos.” (tradução nossa)
Fonte: *New York Public Library*

Nesse contexto de inovações, em que os jornais nova-iorquinos exerceram e sofreram influências, consolidando mudanças iniciadas pela *penny press* na década de 1830, o *New York World*, sob o comando de Joseph Pulitzer a partir de 1883, se tornou o mais popular do período. “O homem que faria uma reviravolta na situação dos jornais de Nova Iorque e que direcionaria o padrão do jornalismo moderno mais do que qualquer outro foi Joseph Pulitzer”⁵¹ (MOTT, 1959, p. 430).

⁵⁰ Texto original: “The worst features of this tremendous increase in the amount of advertising was the fact that it was possible to insert at a higher cost almost any advertisement disguised as a bit of news” (LEE, 1917, p. 356).

⁵¹ Texto original: “The man who was to overturn the New York newspaper situation and to do more toward setting the pattern of modern journalism than anyone else was Joseph Pulitzer” (MOTT, 1959, p. 430).

1.3 O *New York World*, de Joseph Pulitzer

Fundado em 1860 como um *penny paper* pelo jornalista da Filadélfia Alexander Cummings, o *New York World* seguia uma linha editorial religiosa. Cummings vendeu o diário aproximadamente um ano após sua criação (JUERGENS, 1966, p. 4). Ao longo dos 23 anos que antecederam a compra do *World* por Joseph Pulitzer, o jornal esteve sob o comando de um consórcio de financistas e políticos Democratas; do jornalista Manton Marble; de um consórcio liderado pelo magnata da indústria ferroviária Thomas Scott e, finalmente, do especulador Jay Gould.

Sob Cummings, o jornal havia sido Republicano em política; agora Manton Marble, um editor Democrata, estava no controle. A questão religiosa não era mais enfatizada e o *World* conquistou espaço como um jornal geral. Logo o orçamento estava equilibrado e ele tinha o quinto lugar na circulação entre os jornais de Nova Iorque – atrás do *Times*, mas à frente do *Evening Post*. [...] O *World*, sob o controle de Marble, era bem editado, no departamento noticioso e no editorial, tanto quanto qualquer jornal do país. Em 1869, Marble adquiriu controle majoritário⁵² (MOTT, 1959, p. 351).

Para Juergens, quando Pulitzer assumiu o comando do *World*, “um grande jornal nasceu entre 1883 e 1885, mas mais importante, o primeiro jornal moderno”⁵³ (JUERGENS, 1966, p. viii).

Joseph Pulitzer (1847-1911) emigrou para os Estados Unidos em 1864, depois da morte do pai e da falência da família na Hungria. Ele lutou pela União no último ano da Guerra Civil e, após o término do conflito, se tornou repórter do jornal *The St. Louis Westliche-Post*, da cidade de St. Louis, no Estado de Missouri (EAMAN, 2009, p. 242). Em 1878, se tornou proprietário do *St. Louis Post and Dispatch*, um jornal voltado para a classe média e preocupado em “promover o desenvolvimento de St. Louis como um centro de negócios e um lugar atrativo para a residência do cidadão médio” (SCHUDSON, 2010, p. 110).

⁵² Texto original: “Under Cummings, the paper had been Republican in politics; now Manton Marble, a Democratic editor, was placed in charge. The religious element was no longer emphasized, and the *World* took its place as a general newspaper. Soon it was making both ends meet and had the fifth circulation among New York papers – less than that of the *Times*, more than that of the *Evening Post*. [...] The *World* under Marble was a well edited, in both news and editorial departments, as any paper in the country. In 1869 Marble purchased majority control of it” (MOTT, 1959, p. 351).

⁵³ Texto original: “A great newspaper was born between 1883 and 1885, but more important, the first modern newspaper” (JUERGENS, 1966, p. viii).

Essa experiência no Missouri parece ter sido uma boa escola para o *publisher*. “Foi em St. Louis que Pulitzer experimentou pela primeira vez muitas de suas teorias acerca de edição e produção de jornal, as quais ele desenvolveu posteriormente e aperfeiçoou depois que comprou o *New York World* de Jay Gould em maio de 1883”⁵⁴ (LEE, 1917, p. 339).

Pulitzer teria ainda percebido que o Partido Democrata não estava bem representado pelos jornais nova-iorquinos. Segundo Juergens, entre os matinais, apenas o *Star* e o próprio *World* eram assumidamente apoiadores dos Democratas, mas como eram jornais de pouco prestígio, não contribuíam grande coisa (JUERGENS, 1966, p. 11). “Em 1883, o *New York World* tinha uma circulação de apenas cerca de 11 mil exemplares diários e 15 mil aos domingos”⁵⁵ (Idem, p. 5, 6).

Classificado por John Heaton como um “democrata independente”, Pulitzer teria aproveitado a oportunidade, que vinha ao encontro de suas convicções políticas. “Que o Sr. Pulitzer viu a vantagem tática que essa abertura dava é certo, porque ele percebia quase tudo; e ele tinha sido o correspondente do *Sun* em Washington por um período breve, mas ativo”⁵⁶ (HEATON, 1913, p. 8).

Era preciso, portanto, marcar a mudança que ocorria no *World*. “Para que as pessoas confiassem no *World*, era necessário mudar suas características completamente da noite para o dia”⁵⁷ (Idem, p. 10). A primeira medida de Pulitzer foi publicar, poucos dias depois de assumir o comando, uma entrevista com o antigo dono do jornal, Jay Gould, na primeira página “Antes de impedir o declínio do *World* e fazer dele um órgão democrático efetivo, Pulitzer precisava primeiro apagar a memória do proprietário anterior do jornal”⁵⁸ (JUERGENS, 1966, p. 11). Na entrevista, o antigo dono do jornal

⁵⁴ Texto original: “It was in St. Louis that Pulitzer first tried out many of his theories about the editing and making of a newspaper which he later developed and perfected after he purchased The New York World from Jay Gould in May, 1883” (LEE, 1917, p. 339).

⁵⁵ Texto original: “By 1883 the New York World had a circulation of only about 11,000 daily and 15,000 on Sundays” (JUERGENS, 1966, p. 5, 6).

⁵⁶ Texto original: “That Mr. Pulitzer saw the tactical advantage which this opening gave is certain, for he saw most things; and he had been The Sun’s Washington correspondent for a brief but active period” (HEATON, 1913, p. 8).

⁵⁷ Texto original: “To make The World trusted of the people it was necessary to change its character utterly over night” (HEATON, 1913, p. 10).

⁵⁸ Texto original: “Before he could arrest the World’s decline, and make it an effective organ of Democracy, Pulitzer first had to erase the memory of the newspaper’s previous ownership” (JUERGENS, 1966, p. 11).

dizia não gostar do novo tom editorial do *World*. Não demorou para que a diferença fosse percebida.

Os jornalistas notaram rapidamente a transformação, geralmente com desaprovação, já que os homens tendem a desaprovarem portentos que vão de encontro ao familiar e costumeiro.

[...] Violentamente, rigorosamente, visivelmente, inequivocamente voltado a uma nova direção e nitidamente “dedicado à causa do povo”, o novo *World* se lançou em uma carreira que, de acordo com as profecias de seus rivais, seria breve⁵⁹ (HEATON, 1913, p. 11).

O novo dono também alterou a inscrição do nome do jornal na capa. Em vez de “*The New York World*”, Pulitzer determinou que se escrevesse apenas “*The World*”, com o desenho de dois globos entre as duas palavras (Fig. 2). “Para criar um novo jornalismo a partir do velho, primeiro ele [Pulitzer] tinha que estar realizado nos fundamentos do trabalho de jornal: diagramação, titulação e apuração das notícias”⁶⁰ (JUERGENS, 1966, p. 28).



Fig. 2 – À esquerda, a última capa do *World* sob o comando de Jay Gould (10 de maio de 1883). À direita, a capa do dia 24 de maio de 1883, com o *World* já sob o comando de Pulitzer. Fonte: JUERGENS, 1966, p. 12,13.

Juergens reforça, ainda, o que é dito por James Melvin Lee a respeito do *St. Louis Post and Dispatch* ter sido a oportunidade de Pulitzer fazer algumas experiências antes de se lançar no mercado nova-iorquino. “As lições que ele aprendeu em St. Louis

⁵⁹ Texto original: “*Journalists were quick to note the transformation, usually with disapproval, as men are wont to disapprove portents that war against the familiar and accustomed.[...] Violently, harshly, conspicuously, unmistakably turned in a new direction and plainly “dedicated to the cause of the people,” the new World was launched upon a career which its rivals prophesied would be brief*” (HEATON, 1913, p. 11).

⁶⁰ Texto original: “*In order to create new journalism out of the old he [Pulitzer] first had to be accomplished in the fundamentals of newspaper work: makeup, headlining, news gathering*” (JUERGENS, 1966, p. 28).

foram indispensáveis para liderar uma revolução na cidade de Nova Iorque”⁶¹ (JUERGENS, 1966, p. 28). Além da bagagem acumulada, Pulitzer levou para o *World* o editor-chefe (*managing editor*) do *St. Louis Post and Dispatch*, Colonel Cockerill⁶², que “empregou novos repórteres e os ensinou a procurar por notícias animadas e de ‘interesse humano’, com não pouca ênfase em fofoca, escândalo e sensação em geral”⁶³ (MOTT, 1959, p. 434).

Joseph Pulitzer retomou a prática da *penny press* de vender jornais a um centavo de dólar, um dos fatores que fizeram a circulação do *World* saltar de 15 mil para 60 mil em um ano. Em 1886, três anos após Pulitzer tê-lo assumido, o *World* tinha circulação de mais de 250 mil exemplares (SCHUDSON, 2010, p. 111). “Quando ele alcançou os seus primeiros 100 mil exemplares, no dia 2 de setembro de 1884, Pulitzer ordenou o disparo de 100 armas no *City Hall Park* e presenteou cada empregado com uma cartola de seda”⁶⁴ (MOTT, 1959, p. 435).

Ele também adotou medidas que tornaram o jornal mais atrativo aos imigrantes, já que o número de estrangeiros (640 mil) representava 40% do total da população de Nova Iorque, em 1890. Essas inovações consistiam em conteúdos e linguagem relativamente simples – para atrair leitores que ainda não conseguiam ler muito bem em inglês – e o uso de caricaturas, desenhos e diferentes tipos de títulos (SCHUDSON, 2010, p. 117, 118).

O jornalista e historiador Frank Luther Mott resume as razões do sucesso do *New York World* em seis pontos: boa cobertura apimentada com sensacionalismo, jornalismo performático⁶⁵ e cruzadas, editoriais de alto nível, número de páginas, uso de ilustrações e promoções oferecidas aos leitores (MOTT, 1959, p. 439).

Com relação à boa cobertura do *World*, Mott reforça que, apesar do “colorido” muito presente nas notícias, assuntos sérios e importantes eram a “espinha dorsal” do jornal. “Notícias importantes e significativas não eram, de maneira nenhuma,

⁶¹ Texto original: “*The lessons he learned in St. Louis were indispensable for leading a revolution in New York City*” (JUERGENS, 1966, p. 28).

⁶² Segundo Frank Luther Mott, muitos consideram Cockerill o “verdadeiro ‘pai’ do Novo Jornalismo” (MOTT, 1959, p. 440).

⁶³ Texto original: “[...] *employed new reporters and taught them to seek for lively, ‘human interest’ news, with no little emphasis on gossip, scandal, and sensation in general*” (MOTT, 1959, p. 434).

⁶⁴ Texto original: “*When it reached its first 100,000 on September 2, 1884, Pulitzer had 100 guns fired off in the City Hall Park and gave every employee a tall silk hat*” (MOTT, 1959, p. 435).

⁶⁵ A expressão “jornalismo performático” será adotada neste trabalho como equivalente à original em inglês *stunt journalism*, acolhendo sugestão do pesquisador e professor da UFSC Eduardo Meditsch, na banca de qualificação da autora desta dissertação.

negligenciadas”⁶⁶ (Idem, p. 436). Esse lado mais sensato do *World* era reforçado por sua página editorial, a seção que mais interessava Pulitzer, segundo Mott, e que cumpria um papel de “porta-voz das ideias liberais na América”. “O jornal era fortemente contrário ao monopólio e a favor de impostos sobre renda e herança; e frequentemente ficava do lado dos sindicalistas em situações de greve”⁶⁷ (MOTT, 1959, p. 438).

O número de páginas é mencionado como uma das características que contribuiu para o sucesso do *World* porque o jornal manteve o preço de dois centavos mesmo quando chegou a ter 16 páginas no início da década de 1890 – o tamanho inicial era a metade, oito páginas (Ibidem). A respeito das ilustrações, embora hoje em dia possam parecer pequenas e em pouca quantidade, elas eram abundantes para a época (MOTT, 1959, p. 438).

Além disso, Pulitzer teria antecipado uma prática amplamente utilizada pelos jornais até hoje (mas agora com fotografias): os desenhos na parte superior da capa chamavam a atenção de quem passava pelas bancas e via os jornais dobrados (JUERGENS, 1966, p. 30). Outra característica destacada por Frank Luther Mott como um dos motivos para o sucesso do *World* também é empregada pelos veículos de comunicação contemporâneos, as promoções. A oferta de um kit de utensílios de cozinha em aço inox como brinde para quem assina a revista *Caras* é apenas um exemplo da atualização dos cupons e concursos que o *World* oferecia aos leitores com o objetivo de alavancar as vendas.

Por último, as cruzadas e o jornalismo performático. As cruzadas podem ser resumidas como campanhas que, geralmente, tinham uma causa nobre na qual os leitores eram envolvidos. A mais famosa cruzada promovida pelo *World* aconteceu em 1885: o jornal estimulou seus leitores a contribuir com pequenas somas (um dólar ou menos) para acumular a quantia necessária à construção da base para a “Estátua da Liberdade”, que viria a se tornar um grande símbolo de Nova Iorque.

Como argumento para convencer seus leitores a contribuir, o *World* argumentou que a estátua era um presente da França pago com o dinheiro do povo francês, portanto a parte que cabia ao presenteado deveria ser responsabilidade do povo estadunidense.

⁶⁶ Texto original: “*Important and significant news was by no means neglected*” (MOTT, 1959, p. 436).

⁶⁷ Texto original: “*The paper was strongly antimonopoly, favored income and inheritance taxes, and commonly sided with the unions in strike situations*” (MOTT, 1959, p. 438).

“Este não é um presente dos milionários da França para os milionários da América”⁶⁸ (HEATON, 1913, p. 39). Assim, a campanha, que começou no dia 15 de março de 1885, levou quatro meses para reunir a quantia necessária para construir a base para o monumento (100 mil dólares). A inauguração da Estátua da Liberdade aconteceu em outubro de 1886.

O jornalismo performático é definido pelo historiador Frank Luther Mott como um tipo de reportagem que utilizava um método particular para obter as informações. “Um escritor inteligente e aventureiro assume um disfarce ou forja documentos para conseguir entrar em um hospital, prisão ou manicômio e depois faz da narrativa de suas experiências uma denúncia da administração da instituição”⁶⁹ (MOTT, 1959, p. 442). Mott lembra que esse tipo de reportagem era feito tanto por repórteres homens quanto mulheres e cita Nellie Bly. “[...] talvez o *stunt* mais espetacular tenha sido a viagem de volta ao mundo de Nellie Bly⁷⁰ contra o tempo”⁷¹ (Idem, p. 437).

Além das características destacadas por Frank Luther Mott, James Melvin Lee afirma que o *New York World* recuperou o cartum, “o editorial sem palavras do jornalismo americano” e foi o primeiro jornal dos Estados Unidos a publicá-lo com regularidade (LEE, 1917, p. 362). E foi o personagem *yellow kid*, que aparecia nos cartuns das edições de domingo na década de 1890, o responsável pela criação da expressão *yellow journalism*, que no Brasil acabou sendo adaptada para “jornalismo marrom” – expressão adotada na tradução de obras em inglês para o português.

Ao livrar-se do controle político no século XIX, o jornalismo procurou seu primeiro grande público com base no crime, no escândalo, nas emoções fortes e no endeusamento das celebridades. Foram os anos de William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer e a chamada “imprensa marrom” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 63).

⁶⁸ Texto original: “*It is not a gift from the millionaires of France to the millionaires of America*” (HEATON, 1913, p. 39).

⁶⁹ Texto original: “[...] *a clever and adventurous writer assumes a disguise or forges documents to gain admission to a hospital, jail, or asylum, and then makes the narrative of his experiences an exposé of the administration of the institution*” (MOTT, 1959, p. 442).

⁷⁰ Ver nota de rodapé 42.

⁷¹ Texto original: “[...] *perhaps the most spectacular ‘stunt’ was Nellie Bly’s voyage around the world against time*” (MOTT, 1959, p. 437).

O termo usado de forma genérica para se referir a veículos sensacionalistas teria surgido, então, da disputa travada inicialmente entre o *New York World* e o *New York Journal*, e posteriormente espalhada pelos jornais estadunidenses, no final da década de 1890. Frank Luther Mott considera o *yellow journalism* como uma das fases mais marcantes da história do jornalismo dos Estados Unidos, no período entre 1892 e 1914 (MOTT, 1959, p. 519).

Em 1895, William Randolph Hearst comprou o *New York Journal*, que havia sido lançado pelo irmão de Pulitzer em 1882. “Ele aumentou o tamanho do *Journal*, cortou seu preço para um centavo e atraía repórteres de outros jornais com salários mais altos”⁷² (EAMAN, 2009, p. 163).

O *Journal* e o *World* publicavam textos mais literários, narrativos, o que os fazia “nitidamente distintos” dos outros jornais da época, como o *Sun*, o *Herald*, o *Tribune* e o *Times*, que davam prioridade ao texto informativo (SCHUDSON, 2010, p. 107). A diferença entre os dois modelos estava diretamente ligada às vendas: o *World* tinha duas edições diárias – uma matinal e outra vespertina – e sua tiragem era de 600 mil exemplares e a do *Journal* era de 430 mil, enquanto as duas edições do *Sun* vendiam 130 mil; o *Herald*, 140 mil; o *Evening Post*, 19 mil; o *Tribune*, 16 mil; e o *Times*, nove mil (Idem, p. 132).

Embora o *yellow journalism* tenha seguido um caminho de sucesso crescente até atingir o ápice na virada do século, como aponta Frank Luther Mott (1959, p. 539), em 1896 começou um momento de virada no jornalismo estadunidense, quando o *New York Times* foi comprado por Adolph Ochs e o jornal passou por várias mudanças. Em 1898, seu preço de venda passou de três para um centavo, elevando sua tiragem “de 25 mil para 75 mil, e depois disso continuou a crescer de forma constante: 82 mil, em 1900; 121 mil, em 1905; 192 mil, em 1910 e 343 mil, em 1920” (SCHUDSON, 2010, p. 136).

Ochs estava determinado a fazer um jornal que representasse um contraponto aos *yellow papers* e fez, de modo conservador, mudanças aos poucos. A reportagem internacional ganhou fôlego com trocas de notícias especiais com o *Times* de Londres e suplementos especiais de sábado a segunda ajudaram a alavancar as vendas.

Mas a explicação para que o *New York Times* tenha triunfado e o *World* decaído reside na valorização da “objetividade”. Apesar do termo ainda não ser usado na virada do século, Michael Schudson argumenta que “declarações consensualmente validadas

⁷² Texto original: “He increased the size of the *Journal*, cut its price to a penny, and lured reporters from other papers with higher salaries” (EAMAN, 2009, p. 163).

sobre o mundo, com base numa separação radical entre fatos e valores” passaram a ser o ideal do jornalismo no século XX (SCHUDSON, 2010, p. 144).

Pulitzer entrou para a história, no entanto, não apenas pelo trabalho desenvolvido no *World*. Ele fundou uma das primeiras faculdades de jornalismo dos Estados Unidos, a *School of Journalism* da *Columbia University* (Nova Iorque), em 1912, e o prêmio mais cobiçado por jornalistas e escritores estadunidenses leva seu nome.

Para o jornalismo, “sua importância real é que ele introduziu conceitos revolucionários à profissão e, com o seu sucesso, apontou o caminho para outros seguirem”⁷³ (JUERGENS, 1966, p. 42). O trabalho de repórteres mulheres, por exemplo, se tornou mais proeminente no período em que o *World* era o jornal mais popular dos Estados Unidos e Nellie Bly, uma das jornalistas mais célebres do final do século XIX, atingiu o auge de sua carreira quando trabalhou para o *World*, entre 1887 e 1890.

⁷³ Texto original: “his real significance is that he introduced revolutionary concepts to the profession, and by his success pointed the way for others to follow” (JUERGENS, 1966, p. 42).

2 A TRAJETÓRIA E A OBRA DE NELLIE BLY

A adoção de novos pontos de vista para analisar o passado se tornou frequente com a “nova história”. Para conceituar esse movimento, Peter Burke faz uma comparação com o seu oposto. “A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn” (BURKE, 1992, p. 10).

Burke resume, então, a nova história em seis pontos: o foco deixa de ser a política e toda atividade humana se torna objeto de estudo; em vez da narrativa dos acontecimentos, passa-se a fazer análises das estruturas, observando mudanças econômicas e sociais de longo prazo; no lugar dos “grandes feitos dos grandes homens”, as pessoas comuns passam a ser levadas em consideração; os pesquisadores deixam de se basear apenas em documentos oficiais para buscar outras fontes, como jornais, cartas e diários; os diversos lados de uma questão (movimentos coletivos, relações individuais, tendências e acontecimentos) passam a ser considerados; e, por último, o antigo ideal da objetividade “é, em geral, considerado irrealista” (BURKE, 1992, p. 10-15).

Essa corrente histórica possibilitou, então, novas abordagens acerca de eventos passados; uma delas diz respeito à participação da mulher. “A descolonização e o feminismo, por exemplo, são dois movimentos que obviamente tiveram grande impacto sobre a escrita histórica recente” (Idem, p. 20). Também se opondo à perspectiva tradicional de que apenas grandes feitos merecem entrar para a história, Laurel Thatcher Ulrich acredita que essa ideia é muito limitante.

Se as mulheres ocupam o centro fixo da vida e se a história é vista como uma progressão linear de eventos públicos, um panorama cambiante de guerras e reinos, então somente aqueles que, mediante um comportamento chocante, intervenção divina ou mera habilidade, entram para a corrente de consequência pública, têm uma história. O problema com esse argumento é que ele não limita apenas as mulheres. Ele também limita a história⁷⁴ (ULRICH, 2007, p. xxi, xxii).

⁷⁴ Texto original: “*If women occupy the fixed center of life, and if history is seen as a linear progression of public events, a changing panorama of wars and kingdoms, then only those who through outrageous behavior, divine intervention, or sheer genius step into the stream of public consequence have a history. The problem with this argument is not only that it limits women. It also limits history*” (ULRICH, 2007, p. xxi, xxii).

Repensar o passado, entretanto, não é uma tarefa fácil. Questionar o que era tido como certo e inabalável provoca desconforto.

[...] a história das mulheres traz à luz as questões de domínio e de objetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas. A solicitação supostamente modesta de que a história seja suplementada com informação sobre as mulheres sugere, não apenas que a história como está é incompleta, mas também que o domínio que os historiadores têm do passado é necessariamente parcial (SCOTT, 1992, p. 79).

Além de incomodar, torna-se, por sua vez, alvo de incômodo. Uma das críticas, a ideia de que a história das mulheres seria ideológica, é rebatida pela professora de Princeton (EUA) Joan Scott. “O rótulo ‘ideológico’ proporciona às opiniões dissidentes uma ideia de inaceitabilidade e dá às opiniões predominantes uma condição de lei indiscutível ou ‘verdade’” (Ibidem).

A historiadora francesa Michelle Perrot relembra dois estereótipos muito comuns atribuídos às mulheres: a concepção de que elas são “origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida” e o exato contrário, a imagem da mulher como “potência civilizadora” (PERROT, 1988, p. 168).

A pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes (Idem, p. 169, 170).

Assim, ao mesmo tempo em que comemora essa “fase de reavaliação eufórica da história das mulheres”, citando alguns pesquisadores que contribuíram para essa reconsideração do passado, Perrot pondera que “a análise do poder das mulheres também é um jogo de poder” (Idem, p. 172).

Assim como a historiadora francesa faz essa reserva, seu colega inglês Peter Burke também menciona que a nova história, apesar de possibilitar uma ampliação do entendimento do passado como um todo, tem seus problemas de definição, de fontes, de explicação e de síntese, o que mostra uma distância da ideia de “história total”. “Na

verdade, seria irrealista acreditar que esse objetivo poderia um dia ser alcançado – mas alguns passos foram dados em sua direção” (BURKE, 1992, p. 37).

Assim, com a consciência das limitações e dos impasses que condicionam uma pesquisa com perspectiva histórica, este capítulo conterà uma apresentação sobre o trabalho das mulheres no final do século XIX no ocidente, de forma geral, para chegar a uma trabalhadora específica, a jornalista estadunidense Nellie Bly.

2.1 Um novo status para as mulheres no final do século XIX

Como já foi mencionado no Capítulo 1, as últimas décadas do século XIX apresentaram muitas transformações, entre as quais estão os consideráveis avanços para as mulheres, principalmente nos países ocidentais mais desenvolvidos, como Estados Unidos e Inglaterra. Depois da Guerra Civil, as mudanças – para melhor – no *status* da mulher estadunidense eram inegáveis. “Os tribunais abriam exceções, de forma crescente, à doutrina do direito comum da mulher como uma criatura a ser mantida na palma da mão do homem e concediam a ela direitos iguais perante os magistrados”⁷⁵ (JUERGENS, 1966, p. 134).

Aquela que é considerada como a “Primeira Onda” do feminismo data do final do século XIX.

O feminismo de primeira onda surgiu no contexto da sociedade industrial e da política liberal, mas está ligado tanto ao movimento liberal pelo direito das mulheres quanto ao incipiente feminismo socialista do final do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos e na Europa⁷⁶ (KROLOKKE; SORENSEN, 2006, p. 1).

O marco desse movimento teria sido a “Convenção de *Seneca Falls*”, que reuniu 300 homens e mulheres em 1848 e da qual resultou a “Declaração de *Seneca Falls*”. Esboçada por Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), a Declaração deu origem ao movimento sufragista nos Estados Unidos (Idem, p. 3).

⁷⁵ Texto original: “*The courts increasingly took exception to the common law doctrine of woman as a creature to be held in the palm of man’s hand, and of woman as a creature to be held in the palm of man’s hand, and accorded her equal rights before the bench*” (JUERGENS, 1966, p. 134).

⁷⁶ Texto original: “*First-wave feminism arose in the context of industrial society and liberal politics but is connected to both the liberal women’s rights movement and early socialist feminism in the late 19th and early 20th century in the United States and Europe*” (KROLOKKE; SORENSEN, 2006, p. 1).

O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança (PEDRO, 2005, p. 79).

Nos países onde o sufrágio universal já havia sido implantado no final do século XIX, a mulher continuava excluída do processo, o que “acentuou a tendência de separação entre os sexos” (PERROT, 1988, p. 209, 210). O país pioneiro foi a Nova Zelândia, onde as mulheres obtiveram o direito ao voto em 1893; a Austrália deu o mesmo passo em 1908 (BEAUVOIR, 1949, p. 207). Na Inglaterra, o movimento sufragista surgiu por volta do fim do século, mas a meta dessa batalha só foi alcançada em 1928.

Nos Estados Unidos, embora o sufrágio feminino tenha sido aprovado apenas em 1920 em todo o país, alguns Estados instituíram essa prática ainda no final do século XIX, com o pioneirismo do Wyoming.

Em 1869, ela [Susan B. Anthony] fundou a Associação nacional para o sufrágio feminino e nesse mesmo ano o Estado do Wyoming concede o direito das mulheres ao voto. Mas foi somente em 1893 que o Colorado, depois em 1896, Idaho e Utah seguiram esse exemplo. Em seguida, o progresso é muito lento⁷⁷ (BEAUVOIR, 1949, p. 210).

No Brasil, o voto feminino foi excluído das discussões da Assembleia Constituinte de 1891. Apoiando-se na ideia de que estavam incluídas na categoria de “cidadãos brasileiros”, a primeira mulher aceita na Ordem dos Advogados Myrthes de Campos e a professora Leolinda Daltro fizeram pedido de alistamento eleitoral, o que lhes foi negado. O decreto estabelecendo o voto feminino no Brasil é de 1932 e o direito foi garantido “com a inclusão do artigo 108 na Constituição de 1934” (SOIHET, 2012, p. 226).

Em seu “A era dos impérios”, que aborda o período de 1875 a 1914, o historiador Eric Hobsbawm dedica um capítulo à “Nova Mulher”. Em termos mais gerais, ele aborda as mudanças que, embora fossem lentas, definiram um novo *status* das mulheres,

⁷⁷ Texto original: “En 1869, elle [Susan B. Anthony] fonde l’Association nationale pour le suffrage des femmes et cette même année l’État du Wyoming accorde le droit de vote aux femmes. Mais c’est seulement en 1893 que le Colorado, puis en 1896 l’Idaho et l’Utah suivent cet exemple. Ensuite les progrès sont très lents” (BEAUVOIR, 1949, p. 210).

cujo reflexo podia ser observado na maneira como elas eram retratadas nos romances da época.

A “emancipação feminina” era ainda bastante modesta a essa altura, mesmo tendo o período produzido um pequeno – mas sem precedentes – número de mulheres ativas em campos até então restritos exclusivamente aos homens e onde de fato elas se distinguiam notavelmente. [...] Ainda assim, era suficientemente ampla para produzir não apenas um punhado de pioneiras, mas – dentro dos meios burgueses – uma espécie nova, a “nova mulher”, sobre a qual, de 1880 em diante, os observadores do sexo masculino teorizaram e discutiram e que foi a protagonista dos escritores “progressistas” (HOBSEAWM, 2001, p. 272).

Hobsbawm destaca três razões que explicariam o surgimento da “nova mulher” no final do século XIX: a expansão da educação secundária para meninas, maior liberdade de movimentos e a atenção pública concedida às mulheres (Idem, p. 286-291).

Na França, por exemplo, onde não havia escolas secundárias para meninas em 1880, em 1913 elas já eram 138 e “o número de meninas que os frequentavam (cerca de 33 mil) alcançou um terço do número de meninos” (HOBSEAWM, 2001, p. 286, 287). O historiador relata avanços semelhantes na Inglaterra, Alemanha e na Rússia. “O simples fato de a educação secundária formal para mulheres da classe média se haver tornado familiar e, em certos países, quase normal, em dados círculos, era coisa absolutamente sem precedentes” (Idem, p. 288).

Além da educação secundária, a possibilidade de entrar na universidade na Rússia, nos EUA e na Suíça, por exemplo, desde a década de 1860, ajudava a mudar o *status* das mulheres nesse final de século (HOBSEAWM, 2001, p. 287). Nos Estados Unidos, o número de mulheres que obtinham um diploma universitário mais do que triplicou entre 1870 e 1895. “Apenas 1.378 mulheres receberam diploma de bacharelado nos Estados Unidos em 1870, aproximadamente um para cada seis homens. Vinte e cinco anos mais tarde, esse número havia crescido para 4.383 (cerca de um para cada quatro homens)”⁷⁸ (JUERGENS, 1966, p. 134). Ainda segundo Juergens, 210 mulheres concluíram o mestrado e 25, o doutorado no país norte-americano, em 1895 (Ibidem).

⁷⁸ Texto original: “*Only 1,378 women received bachelor’s degree in the United States in 1870, about one to every six men. Twenty-five years later their number had grown to 4,383 (about one to every four men)*” (JUERGENS, 1966, p. 134).

As mulheres brasileiras conquistaram o direito de frequentar instituições de ensino superior a partir de 1879. Porém, “enquanto os rapazes cursavam o ensino secundário, que possibilitava o acesso aos cursos superiores, as moças que prosseguiram os estudos encaminhavam-se para as escolas normais, destinadas ao exercício do magistério elementar” (SOIHET, 2012, p. 222).

A carreira do magistério era tida como mais “apropriada” às mulheres por suas habilidades para cuidar de crianças e por ser conciliável com as “obrigações do lar”, pois podia ser um trabalho de meio período. “Entre 1835 e 1890, o magistério tornou-se basicamente feminino [...], na medida em que passou a ser visto como um campo por excelência das mulheres, apreciadas como mais capazes de cuidar, educar e disciplinar as crianças” (MATOS; BORELLI, 2012, p.137). Portanto, ainda que de forma limitada, mesmo no Brasil as mulheres já conseguiam estudar no século XIX.

O segundo fator de mudança no *status* da mulher para o qual Hobsbawm chama a atenção era a maior liberdade de movimentos que elas passaram a ter “tanto em seu próprio direito como pessoas quanto nas suas relações com os homens” (HOBSBAWM, 2001, p. 288). A prática de dançar em lugares públicos destinados a esse fim é um dos aspectos dessa liberdade de movimentos. A historiadora Michelle Perrot também menciona o baile “como local de encontro entre os sexos separados pela cidade” e considera que se deva prestar atenção a ele (1988, p. 222). A popularização do baile também pode ser observada em pinturas da época, como nos quadros “Dança em Bougival” (1883) e “Baile do *Moulin de la Gallette*” (1876), ambos do pintor francês Auguste Renoir (1841-1919).

A moda é outro ponto destacado por Hobsbawm em relação à liberdade de movimentos que as mulheres estavam adquirindo nesse final de século. Embora os limitantes espartilhos só tenham desaparecido após a Primeira Guerra Mundial, o historiador explica que “pelas vogas do esteticismo intelectual da década de 1880, do *art-nouveau* e da alta-costura pré 1914” o uso de “roupas soltas e flutuantes foi antecipado” (HOBSBAWM, 2001, p. 288).

Com isso, a prática de esportes também se tornava mais fácil para as mulheres, que passavam a ser sócias de “novos clubes de turismo e de alpinismo, e aquela grande máquina de liberdade, a bicicleta, emancipou mais a mulher que o homem” (HOBSBAWM, 2001, p. 288). O historiador considera difícil, no entanto, medir o quanto essa liberdade se estendia à sexualidade feminina.

Em que medida esse aumento da liberdade de movimentos significou maior liberdade sexual para as mulheres da classe média, é difícil precisar. Sexo sem casamento era ainda, decerto, restrito a uma minoria de jovens conscientemente emancipadas desta classe, que, quase com certeza, buscavam outras expressões de liberação, políticas ou outras (Idem, p. 289).

Assim, em um cenário em que as mulheres de classe média dos países desenvolvidos tinham mais chance de estudar e possuíam maior liberdade de movimentos, elas passaram também a ser alvo da “atenção pública”.

O terceiro sintoma de mudança era a atenção pública, acentuadamente maior, concedida às mulheres, como um grupo que possuía interesses e aspirações especiais como pessoas. Sem dúvida o faro comercial foi o primeiro a sentir o cheiro do mercado especial formado pelas mulheres (HOBSBAWM, 1988, p. 291).

Um dos exemplos dados pelo historiador de como o mercado percebeu essas novas consumidoras é o dos jornais diários. O pesquisador e professor da *Columbia University* Michael Schudson também menciona essa percepção que a imprensa teve nas últimas décadas do século XIX.

Muitos bens antes produzidos pelas mulheres em casa, para uso doméstico, eram agora manufaturados fora do lar, para ser comprados pelas mulheres. [...] Os anunciantes, e especialmente as lojas de departamento, perseguiram um público feminino e mostravam-se verdadeiramente impressionados pelos notáveis esforços dos jornais em atrair leitoras (SCHUDSON, 2010, p. 120).

Esses esforços dos jornais para atrair leitoras significavam reformulações em seus conteúdos. “Uma revolução de tais dimensões deve ter, claramente, influenciado a imprensa, não apenas despertando-a para o potencial das mulheres como leitoras de jornal, mas determinando que seu conteúdo para mulheres incluísse mais do que receitas e moda”⁷⁹ (JUERGENS, 1966, p. 134, 135).

⁷⁹ Texto original: “Clearly a revolution of such dimensions must have influenced the press, not only by awakening it to women’s potential as newspaper readers, but by determining that its content for women would include more than recipes and fashions” (JUERGENS, 1966, p. 134, 135).

No entanto, Michael Schudson faz uma ressalva. “O que permanecia ‘subindo’ em importância não era, em primeira instância, a mulher, mas o *consumo*, o lado da vida econômica pelo qual as mulheres eram convencionalmente mais responsáveis que os homens” (SCHUDSON, 2010, p. 120). Michelle Perrot também observa o desenvolvimento da ideia da mulher como “patroa” na França e na Inglaterra do século XIX.

Na esfera autonomizada da mercadoria, a mulher burguesa e mesmo operária seria soberana, decidindo as compras, a difusão do gosto, o sucesso da moda, motor da indústria essencial, o têxtil, reinando sobre o consumo. Símbolo desse poderio: a linguagem publicitária que se dirige primeiramente a ela; os Grandes Magazines, espaço feminino por excelência, seu reinado (PERROT, 1988, p. 179).

Para Perrot, embora muitas mulheres fossem apenas administradoras do dinheiro ganho pelo marido, esse encargo possibilitava certo poder a elas. No entanto, era uma grande responsabilidade e elas tendiam a priorizar as necessidades dos filhos e dos maridos, em vez das suas próprias (Idem, p. 181).

Havia, ainda, outro lado nefasto dessa questão: “a noção de que o salário de um homem tinha de ser suficiente não só para a sua própria subsistência mas também para manter uma família” era uma das desculpas para que as mulheres recebessem salários mais baixos para desempenhar a mesma função que um homem (SCOTT, 1991, p. 456). Portanto, além de serem administradoras dos salários de seus maridos, as mulheres também estavam trabalhando mais no século XIX, mas não sem dificuldades.

2.2 Mulheres, ao trabalho

As mudanças no status das mulheres no decorrer do século XIX estão relacionadas, também, à sua maior participação no mercado de trabalho. “A partir do século XIX, o processo de industrialização favoreceu a extensão do trabalho feminino assalariado. Para um número crescente de mulheres, trabalhar torna-se um sinônimo de ganhar um salário seja como operária, seja como doméstica” (LIPOVETSKY, 2000, p. 205).

Ao reconhecer a importância da entrada das mulheres no mercado de trabalho, Simone de Beauvoir faz uma ressalva a respeito das condições em que essa abertura se

deu. “[...] foi pelo trabalho que a mulher conquistou sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista particularmente dura e lenta”⁸⁰ (BEAUVOIR, 1949, p. 193). Hobsbawm também pondera: “Havia, realmente, um número grande e crescente de mulheres trabalhadoras cujos padrões de vida haviam sido ou estavam sendo transformados – não necessariamente para melhor – pela revolução econômica” (HOBSBAWM, 2001, p. 277).

A historiadora Joan Scott problematiza um pouco mais a questão ao enfatizar a proeminência que a mulher trabalhadora ganhou no século XIX. Para ela, era menos o aumento do seu número ou a mudança de local, qualidade ou quantidade do trabalho feminino e mais a “preocupação dos seus contemporâneos com o gênero”⁸¹ como uma divisão do trabalho” que provocou maior atenção às mulheres naquele momento (SCOTT, 1991, p. 474). Ela explica:

A visibilidade da mulher trabalhadora resultou de sua percepção como um problema, um problema de criação recente e que exigia uma resolução urgente. Este problema implicava o próprio sentido da feminilidade e a sua compatibilidade com o trabalho assalariado; foi posto e debatido em termos morais e categoriais. [...] quer fosse tomada como o exemplo último das tendências destrutivas do capitalismo ou como prova das suas progressivas potencialidades, as questões que ela levantava eram as mesmas: deve a mulher trabalhar por um salário? (Idem, p. 443).

Primeiramente, Scott recusa a tentativa de se explicar esse “problema” da mulher trabalhadora em função da mudança do local de trabalho da casa para a fábrica, o que prejudicaria o desempenho das obrigações de mãe. A historiadora rejeita esse argumento porque mesmo antes do século XIX as mulheres já trabalhavam fora.

No período anterior à industrialização as mulheres já trabalhavam regularmente fora de casa. Mulheres casadas e solteiras vendiam produtos nos mercados, ganhavam dinheiro com o pequeno comércio ou como vendedoras ambulantes, empregavam-se como trabalhadoras ocasionais, amas ou lavadeiras, produziam olaria, seda, rendas, roupa,

⁸⁰ Texto original: “[...] *c’est par le travail que la femme a conquis sa dignité d’être humain; mais ce fut une conquête singulièrement dure et lente*” (BEAUVOIR, 1949, p. 193).

⁸¹ “Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo de definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

objetos de metal, ferragens, panos, tecidos e chita em oficinas. Se o trabalho entrava em conflito com o cuidado dos filhos, as mães entregavam os seus bebês a amas de leite ou a outras pessoas que tomavam conta deles em vez de desistir do emprego (SCOTT, 1991, p. 447).

Para a historiadora o “problema” da mulher trabalhadora no século XIX é resultado de “processos discursivos pelos quais se constituíram as divisões sexuais do trabalho” (Idem, p. 454). Esses discursos tinham origem na economia política, nos empregadores, nos sindicatos e na legislação.

Da economia política vinha a ideia de que os salários dos homens deveriam ser mais altos porque eles eram responsáveis não só por eles, mas por suas famílias. Consequentemente, o salário das mulheres era menor porque era visto como um complemento à renda familiar. Além desse argumento que visava torná-las dependentes dos homens, “as mulheres solteiras que viviam fora de um contexto familiar e as que eram o único sustento dos seus lares seriam forçosamente pobres” (SCOTT, 1991, p. 456).

Para os empregadores, essa lógica era muito conveniente: contratar mulheres significava economizar nos custos de produção. Ao especificar os termos da contratação, certos postos eram destinados exclusivamente às mulheres, o que reforçou uma divisão sexual do trabalho e resultou na criação da categoria do “trabalho feminino”. A mulher era tida como “naturalmente” apta para certas funções.

Nas áreas em expansão do trabalho qualificado e do colarinho branco, as mulheres eram vistas como empregadas adequadas por múltiplas razões. No ensino e na enfermagem considerava-se que as mulheres exprimiam a sua natureza carinhosa; a datilografia era comparada a tocar piano; as tarefas de escritório ajustavam-se supostamente à sua natureza submissa, à sua capacidade para tolerar tarefas repetitivas e ao seu gosto pelo pormenor. Estes traços eram julgados “naturais”, assim como o era o fato de o custo da mão de obra feminina ser necessariamente mais baixo do que o da masculina (SCOTT, 1991, p. 456).

Os sindicatos, chefiados por homens, também se apropriavam do discurso de que algumas funções eram mais adequadas às mulheres por razões “naturais”. O objetivo era “proteger os seus empregos e salários mantendo as mulheres afastadas das suas profissões e, a longo prazo, afastadas do mercado de trabalho” (Idem, p. 464). Assim,

Tal como os empregadores (embora nem sempre pelas mesmas razões), os oradores dos sindicatos invocavam estudos médicos e científicos para argumentar que as mulheres não eram fisicamente capazes de desempenhar “trabalho de homem”, ao mesmo tempo que vaticinavam perigos para a sua moralidade (SCOTT, 1991, p. 465).

Segundo Scott, as mulheres eram admitidas em muitos sindicatos e até chegaram a formar alguns, mas havia casos curiosos. No norte da França, por exemplo, as mulheres tinham que levar autorizações por escrito, dos maridos ou dos pais, para terem o direito de falar nas reuniões. Nos sindicatos de tipógrafos da Inglaterra, França e Estados Unidos, para que uma mulher fosse admitida como membro era necessário que ela ganhasse salário igual ao dos homens. “Em vez de fazer do salário igual objetivo sindical a favor das mulheres, ele tornava-se pré-requisito de filiação” (Idem, p. 467).

A filósofa francesa Simone de Beauvoir também observa que as mulheres demoraram a se organizar em sindicatos, o que teve como consequência a demora na regulamentação dos serviços desempenhados por elas e a manutenção de salários muito baixos (BEAUVOIR, 1949, p. 196, 197).

Por fim, a legislação criada ao longo do século XIX com o intuito de proteger mulheres e crianças trabalhadoras acabou por reforçar a divisão sexual do trabalho. “Ao definir o papel reprodutor da mulher como primário, o Estado reforçou o estatuto secundário da sua atividade produtiva” (SCOTT, 1991, p. 470).

O questionamento feito por Joan Scott é fundamental para que se tenha uma visão crítica da condição da mulher trabalhadora durante o século XIX. Continua sendo atual a ideia de que o trabalho é o caminho para a mulher conquistar sua liberdade. Mas, em vez de simplesmente exaltá-lo, é preciso entender as condições em que se dá a inclusão da mão de obra feminina.

De toda forma, a análise de Scott a respeito da proeminência que a mulher ganhou no século XIX não exclui o fato de que houve realmente um aumento considerável da participação feminina no mercado de trabalho no final do século, nos países mais desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, a proporção de mulheres na indústria aumentou de um oitavo para um quinto, entre 1870 e 1900, acompanhando um crescimento geral de trabalhadores assalariados no país, que passou de 12 para 29 milhões nesse período (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 293).

Um dos pontos cruciais para que o número de mulheres trabalhadoras tenha aumentado no final do século XIX foi a queda no índice de natalidade. “Um dos problemas essenciais que se colocam à mulher é [...] a conciliação de seu papel reprodutor e de seu trabalho produtor”⁸² (BEAUVOIR, 1949, p. 197). Essa diminuição no número de filhos por família, cujas razões Hobsbawm considera um “enigma”, também é mencionada pelo historiador como um fator determinante para a maior presença de mulheres no mercado de trabalho.

No Ocidente, o declínio das taxas de natalidade e o de mortalidade eram melhor coordenados. Ambos, evidentemente afetavam a vida e os sentimentos das mulheres.

[...] O aumento do controle da natalidade indica, portanto, certa penetração de novas estruturas, valores e expectativas na esfera das mulheres trabalhadoras ocidentais (HOBSBAWM, 2001, p. 273, 275).

Nesse contexto, então, apesar de todos os problemas que as mulheres enfrentavam ao serem incluídas no mercado de trabalho, elas eram cada vez mais numerosas. “A despeito de todas essas dificuldades, a evolução do trabalho feminino continuou”⁸³ (BEAUVOIR, 1949, p. 197). Nos Estados Unidos e na Inglaterra, uma área em que elas passaram a ocupar mais espaço foi o jornalismo.

2.3 Lugar de mulher é na redação

Pode-se afirmar que a participação das mulheres na produção jornalística dos Estados Unidos ocorreu desde o início da atividade. “Sabemos, por exemplo, que a primeira prensa nas colônias americanas (estabelecida [...] em 1638) pertencia a uma mulher e que pelo menos 17 mulheres trabalhavam como tipógrafas na América colonial antes da ratificação da Constituição, em 1788”⁸⁴ (WHITT, 2008, p. 4).

Como este trabalho se concentra no século XIX, este será o período abordado também para falar sobre o trabalho feminino na área do jornalismo. Há registros de uma

⁸² Texto original: “*Un des problèmes essentiels qui se posent à propos de la femme, c’est [...] la conciliation de son rôle reproducteur et de son travail producteur*” (BEAUVOIR, 1949, p. 197).

⁸³ Texto original: “*En dépit de toutes ces difficultés, l’évolution du travail féminin s’est poursuivie*” (BEAUVOIR, 1949, p. 197).

⁸⁴ Texto original: “*We know, for example, that the first press in American colonies (established [...] in 1638) was owned by a woman, and that at least seventeen women worked as printers in colonial America before the ratification of the Constitution in 1788*” (WHITT, 2008, p. 4).

revista voltada às mulheres que data de 1830, a *Godey's Lady's Book*, da cidade estadunidense de Filadélfia (Pensilvânia). O dono era um homem, Louis A. Godey, mas Sara Josepha Hale foi coeditora do periódico entre 1836 e 1877.

Essa, que é a mais importante das primeiras revistas para mulheres, é mais lembrada por suas charmosas gravuras pintadas a mão de roupas da moda daqueles tempos. Mas a *Godey's* continha estórias sentimentais e poemas escritos por quase todos os autores americanos mais famosos da época, e estabeleceu um novo recorde para a circulação de revistas para mulheres com 150.000 [exemplares] no final dos anos 1850⁸⁵ (MOTT, 1959, p. 320).

No período da *penny press*, alguns jornais voltados às mulheres surgiram em Nova Iorque, como o *Woman* (1834) e o *Ladies Morning Star* (1836). O segundo não demorou muito para mudar o nome apenas para *Morning Star*, uma vez que a circulação ficou estagnada em dois mil exemplares diários (STEFFENS, 2007, p. 190).

Cornelia Walter foi a primeira mulher a editar um jornal diário importante, o *Boston Transcript* (de Boston, Massachussetts), entre 1842 e 1847 (MOTT, 1959, p. 312). Em meados do século XIX, algumas mulheres começaram a seguir a carreira de jornalista. Uma das pioneiras na área nos Estados Unidos é Margaret Fuller, que trabalhou para o *New York Herald Tribune*, de Horace Greeley, entre 1844 e 1847.

“[Margaret Fuller] escreveu artigos críticos sobre igualdade para mulheres, o tratamento de afro-americanos, o sistema prisional, os imigrantes irlandeses e a pobreza”⁸⁶ (EAMAN, 2009, p. 151). No entanto, para a pesquisadora e professora da *New York University* Brooke Kroeger, Fuller e suas – não muitas – colegas contemporâneas não chegaram a estabelecer um lugar cativo para as mulheres nas redações.

Na metade do século XIX, houve algumas [mulheres] proeminentes em áreas mais intelectuais, como a ensaísta Margaret Fuller e a repórter política Jane Grey Swisshelm. Outras pioneiras como a colunista Fanny Fern ou Jane Cunningham Croly, conhecida como a autora de moda e culinária Jennie June, começaram a escrever nos

⁸⁵ Texto original: “*This most important of the early women's magazines is best remembered for its charming hand-colored engravings of fashionable costumes of the times [...]. But Godey's contained sentimental stories and poems by nearly all the most famous American authors of its time, and it set a new record for the circulation of women's magazines with 150,000 in the late fifties*” (MOTT, 1959, p. 320).

⁸⁶ Texto original: “[Margaret Fuller] wrote critical articles on equality for women, the treatment of African Americans, the prison system, Irish immigrants, and poverty” (EAMAN, 2009, p. 151).

anos 1850, quando as mulheres foram identificadas pela primeira vez como público leitor de jornal. Mas nenhuma dessas precursoras tinha logrado criar, entre os editores, uma mentalidade que fizesse das mulheres que as sucederam mercadorias procuradas⁸⁷ (KROEGER, 1994, p. 127).

Jane Grey Swisshelm⁸⁸ e Fanny Fern⁸⁹ também são mencionadas por Luther Mott. Segundo o pesquisador, Swisshelm foi a primeira mulher a trabalhar como setorista de política em Washington para o mesmo *Tribune* onde trabalhou Margaret Fuller. Já Fanny Fern era o pseudônimo adotado por Sara Willis Parton como colaboradora do *New York Ledger* (MOTT, 1959, p. 313).

Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, no entanto, as mulheres não parecem figurar entre os correspondentes. No capítulo XX – Reportando a Guerra entre os Estados (*Reporting the War Between the States*), Frank Luther Mott dedica quase cinco páginas ao item “Correspondentes de Guerra” (*The War Correspondents*) e, entre os diversos nomes de repórteres citados, nenhum é de mulher (MOTT, 1959, p. 332-336). Em outras obras consultadas para esta pesquisa tampouco foram encontradas referências a jornalistas do sexo feminino que tenham participado dessa cobertura.

No final da seção dedicada ao período de 1860 a 1872, Mott argumenta que a profissionalização do jornalismo foi reforçada logo após a Guerra Civil. De acordo com ele, levantou-se até mesmo a possibilidade de criar um curso universitário específico para jornalistas. A ideia foi do general Robert E. Lee, presidente do *Washington College* (posteriormente chamado *Washington and Lee University*), e teria surgido em 1869. “O

⁸⁷ Texto original: “*In the mid-nineteenth century, there were standouts in daily journalism’s more cerebral areas, such as the essayist Margaret Fuller and the political reporter Jane Grey Swisshelm. Other pioneers such as the columnist Fanny Fern or Jane Cunningham Croly, known in print as the fashion and food scribe Jennie June, started writing in the 1850s, when women were first identified as a newspaper-reading public. But none of these forerunners had succeeded in creating a mind-set among editors that made the women who followed them as sought-after commodity*” (KROEGER, 1994, p. 127).

⁸⁸ Na pesquisa de campo para este trabalho, fez-se o registro de um autorretrato de Jane Grey Swisshelm no *Senator John Heinz History Center*, em Pittsburgh (Pensilvânia). Ao lado do quadro, uma placa de identificação lembra, entre outros fatos marcantes, que ela foi uma das primeiras mulheres editoras de jornais nos Estados Unidos. A referência a Swisshelm naquele museu se deve ao fato de ela ter nascido em Pittsburgh.

⁸⁹ Também durante a pesquisa de campo, registrou-se a referência a Fanny Fern no *Newseum*, em Washington, capital estadunidense. No andar onde se encontra a exposição permanente sobre a história da imprensa, há monitores através dos quais se podem fazer buscas sobre pessoas envolvidas com o meio jornalístico. Sobre Fern (1811-1872), identificada como jornalista do *New York Ledger*, lê-se que ela escreveu sobre problemas sociais, inclusive abordando tabus, como doenças venéreas e controle de natalidade.

general Lee morreu no ano seguinte; e a educação em jornalismo permaneceu apenas uma ideia, da qual a maioria dos observadores ria”⁹⁰ (MOTT, 1959, p. 405, 406).

As mulheres são, então, mencionadas mais uma vez: seu trabalho como repórter teria ganhado importância nesse pós-guerra. A primeira mulher a trabalhar com reportagem geral (*general reporting*) teria sido Emily Verdery Bettey, contratada pelo *New York Sun* em 1868. Além de Bettey, Mott cita também Gail Hamilton, que trabalhou para o *New York Tribune*, e Grace Greenwood, que escreveu para o *New York Times*; ambas eram correspondentes em Washington. Porém, o pesquisador não especifica os períodos em que elas trabalharam para esses jornais (MOTT, 1959, p. 406).

Assim, nos Estados Unidos, “a reportagem estava se tornando um tipo de ocupação mais estável [...] que atraía homens jovens e, cada vez mais, mulheres jovens, para o universo do jornalismo” (SCHUDSON, 2010, p. 86). Nos anos 1880, de um total de 12.308 jornalistas, 288 eram do sexo feminino (WHITT, 2008, p. 5). Além disso, a percentagem de mulheres jornalistas mais que dobrou entre 1880 e 1900, segundo informações do Censo daquele país (LUTES, 2006, p. 9). A professora da *New York University* Brooke Kroeger cita alguns exemplos.

Nos anos 1880, um punhado de mulheres colunistas, como Bessie Bramble em Pittsburgh, conseguiu garantir um lugar de respeito para si; e havia anomalias como Middy Morgan, do *New York Times*, que liderava entre seus competidores, todos homens, na cobertura sobre pecuária⁹¹ (KROEGER, 1994, p. 127).

De acordo com a revista *The Journalist*, 500 mulheres trabalhavam com regularidade na parte editorial dos jornais estadunidenses em 1886; e, em 1888, elas eram 200 só nos jornais de Nova Iorque⁹². “Clubes locais de mulheres da imprensa eram organizados e, em 1885, uma Associação Internacional das Mulheres da Imprensa, com

⁹⁰ Texto original: “General Lee died the next year; and education for journalism remained only an idea, laughed at by most observers” (MOTT, 1959, p. 406).

⁹¹ Texto original: “By the 1880s, a handful of women columnists, such as Bessie Bramble in Pittsburgh, had managed to eke out a respected place for themselves, and there were aberrations such as Middy Morgan of The New York Times, who led her all-male competitors in livestock coverage” (KROEGER, 1959, p. 127).

⁹² Esse dado da revista *The Journalist* citado por Frank L. Mott não coincide com o que é mencionado neste trabalho, no final da página 14. Talvez a cifra apontada por Jan Whitt se refira especificamente a jornalistas e aquela da revista *The Journalist* seja referente também a outros trabalhos desempenhados por mulheres em jornais e revistas, por isso o número seria maior. => VERIFICAR!!!!

a senhora E. I. Nicholson, do *New Orleans Picayune*, como presidente, foi inaugurada”⁹³ (MOTT, 1959, p. 490).

Mas a grande novidade para as jornalistas desse período em relação a décadas anteriores foi a demarcação de espaço que elas alcançaram. Para Brooke Kroeger e Jean Marie Lutes, foi o jornalismo performático⁹⁴ que possibilitou às mulheres a conquista de um lugar cativo nas redações dos Estados Unidos. “[...] o advento das *stunt girls* e as amplas seções dedicadas às mulheres criaram o primeiro lugar real para as mulheres como membros regulares das equipes dos jornais e como parte importante do *mix* editorial”⁹⁵ (KROEGER, 1994, p. 127).

Para Kroeger, essa técnica jornalística possibilitou que as mulheres passassem do segundo plano para o centro do palco.

O trabalho geralmente era forte o suficiente [...] para ir da seção de *feature* para as capas, oferecendo às mulheres sua primeira oportunidade coletiva de mostrar aos editores que elas podiam atuar com a mesma inteligência, dedicação e abnegação dos homens mais capazes. As *stunt girls* [...] formaram uma rampa humana da qual a geração seguinte de mulheres repórteres se lançou para o jornalismo *mainstream*. Ainda haveria pontos controversos e discriminação por muitos anos, mas pelo menos o caminho havia sido aberto⁹⁶ (Ibidem).

Em seu estudo sobre o papel das repórteres do sexo feminino (*newswomen*) nos Estados Unidos no período que vai de 1880 a 1930, a pesquisadora Jean Marie Lutes reforça essa ideia ao afirmar que as reportagens performáticas eram, no final do século XIX, uma das únicas maneiras de conseguir emplacar seus textos nas capas internas (os jornais ainda não tinham editoriais, mas havia uma separação por cadernos).

⁹³ Texto original: “*Local women’s press clubs were organized, and in 1885 a Women’s International Press Association, with Mrs. E. I. Nicholson, of the New Orleans Picayune, as president, was launched*” (MOTT, 1959, p. 490).

⁹⁴ Como já mencionado no Capítulo 1, o termo “jornalismo performático” é a tradução adotada aqui para “*stunt reporting*”. Uma das características desse tipo de reportagem era o uso de identidade falsa para obter informações. Ver nota de rodapé 65 no Capítulo 1.

⁹⁵ Texto original: “[...] *it was both the advent of stunt girls and the large separate women’s sections that created the first real place for women as regular members of the newspaper staff and important part of the editorial mix*” (KROEGER, 1994, p. 127).

⁹⁶ Texto original: “*The work was often strong enough [...] to be lifted out of the feature sections and onto the front pages, providing women with their first collective opportunity to show editors they could perform with the brains, dedication, and selfless abandon of the most able men. Stunt girls [...] formed the human chute down which the next generation of women reporters plunged into journalism’s mainstream. There would be issues and discrimination for years to come, but at least the way in had finally been opened*” (KROEGER, 1994, p. 127).

Embora os repórteres do sexo masculino utilizassem ocasionalmente o *stunt* [...], eles não eram definidos por esses *stunts* da maneira como as repórteres do sexo feminino o eram. Para os homens, o jornalismo participativo era uma escolha; para as mulheres, era um dos poucos caminhos para sair das páginas de mulheres⁹⁷ (LUTES, 2006, p. 2).

O historiador Frank Luther Mott explica que uma das características do *stunt* consiste no método utilizado para obter as informações. “Um escritor inteligente e aventureiro assume um disfarce ou forja documentos para conseguir entrar em um hospital, prisão ou manicômio e depois faz da narrativa de suas experiências uma denúncia da administração da instituição”⁹⁸ (MOTT, 1959, p. 442). Jean Marie Lutes argumenta que ao usar a técnica do disfarce, o próprio corpo das repórteres se tornava o canal para que elas conseguissem transmitir as notícias.

Como um híbrido de “*soft news*” emocionante e “*hard news*” forte, o *stunt reporting* possibilitou às jornalistas mulheres uma maneira de lucrar com a atenção tão frequentemente focada em seus corpos. Atuando, na prática, como as heroínas sensacionais de suas próprias matérias, elas redefiniram a reportagem e usaram seus corpos não apenas como um meio de adquirir a notícia, mas como a própria fonte dela⁹⁹ (LUTES, 2006, p. 14).

Além disso, Jean Marie Lutes argumenta que o trabalho das mulheres nos jornais, no final do século XIX, foi menosprezado porque ia de encontro ao ideal de objetividade que foi se tornando mais claro no início do século XX.

Com a profissionalização do jornalismo veio um novo compromisso com a objetividade que privilegiava um estilo imparcial de

⁹⁷ Texto original: “Although newsmen occasionally staged stunts [...] they were not defined by those stunts in the way newspaperwomen were. For men, participatory journalism was a choice; for women, it was one of the few ways to break out of the women’s pages” (LUTES, 2006, p. 2).

⁹⁸ Texto original: “One type of reporting may be cited to illustrate the methods and the mood of this journalism: a clever and adventurous writer assumes a disguise or forges documents to gain admission to a hospital, jail, or asylum, and then makes the narrative of his experiences an exposé of the administration of the institution. Young reporters – men and girls – performed such ‘stunts’ on scores of papers during this period” (MOTT, 1959, p. 442).

⁹⁹ Texto original: “As a hybrid emotional “*soft news*” and tough-minded “*hard news*,” *stunt reporting* gave women journalists a way to profit from the attention so frequently focused on their bodies. Acting, in effect, as the sensation heroines of their own stories, they redefined reporting and used their bodies not just as a means of acquiring the news but as the very source of it” (LUTES, 2006, p. 14).

reportagem, o qual estava em desacordo com o *modus operandi* dos jornais sensacionalistas, mais propensos a contratar repórteres do sexo feminino¹⁰⁰ (Idem, p. 4).

Por mais questionáveis que tenham sido os métodos dessas repórteres que desenvolveram o jornalismo performático nos Estados Unidos no final do século XIX e ainda que seu trabalho se chocasse com o ideal da objetividade, elas representam um capítulo importante na história da imprensa estadunidense – que é referência para muitos países, entre os quais o Brasil. A jornalista Nellie Bly, que trabalhou no *New York World*, é uma das mais conhecidas do período.

2.4 Nellie Bly

A jornalista Nellie Bly – pseudônimo adotado por Elizabeth Jane Cochran¹⁰¹ – foi uma das mais célebres repórteres *stunt* do *New York World*. Ela fez parte do quadro de funcionários de Joseph Pulitzer exatamente durante o período de auge do jornal, de 1887 a 1896, com um hiato entre 1890 e 1893. Após um início de carreira de muito sucesso, a jornalista passou três anos fora da redação, vivendo de um contrato para escrever ficção. Sem talento para esse trabalho, Bly voltou ao *World* por mais um triênio. A segunda pausa na carreira de jornalista durou mais tempo e só foi interrompida em 1914. E foi a essa profissão que ela se dedicou até sua morte, em 1922.

Bly nasceu em 5 de maio de 1864 na aldeia de Cochran's Mill, cujo nome era uma homenagem a seu pai, no Estado da Pensilvânia. Ela era a 13ª filha do juiz Michael Cochran com sua segunda esposa, Mary Jane, também em seu segundo casamento (ambos viúvos do matrimônio anterior). A vida confortável no interior da Pensilvânia – não mais em Cochran's Mill, mas em Apollo – mudou com a morte repentina de Michael Cochran, quando Bly tinha apenas seis anos. Sem deixar um testamento, o patrimônio do juiz foi dividido igualmente entre todos os 14 filhos, incluindo os nove do primeiro casamento. Mary Jane, mãe de Nellie Bly, ficou com o mobiliário da casa, uma carroça com cavalo, uma vaca e um dos cachorros, além de uma pequena quantia em dinheiro.

¹⁰⁰ Texto original: “*With the professionalization of journalism came a new commitment to objectivity that privileged a detached reporting style which was out of sync with the modus operandi of the sensational journals most likely to hire female reporters*” (LUTES, 2006, p. 4).

¹⁰¹ O sobrenome *Cochran* aparece, às vezes, grafado com um “e” no final (*Cochrane*).

[...] além de outro dinheiro que ela poderia possuir, Mary Jane contava com uma renda de apenas 16 dólares por semana enquanto os filhos morassem com ela. Depois disso, ela teria pouco menos de 10 dólares por semana – um pouco mais do que o salário de um operário bem pago da época. Não era pobreza, certamente, mas era um declínio dramático, mesmo para os padrões de 1870¹⁰² (KROEGER, 1994, p. 11, 12).

Com a dificuldade financeira de sua família após a morte do pai, sua mãe Mary Jane – viúva pela segunda vez e responsável por cinco filhos – se casou com John Jackson Ford em janeiro de 1873. O casamento se mostrou um desastre, com agressões públicas de Ford a Mary Jane, inclusive com uma ameaça à mão armada na noite de ano novo de 1878 (KROEGER, 1994, p. 17,18)¹⁰³.

No dia 14 de outubro de 1878, Mary Jane Kennedy Cummings Cochran Ford, sob os olhares maldosos e fofoqueiros de cidade pequena em Apollo, deu o importante passo de pedir o divórcio de Jack Ford no Tribunal de Apelações Comuns, no condado de Armstrong. De uma população que totalizava cerca de 40 mil pessoas no condado, o divórcio de Mary Jane foi um de somente 15 naquele ano, um de apenas cinco requeridos pela esposa. Dito de outra forma, embora o número de divórcios no condado de Armstrong tenha dobrado na década de 1870 em relação à década anterior, apenas 84 divórcios foram concedidos naquele período de 10 anos¹⁰⁴ (KROEGER, 1994, p. 18, 19).

Mais do que uma curiosidade a respeito da história de Nellie Bly, esse episódio foi crucial para as posteriores preocupações que ela teria ao desenvolver seu trabalho de repórter. Suas reportagens sobre divórcio e exploração de trabalhadoras mulheres, por exemplo, mostram sua preocupação com a forma como era tratada essa parcela da

¹⁰² Texto original: “[...] *in addition to whatever other monies she may have had, Mary Jane could count on an income of roughly \$16 a week until the children were out of the house. After that, it would be a little less than \$10 a week – a bit more than a wage of a well-paid factory worker of the time. Not poverty, to be sure, but a dramatic comedown even by 1870 standards*” (KROEGER, 1994, p. 11, 12).

¹⁰³ Neste subcapítulo, ficará evidente que a referência mais utilizada é a biografia de Nellie Bly, escrita pela professora da *New York University* Brooke Kroeger. Isso se deve ao fato de se tratar da obra mais completa acerca da vida da jornalista até o momento.

¹⁰⁴ Texto original: “*On October 14, 1878, Mary Jane Kennedy Cummings Cochran Ford, in the beady, gossipy, small-town gaze of all Apollo, took the momentous step of suing Jack Ford for divorce in the Armstrong County Court of Common Pleas. Amid a total county population of some 40,000 people, Mary Jane’s was one of only fifteen divorce actions that year, one of only five in which the wife was the plaintiff. Explained differently, although the number of divorces in Armstrong County doubled in the 1870s against the previous decade, just eighty-four divorces were granted in that ten-year period*” (KROEGER, 1994, p. 18, 19).

humanidade. “Com apenas 14 anos de idade, ela tinha aprendido tudo o que precisava saber sobre o que poderia acontecer a uma mulher que não fosse independente financeiramente”¹⁰⁵ (GOODMAN, 2013, p. 5). Pode-se até mesmo afirmar que sua carreira de jornalista se deve a essa preocupação com a situação das mulheres.

Aos 16 anos, Bly se mudou com a mãe e os quatro irmãos para Pittsburgh, a segunda maior cidade da Pensilvânia à época, com cerca de 60 mil habitantes, onde “500 fábricas manufaturavam aço, ferro, bronze, cobre, algodão, petróleo e vidro avidamente consumidos por uma nação em processo de industrialização”¹⁰⁶ (Ibidem). A indústria jornalística era igualmente relevante, com sete jornais coexistindo durante os 50 anos posteriores à Guerra Civil (KROEGER, 1994, p. 34).

O mais antigo era o *Pittsburgh Gazette*, que tinha como principais concorrentes o *Pittsburgh Post* e o *Pittsburgh Dispatch*. Nellie Bly lia com frequência o *Dispatch*, no qual acompanhava a então famosa coluna “*The Quiet Observer*” (Q.O.), escrita por Erasmus Wilson. Em 1885, Wilson abordou com frequência assuntos relacionados ao papel da mulher, com um ponto de vista bastante conservador. Esses textos provocaram a reação de muitas mulheres, que escreviam cartas de reclamação ao jornal.

Entre as missivas, uma chamou a atenção do editor George Madden. Assinando com um pseudônimo, como era o costume da época, a leitora se identificava como “Órfã Solitária”. “Ele ficou impressionado com a seriedade da abordagem da escritora e com a atitude que ela transmitiu”¹⁰⁷ (KROEGER, 1994, p. 38). O *Dispatch* publicou, então, uma nota na sessão “*Mail Pouch*”, dizendo que se a “Órfã Solitária” enviasse seu nome e endereço ao jornal, ela receberia uma resposta do editor (Idem, p. 39). Bly decidiu ir pessoalmente à redação do *Dispatch*, onde encontrou George Madden. O editor propôs que ela escrevesse um artigo sobre a “esfera da mulher” em resposta às colunas de Erasmus Wilson. O texto, editado pelo próprio Madden, foi publicado no dia 25 de janeiro de 1885, com o título “*The Girl Puzzle*”. “Ela decidiu abordar a questão sob a perspectiva das mulheres que não contavam com os privilégios que o ‘Q.O.’ tinha

¹⁰⁵ Texto original: “*At only fourteen years of age, she had learned all she needed to know about what could befall a woman who was not financially independent*” (GOODMAN, 2013, p. 5).

¹⁰⁶ Texto original: “*five hundred factories turned out the steel, iron, brass, copper, cotton, oil, and glass hungrily consumed by an industrializing nation*” (Ibidem).

¹⁰⁷ Texto original: “*He was struck by the earnestness of the writer’s approach and the spirit she conveyed*” (KROEGER, 1994, p. 38).

concedido a elas sumariamente: mulheres pobres que precisavam trabalhar para ajudar suas famílias”¹⁰⁸ (GOODMAN, 2013, p. 7).

Bly recebeu por esse trabalho e ainda teve a proposta para escrever uma segunda vez. O tema seguinte foi, então, o divórcio. O artigo intitulado “*Mad Marriages*” foi polêmico e chamou a atenção dos leitores do jornal. “Para ela, as leis do divórcio tinham de ser abolidas e as leis do casamento, reformuladas [...]. Ela propôs que fosse considerado crime quando o futuro marido ou futura esposa mentisse sobre sua história pessoal no juramento”¹⁰⁹ (KROEGER, 1994, p. 42).

Pelos temas abordados, fica visível a influência que os acontecimentos vividos por sua mãe tiveram em sua percepção a respeito da condição das mulheres naquele momento. A proposta de Bly para o seu primeiro trabalho como membro da equipe do *Dispatch* evidencia ainda mais a preocupação da jovem repórter.

Quando ela apresentou a ideia seguinte, uma série sobre as moças operárias de Pittsburgh, Madden decidiu contratá-la como membro permanente da equipe do *Dispatch*. Salário inicial: cinco dólares por semana – apenas um pouco mais alto do que as operárias que ela entrevistaria¹¹⁰ (KROEGER, 1994, p. 43).

Foi nesse momento que a assinatura “Órfã Solitária”, adotada na carta e aproveitada nos dois primeiros artigos publicados no *Dispatch*, deu lugar ao pseudônimo pelo qual a jornalista ficou conhecida. Nellie Bly era o nome da personagem de uma célebre canção popular da época. Era comum, nesse período, que as mulheres adotassem *noms de plume* para assinar seus textos nos jornais.

Naquele tempo, era considerado inapropriado que uma mulher assinasse seu próprio nome em uma matéria. Elizabeth Wilkinson Wade, do próprio *Dispatch*, escrevia como “Bessie Bramble”; em Nova Iorque, Sara Payson Willis era “Fanny Fern”; em Boston, Sally

¹⁰⁸ Texto original: “*She had chosen to address the question from the perspective of those women who did not have the privileges ‘Q.O.’ had summarily granted them: poor women who needed to work to support their families*” (GOODMAN, 2013, p. 7).

¹⁰⁹ Texto original: “*She felt that the divorce laws should be abolished and marriage laws redrafted [...]. She proposed it be made a crime for either prospective husband or wife to swear falsely to his or her personal history*” (KROEGER, 1994, p. 42).

¹¹⁰ Texto original: “*When she proposed her next idea, a series on the factory girls of Pittsburgh, Madden decided to make her a permanent member of the Dispatch staff. Starting salary: five dollars a week – slightly higher than that of the factory girls she would be interviewing*” (KROEGER, 1994, p. 43).

Joy (que parecia um pseudônimo) era conhecida, em vez disso, como “Penelope Penfeather”¹¹¹ (GOODMAN, 2013, p. 8).

Seu primeiro trabalho como funcionária do *Dispatch* foi publicado ao longo de dois meses nas edições de domingo, com ilustrações de um desenhista que acompanhou Bly na visita às fábricas. O tom crítico que ela havia mostrado em seus dois primeiros textos, no entanto, não estavam presentes nessa série de reportagens sobre mulheres operárias de Pittsburgh. “Julgando pelos padrões atuais, as matérias pareciam panfleto de propaganda da Câmara de Comércio, livres de qualquer crítica em relação às oito fábricas pelas quais ela havia passado”¹¹² (KROEGER, 1994, p. 46). A biógrafa da jornalista pondera que, naquele momento, os jornais ainda não valorizavam tanto a investigação e a denúncia, o que se tornaria fundamental alguns anos depois.

A série deve ter proporcionado a Bly, no mínimo, sua primeira lição sobre o quão difícil pode ser para um repórter conseguir extrair a verdade daquilo que ele ou ela tem suspeitas. [...] Em última análise, para contar as histórias que colocariam o nome de Nellie Bly nas bocas do país, uma abordagem mais inventiva teria que ser pensada para suas reportagens. Por enquanto, ela era apenas uma *trainee Junior* corajosa¹¹³ (Ibidem).

Enquanto as reportagens sobre o trabalho das mulheres operárias eram publicadas, Nellie Bly produziu textos abordando assuntos variados, como jardinagem, moda, cultura, saúde e o perfil de um herói de guerra. Em setembro de 1885, cerca de sete meses depois de sua contratação no *Dispatch*, ela conseguiu se tornar colunista do jornal. “Ela detestava escrever notícias voltadas às mulheres e agiu rápido para criar um nicho alternativo para si na equipe”¹¹⁴ (KROEGER, 1994, p. 52).

¹¹¹ Texto original: “At the time, it was considered uncouth for a woman to sign her own name to a news story. The *Dispatch*’s own Elizabeth Wilkinson Wade wrote as ‘Bessie Bramble’; in New York, Sara Payson Willis was ‘Fanny Fern’; in Boston, Sally Joy (which itself sounded like a pen name) was known instead as ‘Penelope Penfeather’” (GOODMAN, 2013, p. 8).

¹¹² Texto original: “Judged by the current standard, the articles read like a Chamber of Commerce booster pamphlet, free from any criticism of the eight factories she toured” (KROEGER, 1994, p. 46).

¹¹³ Texto original: “If nothing else, the series may have provided Bly’s first lesson in how difficult it can be for a reporter to extract the truth that he or she suspects. [...] Ultimately, to tell the stories that would put the name of Nellie Bly on the nation’s lips, a more inventive reportorial approach would have to be devised. For now, she was just a junior trainee with spunk” (KROEGER, 1994, p. 46).

¹¹⁴ Texto original: “She detested writing women’s interest news and angled fast to create an alternative niche for herself on the staff” (KROEGER, 1994, p. 52).

Nas duas primeiras colunas, ela fez um esboço de histórias curiosas que aconteciam na cidade, como uma sobre o comportamento de mulheres que iam, cada vez em maior número, assistir a jogos de *baseball*. Somente na quarta semana Bly conseguiu imprimir seu estilo à coluna ao fazer elogios ao trabalho desenvolvido pela *Young Men's Christian Association* (YMCA) e sugerir a criação de um órgão semelhante voltado às mulheres em Pittsburgh. “Dessa vez, a coluna tinha o elemento essencial de excelência: a voz distinta de Bly expressando um ponto de vista claro. E ela provocou resposta”¹¹⁵ (Idem, p. 53).

A coluna durou, porém, apenas mais uma semana e Bly voltou a escrever sobre moda, jardinagem e outras amenidades. Uma das possíveis razões para que isso tenha acontecido é que o *Dispatch* já tinha uma famosa colunista, Bessie Bramble – pseudônimo de Elizabeth Wilkinson Wade. “Talvez Bessie Bramble tenha contestado a concorrência. Talvez as cristãs de Pittsburgh [...] tenham feito alguma pressão. Seja qual tenha sido a razão, a coluna ‘Nellie Bly’ nunca mais apareceu”¹¹⁶ (KROEGER, 1994, p. 55).

O episódio acabou culminando com a saída de Bly do *Pittsburgh Dispatch* como membro permanente da equipe, em dezembro de 1885. Em janeiro de 1886, entretanto, o jornal publicou o que parecia ser uma “peça conciliatória”: um texto de Bly em quatro colunas, provavelmente em um trabalho *freelance*, enaltecendo a caridade das cristãs de Pittsburgh (Idem, p. 56).

Depois de trabalhar para o *Pittsburgh Dispatch* por nove meses fazendo matérias em diferentes áreas, como foi mencionado, Nellie Bly se tornou correspondente do jornal no México. A biógrafa da jornalista oferece uma possível explicação para a escolha do país. “Sua breve experiência como membro do comitê de entretenimento para a visita de uma delegação mexicana tinha muito a ver com isso. Embora não falasse espanhol [...], ela conseguiu ‘muitas coisas boas’, inclusive um convite para visitar o país”¹¹⁷ (KROEGER, 1994, p. 59). A ideia de Bly era conseguir se destacar e tentar sair de uma vez por todas das páginas dedicadas às mulheres.

¹¹⁵ Texto original: “*This time the column had the essential element of excellence: Bly's distinct voice expressing a clear point of view. And it provoked response*” (KROEGER, 1994, p. 53).

¹¹⁶ Texto original: “*Maybe Bessie Bramble objected to the competition. Maybe Pittsburgh's [...] Christian women had exerted some pressure. For whatever reason, the 'Nellie Bly' column never appeared again*” (KROEGER, 1994, p. 55).

¹¹⁷ Texto original: “*Her brief experience as a member of the entertainment committee for a visiting Mexican delegation had a lot to do with it. Although she spoke no Spanish [...], she managed to get 'a lot of good stuff,' including an invitation to visit their country*” (KROEGER, 1994, p. 59).

O primeiro texto a carregar no título “*Nellie in Mexico*” foi publicado no *Dispatch* no dia 21 de fevereiro de 1886. Para ajudar na apuração de suas matérias, Bly fez amizade com “os melhores analistas da capital [mexicana] que falavam inglês, incluindo diplomatas e editores expatriados, como Theo Gestefeld do *Two Republics*”¹¹⁸ (Idem, p. 62). Mas, em um país governado por Porfirio Díaz, que permaneceria no poder durante 30 anos no total, Bly não se sentia à vontade para abordar temas polêmicos e fazer denúncias, como havia demonstrado ser seu estilo.

[...] sua residência temporária no México foi uma fonte de esclarecimento acerca das nuances da vida de expatriado sob um regime autoritário com uma imprensa amordaçada. Ela aprendeu a dúbia arte de auto censura, de enfatizar gratuitamente o positivo, de enfiar a pura verdade em seu trabalho sempre que podia enquanto tomava cuidado para evitar ir para a cadeia ou ser expulsa por conta do que escrevia¹¹⁹ (KROEGER, 1994, p. 63).

E foi justamente a ameaça de ser presa que fez Bly encurtar sua estadia no México. Sua volta aos Estados Unidos, inicialmente prevista para o dia 1º de julho, foi antecipada em duas semanas. A possibilidade de ir para a prisão se devia a uma matéria sua, publicada no *Dispatch* no dia 22 de março, a respeito de um editor que foi preso por ser contra o governo mexicano e deixar isso muito claro em seus editoriais. Essa matéria teria sido replicada no *St. Louis Globe-Democrat*, que chegou até autoridades do México. Segundo a própria jornalista¹²⁰, “os jornais subsidiados [que aceitam subsídios do governo] ameaçaram me denunciar e disseram em espanhol que ‘um botão era suficiente’, o que significava que uma matéria minha bastava para as autoridades saberem como eram todas as outras”¹²¹ (apud KROEGER, 1994, p. 70).

O tom de suas matérias sobre o México mudou após sua chegada aos Estados Unidos. “De volta a Pittsburgh e com segurança, Bly não poupou nada em suas

¹¹⁸ Texto original: “[...] *the best English-speaking analysts in the capital, including diplomats and expatriate editors such as Theo Gestefeld of Two Republics* [...]” (KROEGER, 1994, p. 56).

¹¹⁹ Texto original: “[...] *her Mexican sojourn was a source of enlightenment on the nuances of expatriate life under an authoritarian regime with a muzzled press. She learned the dubious art of self-censorship, of gratuitously emphasizing the positive, of slipping the plain truth into her work wherever she could while being careful to avoid jail or expulsion for what she wrote*” (KROEGER, 1994, p. 63).

¹²⁰ Esse depoimento de Bly foi publicado no *Pittsburgh Dispatch* no dia 8 de agosto de 1886.

¹²¹ Texto original: “*the subsidized sheets [which accept government subsidies] threatened to denounce me and said in Spanish, ‘One Button was enough,’ meaning from one article the officials could see what my others were like*” (apud KROEGER, 1994, p. 70).

acusações a respeito de Díaz e sua administração”¹²² (KROEGER, 1994, p. 70). O último texto sobre o país vizinho foi publicado no *Dispatch* no dia 19 de setembro de 1886 e tudo indicava que ela voltaria a ser membro regular da equipe do jornal. George Madden ofereceu a Bly a oportunidade de escrever sobre teatro e arte. “Não era exatamente o que ela tinha imaginado como uma recompensa adequada por sua performance corajosa como *freelance* no México, mas, de má vontade, ela aceitou as novas tarefas. O fato era: ela precisava de trabalho”¹²³ (Idem, p. 74).

Além de suas matérias, Bly também assinava duas colunas. Em “*Footlight Gossip*”, ela abordava os bastidores das peças apresentadas em Pittsburgh; em “*Among the Artists*”, acompanhava a comunidade de pintores e escultores da cidade. “Repetidamente, ela instava a abertura de um local onde os artistas da cidade pudessem expor seu trabalho. O impacto foi perceptível. Logo começaram a surgir discussões sobre a primeira galeria da cidade para exibir o trabalho local”¹²⁴ (KROEGER, 1994, p. 75). Entretanto, sua carreira como repórter de cultura no *Pittsburgh Dispatch* não durou muito tempo. O último texto de Bly saiu no dia 20 de março de 1887 e, alguns dias depois, já não foi mais vista na redação. Ela tinha resolvido ir para Nova Iorque tentar a sorte.

Nellie Bly chegou à cidade que abrigava os jornais mais importantes dos Estados Unidos em maio de 1887 e, sem conseguir emprego algum, apesar de inúmeras tentativas, a jornalista voltou a escrever para o *Pittsburgh Dispatch* em meados de julho. “Ela passou boa parte do verão se sustentando da melhor maneira que podia, escrevendo matérias como *freelancer* para o *Dispatch*, justamente do tipo que ela mais odiava: textos de estilo para a edição de domingo, sobre a última moda de Nova Iorque”¹²⁵ (GOODMAN, 2013, p. 21).

Sua sorte começou a mudar com a chegada de uma carta repassada a Bly pelo *Dispatch*. Uma jovem leitora de Pittsburgh desejava se tornar jornalista e perguntava a

¹²² Texto original: “*Once safely back in Pittsburgh, Bly spared nothing in her indictment of Díaz and his administration*” (KROEGER, 1994, p. 70).

¹²³ Texto original: “*This was not exactly what she had envisioned as a fitting reward for her gutsy freelance performance from Mexico, but grudgingly she accepted the new tasks. The fact was, she needed work*” (KROEGER, 1994, p. 74).

¹²⁴ Texto original: “*She repeatedly urged the opening of a place where the city’s artists could show their work. From this, there was apparent impact. Soon, discussions were under way for the city’s first gallery for exhibiting local work*” (KROEGER, 1994, p. 75).

¹²⁵ Texto original: “*She spent much of the summer supporting herself as best she could by writing freelance articles for the Dispatch, precisely the type she hated most: Sunday style pieces on the latest fashions worn by the women of New York*” (GOODMAN, 2013, p. 21).

Nellie Bly se Nova Iorque seria um bom lugar para uma mulher iniciar carreira na área. “Em vez de responder ela mesma, Bly teve a ideia de usar essa desculpa para fazer a pergunta às personalidades mais poderosas do jornalismo na cidade, os homens que ela descrevia com um ar entendedor como ‘os deuses dos jornais de Gotham’”¹²⁶ (KROEGER, 1994, p. 81, 82).

Com sua credencial do *Pittsburgh Dispatch*, Bly conseguiu conversar com Charles Dana, *publisher* do *Sun*; Dr. George Hepworth, do *Herald*; Foster Coates, do *Mail and Express*; Robert G. Morris, do *Telegram*; Charles Ransom Miller, do *Times* e Colonel John Cockerill, editor-chefe do *World*, de Pulitzer. Bly viu redações dominadas por homens e ouviu em suas entrevistas que as mulheres teriam mais dificuldade em escrever com precisão do que os homens (Dana), que suas roupas e hábitos prejudicariam seu desempenho na reportagem (Coates) e que uma repórter mulher não conseguiria cobrir uma emergência que exigisse deslizar pelo corrimão de uma escada ou subi-la rapidamente (Morris).

A matéria que Bly escreveu, publicada no *Pittsburgh Dispatch* [no dia 21 de agosto de 1887], se tornou um mostruário de sua competência melhor do que qualquer *stunt* ou carta de recomendação. As afirmações desses editores eram tão sem nexos com a realidade – as mulheres começavam a se acotovelar nas redações em todo o país – que a matéria ricocheteou de Pittsburgh para Nova Iorque e para Boston ao longo dos dois meses seguintes e depois para o resto da comunidade jornalística da nação através da revista especializada *The Journalist*¹²⁷ (KROEGER, 1994, p. 83).

Apesar do sucesso de sua reportagem contendo as opiniões dos *publishers* e editores de Nova Iorque a respeito do trabalho de mulheres jornalistas, Bly continuava desempregada. A situação ficou crítica quando a bolsa onde guardava as economias que lhe restavam sumiu – ou foi furtada. Não tendo mais nada a perder, pediu à senhora que lhe alugava um quarto dinheiro emprestado para pagar o transporte até a região nova-iorquina onde ficavam os prédios dos jornais (Park Row), conseguiu driblar os

¹²⁶ Texto original: “*Rather than answer herself, Bly got the idea to use this excuse to put the question to the city’s most powerful journalistic personalities, the men she described with a knowing air as ‘the newspaper gods of Gotham’*” (KROEGER, 1994, p. 81,82).

¹²⁷ Texto original: “*The story Bly wrote, published in The Pittsburgh Dispatch [on August 21, 1887], proved a better showcase for her ability than any stunt or letter of introduction. The statements of these editors proved so out of touch – women had started to elbow their way into city rooms across the country – that the story ricocheted from Pittsburgh to New York to Boston over the next two months and then out to the rest of the nation’s journalistic community through the trade magazine, The Journalist*” (KROEGER, 1994, p. 83).

seguranças do *New York World* e chegou até a sala do editor Colonel John Cockerill. “‘Eu realmente acho’, ela recorda, ‘que consegui entrar, finalmente, porque disse que tinha um assunto importante a propor e que, se o editor-chefe não falasse comigo, eu procuraria algum outro jornal’”¹²⁸ (KROEGER, 1994, p. 85).

A proposta de Nellie Bly era ir à Europa e voltar na terceira classe para escrever sobre as condições enfrentadas pelos imigrantes europeus que tinham os Estados Unidos como destino. Colonel Cockerill, um editor experiente, “[...] deve ter visto alguma coisa que o agradou naquela jovem determinada. Ele deu 25 dólares a ela como garantia de seus serviços e disse que discutiria a ideia dela com Joseph Pulitzer”¹²⁹ (GOODMAN, 2013, p. 27). Um segundo encontro foi marcado para comunicar a resposta à jornalista.

Embora a ideia de Bly tenha sido recusada, ela recebeu uma contraproposta. Como seria a primeira vez que a jornalista escreveria para o *World*, Pulitzer e Cockerill preferiam que ela fizesse algo mais local. A missão de Nellie Bly seria, portanto, se fingir de louca para conseguir ser admitida no manicômio da Ilha de Blackwell (atual Ilha Roosevelt), no East River de Nova Iorque.

O *World* tinha recebido uma dica de que a equipe do manicômio da Ilha de Blackwell [...] estava maltratando as pacientes mulheres¹³⁰. Os esforços do jornal para descobrir se os boatos eram verdadeiros, entretanto, haviam sido continuamente frustrados; médicos e enfermeiras se recusavam a conversar com os jornalistas e suas práticas permaneciam escondidas atrás de janelas com grades e portas trancadas¹³¹ (GOODMAN, 2013, p. 28).

Nellie Bly aceitou o desafio. A proposta vinha ao encontro de sua vontade de fazer algo impactante em seu início de carreira em Nova Iorque para conseguir um

¹²⁸ Texto original: “‘I really think’, she recalled, ‘I at last gained admission by saying that I had an important subject to propose, and if the editor-in-chief would not see me, I would go to some other paper’” (KROEGER, 1994, p. 85).

¹²⁹ Texto original: “[...] must have seen something that he liked in this determined young woman. He gave her twenty-five dollars as a retainer for her services and told her that he would discuss her idea with Joseph Pulitzer” (GOODMAN, 2013, p. 27).

¹³⁰ A fonte de Goodman para essa informação é o livro de 2001 de Denis Brian, “*Pulitzer: A Life*”. Brooke Kroeger faz uma discussão mais longa em torno da paternidade da ideia nas páginas 86 e 87 da biografia de Bly.

¹³¹ Texto original: “The World had received a tip that the staff of the Blackwell’s Island Insane Asylum [...] was mistreating the female patients. The paper, though, had been continually frustrated in its efforts to determine if the stories were accurate; the doctors and nurses refused to speak to journalists, and their practices were hidden from view behind barred windows and locked doors” (GOODMAN, 2013, p. 28).

emprego e permanecer na cidade. “Era o tipo de matéria, expor engenhosamente a má conduta oficial, em que o *World* tinha se especializado. Era também o tipo de matéria – que oferecia ao menos a possibilidade de ajudar uma população vulnerável e explorada – que atraía Nellie Bly”¹³² (Ibidem).

A jornalista conseguiu cumprir sua missão e o resultado do trabalho foram duas reportagens publicadas nas edições de domingo de 9 e 16 de outubro de 1887 (no terceiro capítulo, será feita uma análise detalhada dessas reportagens). A primeira aparição de Bly no *New York World* foi bem sucedida e ela foi contratada como membro permanente da equipe do jornal de Joseph Pulitzer.

Depois dessa estreia notável, Nellie Bly permaneceu no *World* até o início de 1890 fazendo reportagens performáticas. Algumas tinham o caráter de denúncia, como a matéria sobre mulheres que trabalhavam como escravas em uma fábrica de caixas de papelão. Mas havia também aquelas que abordavam temas leves, como a experiência de aprender a hipnotizar e depois contar isso aos leitores do jornal.

Bly não foi a primeira a fazer esse tipo de reportagem, mas o reconhecimento que ela alcançou chama a atenção. De acordo com a pesquisadora Jean Marie Lutes, “o nome de Bly se tornou sinônimo de jornalista mulher aventureira, do litoral atlântico até a costa oeste”¹³³ (LUTES, 2006, p. 13). As colegas que faziam um trabalho similar ao dela eram apelidadas de “Nellie Bly d’Oeste” ou “Nellie Bly de Boston”, o que mostra a referência que ela se tornou.

Esse período de aclamação atingiu seu ponto máximo com a volta ao mundo em 72 dias feita pela jornalista no final de 1889. “A versão de Bly, claro, era que a ideia de circundar o globo mais rápido do que o personagem ficcional Phileas Fogg foi dela, e que veio em um domingo do outono de 1888, enquanto ela se revirava na cama e desejava estar no outro lado da Terra”¹³⁴ (KROEGER, 1994, p. 139).

¹³² Texto original: “It was the sort of story, ingeniously exposing official misconduct, in which *The World* had come to specialize. It was also the sort of story – one offering at least the possibility of help for a vulnerable, exploited population – that appealed to Nellie Bly” (GOODMAN, 2013, p. 28).

¹³³ Texto original: “Bly’s name became a synonym for adventurous newswomen from the Atlantic seaboard to the West Coast” (LUTES, 2006, p. 13).

¹³⁴ Texto original: “Bly’s version, of course, was that the idea to girdle the globe faster than the fictional Phileas Fogg was hers, that it came to her on a Sunday in the fall of 1888 while she tossed and turned and wished herself at the other end of the earth” (KROEGER, 1994, p. 139).



Fig. 3 – Nellie Bly, em 1890

Fonte: *Library of Congress*

Para o pesquisador Michael Schudson, a volta ao mundo de Nellie Bly foi um dos eventos que “acrescentaram muito ao espírito que atraía homens jovens e, cada vez mais, mulheres jovens, para o universo do jornalismo, e ali os mantinha felizes. Os repórteres estavam tão ansiosos em mitificar seu trabalho quanto o público em ler suas aventuras” (SCHUDSON, 2010, p. 86). Bly sempre é lembrada pelos autores que abordam a história da imprensa nos Estados Unidos no final do século XIX.

[...] talvez o *stunt* mais espetacular tenha sido a viagem de volta ao mundo contra o tempo. [...] No dia 14 de novembro de 1889, ela partiu de Nova Iorque para bater o recorde de Phileas Fogg, o herói do romance de Júlio Verne, *Volta ao mundo em 80 dias*. [...] Nellie viajou de barcos e trens, em jinrickshas e *sampas*, a cavalo e em burros. Na parte final de sua jornada, o *World* a levou de São Francisco a Nova Iorque em um trem especial: ela foi recebida por toda parte com agitação de bandeiras, com o clangor de fanfarras, música aos brados e fogos de artifício. O tempo [da viagem totalizou] 72 dias, seis horas, 11 minutos e 14 segundos¹³⁵ (MOTT, 1959, p. 437).

¹³⁵ Texto original: “[...] perhaps the most spectacular “stunt” was Nellie Bly’s voyage around the world against time. [...] November 14, 1889, she sailed from New York to beat the record of Phileas Fogg, the hero of Jules Verne’s romance, *Around the World in Eighty Days*. [...] Nellie rode on ships and trains, in jinrickshas and sampans, on horses and burros. On the final lap of her journey, the *World* brought her from San Francisco to New York by special train: she was greeted everywhere by waving flags, the blare

Pouco tempo depois da partida de Bly, no entanto, a chefia do *World* percebeu que seria difícil manter a atenção dos leitores à viagem de volta ao mundo da repórter. Não porque o assunto não fosse interessante, mas porque seus textos demoravam muito a chegar. O primeiro que ela mandou, em 20 de novembro de 1886, contando os detalhes da viagem transatlântica dos Estados Unidos até a Europa, só foi recebido pelo jornal no dia 8 de dezembro (KROEGER, 1994, p. 150).

A solução encontrada foi promover um concurso: os leitores deveriam tentar adivinhar o tempo que Nellie Bly levaria para concluir sua volta ao mundo. A resposta que mais se aproximasse do resultado final valeria ao autor uma viagem à Europa de presente. “A estimativa do *World* é que o número total de tentativas [de acertar o tempo da viagem de Nellie Bly] ficou entre meio milhão e um milhão”¹³⁶ (Idem, p. 169).

Outros desdobramentos valorizavam ainda mais a empreitada. Quando o *publisher* da revista *Cosmopolitan* John Brisben Walker viu a matéria na capa do *World* anunciando a viagem de Bly, ele percebeu que era uma boa jogada. Brisben decidiu, então, mandar sua repórter Elizabeth Bisland em uma volta ao mundo no sentido contrário percorrido pela representante do *World*. “Às seis horas daquela tarde, Elizabeth Bisland estava na estação ferroviária *New York Central* em um trem rumo a Chicago. Ela estava oito horas e meia atrás de Nellie Bly”¹³⁷ (GOODMAN, 2013, p. xxii).

O *World* criava todo tipo de estratégia para manter em circulação as notícias sobre a volta ao mundo de sua repórter. Publicava recortes de matérias ou colunas de jornais de outras cidades que falavam sobre Bly e fazia pequenos guias sobre os locais por onde a jornalista passaria. “O *World* chegou ao ponto de afirmar que a competição tinha dado novo sentido ao estudo de geografia, que havia se tornado uma verdadeira mania tanto entre jovens estudantes como entre adultos”¹³⁸ (KROEGER, 1994, p. 162).

As vendas do *World* se mantiveram altas durante o período da viagem de Bly, atingindo 280.340 exemplares no dia do seu retorno. A cifra representava “[...] um

of brass bands, songs shouts, and fireworks. Her time was 72 days, 6 hours, 11 minutes, and 14 seconds” (MOTT, 1959, p. 437).

¹³⁶ Texto original: “The World estimated the total number of guesses at somewhere between half a million and a million” (KROEGER, 1994, p. 169).

¹³⁷ Texto original: “At six o’clock that evening, Elizabeth Bisland was on a New York Central Railroad train bound for Chicago. She was eight and a half hours behind Nellie Bly” (GOODMAN, 2013, p. xxii).

¹³⁸ Texto original: “The World went so far as to claim Bly’s race had given new meaning to the study of geography, which had turned into a veritable craze among schoolchildren and adults alike” (KROEGER, 1994, p. 162).

aumento de mais de 10 mil em relação ao domingo anterior e apenas 5.520 exemplares a menos do que o recorde anterior, publicado no dia 25 de março de 1889¹³⁹ (KROEGER, 1994, p. 173). O sucesso era indiscutível, mas as razões dele, talvez não fossem. E a revista *The Journalist*¹⁴⁰ fez suas críticas.

[...] uma moça enviada para dar a volta ao mundo sem nenhuma razão prática trabalha com mais vantagens para promover um jornal do que uma dúzia de homens enviados atrás de fatos. [...] e provou que a grande maioria do povo americano adora uma sensação – não importa o quão banal ela seja – contanto que possibilite a eles algo em que apostar. Foi uma grande propaganda para o *New York World* e para a senhorita Nellie Bly¹⁴¹ (apud KROEGER, 1994, p. 176).

De fato, a empreitada rendeu a Bly mais do que a notoriedade nas páginas do jornal de Joseph Pulitzer. Ela virou garota propaganda em anúncios de produtos que iam de remédios a chapéus, ministrou palestras e um jogo de tabuleiro inspirado em sua volta ao mundo foi colocado no mercado. Além disso, “[...] para ajudar a financiar o *Washington Memorial Arch*, ao pé da Quinta Avenida, Bly ofereceu vender 100 fotografias suas com qualidade para colecionador ao valor de cinco dólares cada; todo o provento seria doado ao fundo¹⁴²” (KROEGER, 1994, p. 181, 182).

Todo o glamour desses meses fabulosos vividos por Nellie Bly contrasta com um insípido desfecho da história. Como havia tido reconhecimento e compensação financeira quando fez suas primeiras reportagens para o *World* se passando por louca no manicômio da Ilha de Blackwell, Bly esperava o mesmo depois do furor que causou com sua volta ao mundo. Tudo o que a jornalista recebeu de Pulitzer foi um telegrama

¹³⁹ Texto original: “[...] an increase of more than 10,000 over the previous Sunday record and only 5,520 below the previous high figure, published on March 25, 1889” (KROEGER, 1994, p. 173).

¹⁴⁰ *The Journalist*, fundada em 1884 e editada por Allan Forman por muitos anos (MOTT, 1959, p. 490), era uma revista voltada ao meio jornalístico. Na introdução à biografia de Nellie Bly (p. xx), Brooke Kroeger faz uma crítica à *Journalist* e à sua similar *Town Topics*, ambas consideradas pela autora como “publicações de fofoca, que refletiam bem o viés editorial e comercial de seus proprietários” (tradução livre). Kroeger também afirma que não era possível confiar na objetividade de Forman em questões envolvendo Nellie Bly (1994, p. 176).

¹⁴¹ Texto original: “[...] a young woman sent around the world for no practical purpose will work to greater advantage in booming a newspaper than a dozen men sent out after facts. [...] and it has proved that the great majority of the American people dearly love a sensation – no matter how flimsy – so long as it gives them something to gabble about. It has been a great advertisement for the *New York World* and *Miss Nellie Bly*” (apud KROEGER, 1994, p. 176).

¹⁴² Texto original: “[...] to help fund the *Washington Memorial Arch* at the foot of Fifth Avenue, Bly offered sale of one hundred collector’s quality photographs of herself at five dollars each, all proceeds to be donated to the fund” (KROEGER, 1994, p. 181, 182).

de congratulações, nada de aumento de salário. “Como Pulitzer havia concedido um cheque bônus por sua reportagem sobre o manicômio, é justo supor que algo tenha provocado os punhos fechados em resposta à sua impressionante façanha”¹⁴³ (KROEGER, 1994, p. 186).

Uma possível explicação para que isso tenha acontecido seria o fato do *World* ter sido processado por conta de uma matéria de Bly, publicada três semanas antes de sua partida para a volta ao mundo. A biógrafa da jornalista afirma haver um relatório a respeito, entretanto nenhuma documentação sobre o caso foi encontrada. “Pulitzer, que era maníaco por precisão, tinha uma alergia fatal a processos por difamação”¹⁴⁴ (Idem, p. 187). Da parte de Nellie Bly, não há menções sobre processo algum. “Embora a versão de Bly sobre o porquê do rompimento com o *World* não incluía nenhuma disputa legal, revelar detalhes constrangedores sobre si mesma não era um hábito dela”¹⁴⁵ (KROEGER, 1994, p. 187).

Seja qual tenha sido o motivo para a saída da jornalista do *World*, os três anos seguintes representaram um hiato na carreira de Nellie Bly, durante o qual ela chegou a ficar deprimida. “Havia suficientes razões possíveis para a tristeza de Bly evoluir até o ponto que ela descreve em março de 1891 como ‘a depressão mais assustadora que pode assaltar [um] mortal’”¹⁴⁶ (Idem, p. 190).

Entre essas “razões”, estaria o malfadado contrato de três anos que ela assinou com o *publisher* do semanário *New York Family Story Paper*, N. L. Munro. Por um salário anual¹⁴⁷ comparável ao que ganhava o editor do *World*, John Cockerill¹⁴⁸, Nellie Bly escreveria novelas de ficção em série. “Era um contrato fabuloso, o qual Munro, que não tinha se preocupado em saber se Bly tinha os ingredientes de uma escritora de

¹⁴³ Texto original: “Given how quick Pulitzer was with a bonus check for her insane asylum exposé, it is a fair assumption that something provoked his tightfisted response to her stunning feat” (KROEGER, 1994, p. 186).

¹⁴⁴ Texto original: “Pulitzer, who was maniacal about accuracy, had a deathly allergy to libel suits” (KROEGER, 1994, p. 187).

¹⁴⁵ Texto original: “Although Bly’s own version of why she broke with *The World* makes no mention of a legal wrangle, she wasn’t in the habit of disclosing embarrassing details about herself” (KROEGER, 1994, p. 187).

¹⁴⁶ Texto original: “There were enough possible reasons for Bly’s blues for them to spiral into what she described in March of 1891 as ‘the most frightful depression that can beset [a] mortal’” (KROEGER, 1994, p. 190).

¹⁴⁷ Nellie Bly receberia US\$ 10 mil no primeiro ano e mais US\$ 15 mil para os dois anos seguintes.

¹⁴⁸ Segundo Brooke Kroeger, John Cockerill era um dos editores mais bem pagos dos Estados Unidos (KROEGER, 1994, p. 186).

ficção, certamente viveu para lamentar”¹⁴⁹ (KROEGER, 1994, p. 186). Não é possível saber quantas, se é que houve alguma, novelas de Bly foram de fato publicadas porque não há conhecimento da existência de exemplares do semanário de Munro desse período (KROEGER, 1994, p. 187).

Nos seis meses seguintes à saída do *World*, Nellie Bly se manteve ocupada com suas palestras e a preparação do livro sobre a viagem de volta ao mundo. Depois disso, com o possível fracasso de sua carreira de escritora, a situação começou a se complicar. “Aos seis meses do contrato, Bly foi confinada à cama por ordens médicas, só conseguia andar com muletas por conta de uma doença ou lesão cujo nome ela não revelou. Sua condição piorou por um caso de depressão que avançava”¹⁵⁰ (KROEGER, 1994, p. 188).

No entanto, na edição do *World* de 10 de maio de 1893, que tinha 100 páginas e comemorava os 10 anos de Joseph Pulitzer à frente do jornal, Nellie Bly foi a única repórter citada pelo nome. E não apenas uma vez, mas três. Como um dos especiais dessa edição comemorativa foram as 10 páginas com a sinopse ano a ano do *World* – cada uma dedicada a um ano da direção de Pulitzer – Bly é lembrada por seus três trabalhos mais importantes. Em 1887, por sua reportagem performática no manicômio da Ilha de Blackwell; em 1888, pelo trabalho que abordava o trabalho de lobistas no Estado de Nova Iorque; e em 1889, pela volta ao mundo em 72 dias (KROEGER, 1994, p. 199).

Considerando a posição insignificante da maioria das mulheres em jornais em geral, considerando que quase todas as colegas de Bly no *World* tinham seguido em frente, considerando que ela mesma tinha ficado fora da equipe e praticamente fora da vista do público por três anos inteiros quando a edição foi publicada, o tributo era um sólido depoimento ao nome que ela tinha construído para si mesma, apesar das intimidantes dificuldades, tanto dentro quanto fora da indústria¹⁵¹ (Ibidem).

¹⁴⁹ Texto original: “*It was a fabulous contract, one Munro, who had not bothered to determine if Bly had the makings of a fiction writer, doubtless lived to regret*” (KROEGER, 1994, p. 186).

¹⁵⁰ Texto original: “*Half a year into the contract, Bly was confined to bed under doctor’s orders, only able to hobble around on crutches, due to an injury or ailment she did not name. Her condition was aggravated by an advancing case of depression*” (KROEGER, 1994, p. 188).

¹⁵¹ Texto original: “*Considering the inconsequential position of most women on newspapers in general, considering that almost all Bly’s colleagues on The World had moved on, considering that she herself had been off the staff and virtually out of public view for three full years when the issue was published, the tribute was sound testimony to the name she had made for herself against daunting odds both within and outside the industry*” (KROEGER, 1994, p. 199).

Havia mais de um ano, Pulitzer estava fazendo mudanças constantes na chefia da redação e nos cargos de editor do *World*. Em 1893, Morrill Goddard, que já trabalhava no jornal como editor de cidade (*city editor*), passou a ser responsável pela edição de domingo. “Uma de suas primeiras medidas foi oferecer um emprego a Nellie Bly. Ela aceitou”¹⁵² (KROEGER, 1994, p. 200).

Depois que seu rosto havia sido estampado à exaustão com o sucesso da viagem de volta ao mundo, Bly não conseguiria mais usar identidade falsa para reunir informações para suas reportagens. Mas o tom espetacular se manteve durante essa sua segunda passagem pelo *World*, o que não era mais muito bem visto. “Apesar de todo o glamour e novidade que teve, a moda tinha passado por conta da superexposição. Repórteres mulheres que haviam disputado pela oportunidade de imitar Nellie Bly começaram a ver o trabalho ligado a seu nome como degradante e sem classe”¹⁵³ (Idem, p. 206). De toda maneira, a biógrafa da jornalista faz uma relação entre a presença de Bly no *World* e os índices de venda.

Pode ter sido apenas uma coincidência, mas o número de leitores da edição de domingo do *World* caiu no ano em que Bly deixou o jornal; girava em torno de 260 mil durante os três anos em que ela estava fora; depois saltou para 323.471 em 1894, que foi o primeiro ano completo de Goddard à frente do jornal de domingo, assim como o primeiro ano completo de Bly de volta à equipe. A edição semanal experimentou um padrão de crescimento semelhante¹⁵⁴ (KROEGER, 1994, p. 225).

A primeira reportagem de Nellie Bly após seu retorno ao *World* foi marcante: uma entrevista com vários anarquistas, entre os quais Emma Goldman, na primeira página da edição do dia 17 de setembro de 1893, com o título “Nellie Bly de novo” (*Nellie Bly again*). Então, ela se atreveu mais uma vez a virar colunista, mas a tentativa

¹⁵² Texto original: “Almost his first order of business was to offer a job to Nellie Bly. She accepted” (KROEGER, 1994, p. 200).

¹⁵³ Texto original: “Whatever glamour and novelty it once had long since had worn off from overexposure. Women reporters who had vied for the opportunity to emulate Nellie Bly began to see the kinds of assignments that evoked her name as degrading and déclassé” (KROEGER, 1994, p. 206).

¹⁵⁴ Texto original: “It may have been no more than coincidence, but Sunday readership at *The World* dropped the year after Bly left the newspaper, hovered around the 260,000 level for the three years she was gone, then jumped to 323,471 in 1894, which was Goddard’s first full year in charge of the Sunday paper and Bly’s first full year back on staff. The daily paper experienced a similar growth pattern” (KROEGER, 1994, p. 225).

durou apenas dois domingos, definitivamente não tinha talento para esse tipo de trabalho. “Morril Goddard, responsável pela seção de reportagem de domingo à época, imediatamente direcionou Bly de volta para o que ela fazia de melhor”¹⁵⁵ (KROEGER, 1994, p. 213). E ela manteve o destaque que havia adquirido alguns anos antes.

Semana após semana, Bly continuava suas investigações e entrevistas narradas em matérias, com uma pausa ocasional para algo mais leve [...]. Qual fosse o assunto, o *World* dava a ela grande destaque, na capa da primeira ou da segunda seção de reportagens. O assunto nem sempre era de tremer a terra, mas geralmente davam boa leitura – se a pessoa fosse fã do estilo de reportagem de Bly¹⁵⁶ (Idem, p. 219).

Sua cobertura da greve em Pullman (Illinois), em maio de 1894, foi um dos trabalhos mais notáveis desse período em que esteve no *World* pela segunda vez. Por volta do início de 1895, Bly mudou o tipo de contrato com o jornal, uma dedução possível de ser feita porque junto com sua assinatura passou a aparecer “*Special to the World*”, o que era uma característica de matérias escritas por repórteres que não eram membros permanentes da equipe do jornal.

Então, em fevereiro daquele ano, ela começou a escrever também para o *Times-Herald* de Chicago. A experiência durou apenas cinco semanas, o suficiente para ela fazer duas reportagens sobre presídios. “Sua percepção para o peculiar e para contar os detalhes era, como sempre, o que distinguia seu trabalho”¹⁵⁷ (KROEGER, 1994, p. 255).

No dia 5 de abril de 1895, Nellie Bly se casou com um rico industrial de quase 70 anos, Robert Livingston Seaman¹⁵⁸. No entanto, sem garantias de herança, a jornalista resolveu continuar trabalhando para o *New York World*. “A experiência de sua mãe, sem dúvida, era uma assombração que a perseguia. [...] Bly não tinha interesse em repetir

¹⁵⁵ Texto original: “Morrill Goddard, who was running the Sunday feature section at the time, immediately directed Bly back to what she did best” (KROEGER, 1994, p. 213).

¹⁵⁶ Texto original: “Week after week, Bly continued her investigations and news-related interviews, with an occasional break into something lighter [...]. Whatever the topic, *The World* gave her top display, on the front page of the first or second feature section. The subject matter wasn't always earth-shattering, but it generally made for good reading – if one happened to be a fan of Bly's approach to reportage” (KROEGER, 1994, p. 219).

¹⁵⁷ Texto original: “Her eye for quirky and telling detail was, as always, what distinguished her work” (KROEGER, 1994, p. 255).

¹⁵⁸ Por isso, referências a Nellie Bly, com seu nome verdadeiro, após esse período passam a ser: Elizabeth Jane Cochran Seaman.

aquela história sórdida”¹⁵⁹ (KROEGER, 1994, p. 277). O editor do *Sunday World* (a edição dominical do *New York World*) era Arthur Brisbane, que conhecia e admirava o trabalho da jornalista.

Em menos de um ano, Nellie Bly deixaria o *World* para sempre e, ao que tudo indica, isso aconteceu porque ela conseguiu negociar uma herança bastante generosa com seu marido Robert Seaman. Há indícios de que ele não ficou muito confortável com o fato de Bly ter continuado trabalhando. “Quando Bly anunciou a Seaman [...] que iria a Washington para cobrir a Convenção Nacional das Sufragistas, ele contratou, discretamente, o detetive privado John Hanley para acompanhá-la de perto”¹⁶⁰ (Idem, p. 281, 282).

Foi o início de um longo período que a jornalista passou afastada da profissão que havia feito dela uma celebridade nos Estados Unidos. No entanto, Bly não se distanciou muito dos holofotes e foi notícia por seu trabalho como *businesswoman*. Com a morte do marido em março de 1904, ela se tornou presidente da *Iron Clad Manufacturing Company*.

Ela introduziu processos mais modernos e mais eficientes [...]. Construiu novos prédios no pátio da fábrica em Bushwick e reorganizou o sistema operacional. [...] Ela aprendeu a operar cada uma das máquinas na fábrica e até afirma ter projetado várias novas delas. Em 1905, ela possuía 25 patentes em seu nome. Ela instituiu um sistema de bem-estar social para seus empregados¹⁶¹ (KROEGER, 1994, p. 305, 306).

Se ela se preocupava com inovação e com o bem-estar dos empregados, não se preocupava com os assuntos financeiros da empresa e deixava tudo nas mãos de seus “homens de confiança”, seu grande erro. Os responsáveis pelas finanças da empresa cometeram fraudes que a levaram à falência.

¹⁵⁹ Texto original: “Her mother’s experience doubtless supplied a haunting specter. [...] Bly had no interest in repeating a sordid history” (KROEGER, 1994, p. 277).

¹⁶⁰ Texto original: “When Bly announced to Seaman [...] that she would be going to Washington to cover the National Woman Suffrage Convention, he quietly called John Hanley, the private detective, to shadow her” (KROEGER, 1994, p. 281, 282).

¹⁶¹ Texto original: “She introduced more modern, more efficient processes [...]. She had new buildings erected on the factory site in Bushwick and reorganized the operational system. [...] She learned how to operate every machine in the plant and even claimed to have designed several new ones. By 1905, she held twenty-five patents in her own name. She instituted a social welfare system for her employees” (KROEGER, 1994, p. 305, 306).

Bly acabou voltando a trabalhar como jornalista de uma maneira inesperada: estava em Viena quando a Primeira Guerra foi deflagrada e escreveu algumas matérias como correspondente para o *Evening Journal*, que tinha Arthur Brisbane como editor naquele momento.

E foi no jornalismo que Nellie Bly permaneceu até sua morte, em 27 de janeiro de 1922, em decorrência de uma pneumonia.

3 ANÁLISE DAS REPORTAGENS DE NELLIE BLY

Já foi dito anteriormente que a Nova História trouxe mudanças à pesquisa histórica. Discorreu-se no capítulo 2 sobre as diferentes perspectivas adotadas para contar um evento do passado. Outra novidade dessa escola foi a ampliação das fontes e documentos consultados pelo pesquisador. Em vez de se limitar aos registros oficiais, a investigação histórica passou a se valer de registros orais e estatísticos, por exemplo. “[...] quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais” (BURKE, 1992, p. 25).

Os pesquisadores Leandro Karnal e Flavia Tasch corroboram essa ideia. “Necessariamente, a ampliação de temas levou à ampliação da noção de documento” (2009, p. 15). E observam: “[...] a noção de documento ampliou-se muito mais do que os historiadores tradicionais queriam, mas, igualmente, não atingiu o patamar de ‘qualquer coisa’ que certos vulgarizadores do pós-modernismo pregavam” (Ibidem).

Karnal e Tasch enfatizam que a autenticidade da fonte deve ser uma preocupação do pesquisador e lembram que o valor do documento está diretamente ligado ao meio social. “Em síntese, documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita” (Idem, p. 24).

Nessa ampliação de fontes, o jornal passou a figurar com frequência como documento consultado nas pesquisas históricas. Como deve ser para qualquer tipo de fonte, é preciso tomar certos cuidados ao pesquisar jornais. Primeiramente, reconhece-se que o jornal não é absolutamente objetivo – característica que não é exclusiva desse documento. Como pondera a pesquisadora Tania de Luca, a objetividade é um “[...] atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar [...]” (2010, p. 116). Além disso, é necessário levar em consideração aspectos gráficos do jornal.

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras.

Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê (Idem, p. 132).

A autora lembra, ainda, a importância da contextualização. “[...] o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas” (Idem, p. 138). E também menciona a importância de prestar atenção aos processos de produção jornalística.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação [...].

[...] jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (Idem, p. 140).

Assim, foi levando em conta essas considerações que, nos dois capítulos anteriores, buscou-se fazer uma reconstituição do contexto no qual se insere a produção jornalística de Nellie Bly. A compreensão da situação da imprensa naquele momento e de sua história pessoal são fundamentais para a análise de 11 reportagens da jornalista, que será apresentada a seguir.

Em seu estudo sobre os jornais dos Estados Unidos, o pesquisador Michael Schudson chama a atenção para a estreita relação entre a história dos jornais e a história das cidades (2010, p. 117). Como parte integrante de um importante jornal do final do século XIX, as reportagens de Bly deixam essa conexão feita por Schudson muito clara: as pautas da jornalista mostram uma Nova Iorque em ebulição. Imigrantes chegando de várias partes do mundo, mulheres ocupando mais espaço no mercado de trabalho, negócios em expansão.

3.1 Escolha do material analisado

Como já foi mencionado no Capítulo 2, a carreira de jornalista de Nellie Bly começou em Pittsburgh, em 1885, e durou até 1896, já em Nova Iorque. Em uma segunda fase, ela voltou a trabalhar no ramo entre 1914 e 1922, ano de sua morte. Para este trabalho, foi delimitado o período entre setembro de 1887 e outubro de 1889. A justificativa para essa escolha se baseia na posição de Brooke Kroeger, biógrafa de Bly, que define essa fase profissional como o auge da carreira da jornalista.

Durante essa temporada, Nellie Bly fez um trabalho de destaque, sempre com uma preocupação social, argumenta a biógrafa. “Depois disso, ela fez reportagens sobre a greve em Pullman, entrevistou Emma Goldman, coisas desse tipo, que eram um tipo de jornalismo muito mais convencional, feito sob sua perspectiva pessoal, obviamente, mas relatado convencionalmente”¹⁶² (KROEGER, 2012, informação verbal).

Kroeger estende a “era de ouro” de Nellie Bly até o início de 1890, incluindo, então, a viagem de volta ao mundo. Apesar de reconhecer a importância desse feito notável de Bly, optou-se por não inserir esse material entre as reportagens analisadas para este trabalho por entender que essa inclusão tornaria o *corpus* da pesquisa muito extenso.

O material para análise totalizou, inicialmente, 22 reportagens de Nellie Bly publicadas no jornal *The New York World* entre 1887 e 1889, que foram selecionadas de acordo com o critério da acessibilidade. Parte do material foi conseguido através do site “Nellie Bly – A Resource Website” (<http://www.nellieblyonline.com/>). Em contato com Tri Fritz, o responsável por esse site, foi possível conseguir mais algumas reportagens. Essa parte do material está em arquivos PDF.

Além disso, em maio de 2012, foram feitas visitas à Biblioteca Pública de Nova Iorque (NYPL), onde é possível ter acesso ao *New York World* em microfilmes e, então, mais algumas reportagens foram recolhidas. A pesquisa nos arquivos da Biblioteca seguiu pistas oferecidas pela biografia de Nellie Bly, escrita por Brooke Kroeger, em que várias reportagens são citadas. Devido ao pouco tempo disponível para pesquisa, não foi possível ficar folheando o jornal em busca de mais reportagens.

Uma das dificuldades encontradas durante a pesquisa na Biblioteca Pública de Nova Iorque foi o fato de não ser possível fazer cópias digitais dos microfilmes, apenas

¹⁶² Fala original: “After that, she reported on the Pullman strike, she interviewed Emma Goldman, all kinds of things like that, which were much more conventional journalism, done through her personal perspective, obviously, but conventionally reported” (KROEGER, 2012, informação verbal).

cópias impressas com qualidade sofrível. Adotou-se, portanto, o método de copiar os textos a mão (digitação), o que tornou o trabalho muito mais lento.

Feita, então, a coleta do material que totalizou 22 reportagens, foram selecionadas 11 que se encaixam no conceito de jornalismo performático (*stunts*) e/ou denúncias e tratam de assuntos de relevância para a sociedade. Das 11 deixadas de fora, sete foram excluídas por tratarem de temas de pouca ou nenhuma relevância social. Para citar dois exemplos, Nellie Bly fez aulas de balé e esgrima e relatou a experiência no *World*.

Outras duas reportagens que não entraram na seleção para análise se encaixam no gênero jornalístico chamado “perfil” e não caracterizam reportagens performáticas nem denúncias, portanto saem do foco estabelecido para a pesquisa.

Finalmente, dois textos foram excluídos da análise por problemas com a sua leitura. Ambos em arquivo PDF, um deles tem um pedaço da coluna cortado, impossibilitando a leitura, e o outro está incompleto (falta a continuação do texto, que está em outra página).

A seguir, uma tabela com os 22 títulos recolhidos, mostrando a forma como foram obtidos e quais foram selecionados para análise.

Tabela de Reportagens 1887-1889

Nº	Ano-Mês-Dia	Título	Para análise	Origem
1	1887-10-09	Behind Asylum Bars	Sim	NYPL
2	1887-10-16	Inside the Madhouse	Sim	Tri Fritz
3	1887-10-30	Trying to be a Servant	Sim	Tri Fritz
4	1887-11-06	What Becomes of Babies	Sim	Tri Fritz
5	1887-12-04	Wanted - A Few Husbands	Não	Tri Fritz
6	1887-12-18	Learning Ballet Dancing	Não	Tri Fritz
7	1888-01-08	In Quaint Old Economy	Não	Tri Fritz
8	1888-02-12	In The Magdalen's Home	Sim	Tri Fritz
9	1888-03-04	Nellie Bly On The Stage	Não	Tri Fritz
10	1888-03-11	Some Ladies Who Fence	Não	Tri Fritz
11	1888-03-25	Nellie Bly as a Mesmerist	Não	Tri Fritz
12	1888-04-01	The King of the Lobby	Sim	NYPL
13	1888-11-04	Nellie Bly On The Wing	Não	Tri Fritz
14	1888-11-11	Exposed By Nellie Bly	Sim	Tri Fritz
15	1888-11-11	Should Women Propose	Não	Tri Fritz
16	1888-12-02	Visiting the Dispensaries	Não	Tri Fritz

17	1889-02-03	Working Girls Beware	Sim	Tri Fritz
18	1889-02-17	Deaf Dumb and Blind Article	Não	Tri Fritz
19	1889-03-31	Another Wicked Swindle	Sim	Tri Fritz
20	1889-05-12	A Female Usurer's Trick	Sim	Tri Fritz
21	1889-10-06	Nellie Bly Buys a Baby	Sim	NYPL
22	1889-10-09	Eva Hamiltons Story Part 1	Não	Tri Fritz

A análise dos textos selecionados leva em conta os processos de produção jornalística utilizados por Nellie Bly, sobretudo o método usado para apurar as informações. Além disso, são feitas conexões com o contexto histórico, como vem se procedendo ao longo do trabalho.

O método é um dos aspectos do jornalismo que permanece no centro do debate atual, como apontam Bill Kovach e Tom Rosenstiel. O motivo é que até hoje não há, nem mesmo nas faculdades de jornalismo, algo como um “manual básico de procedimentos metodológicos” que jornalistas devem seguir ao apurar uma matéria ou uma reportagem. “Não há nada que se aproxime de regras padrão para levantar provas, como no Direito, ou um método consensual de observação, como na realização de experiências científicas” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2004, p. 118).

Os pesquisadores estadunidenses mencionam o estudo do psicólogo William Damon, da Universidade de Stanford (Califórnia), a respeito das “‘estratégias’ que os jornalistas desenvolvem para checar os dados de uma reportagem”. A resposta da maioria dos jornalistas para a pergunta de Damon a respeito do método de apuração foi: “errando e aprendendo, por minha conta, ou de um colega. Raros disseram ter aprendido numa escola de jornalismo ou de seus próprios editores” (Ibidem).

Para Kovach e Rosenstiel, o grande problema da falta de sistematização do método jornalístico é que isso afeta a confiança que o leitor deposita no trabalho desenvolvido por repórteres. “Isso prejudica a credibilidade da profissão ao fazê-la parecer sem princípios, desonesta e preconceituosa. Este é um alerta muito importante, numa era em que os padrões jornalísticos são postos em dúvida” (Idem, p. 117).

Em seu livro sobre a Escola de Jornalismo da *Columbia University*, Joseph Pulitzer fala sobre a importância de, na faculdade, um estudante aprender onde procurar, com rapidez e precisão, uma informação que ele desconhece.

Mais importante, portanto, que enchê-lo com fatos que nunca serão suficientes para alcançar o tamanho das suas necessidades é treiná-lo na arte de encontrar as coisas quando necessário. [...]

Sempre há uma fonte mais indicada para cada tipo de informação, alguma fonte original de onde os fatos fluem para todos os tipos de mídia, chegando ao público em segunda, terceira ou quarta mão.

Haverá algo mais útil para o jornalista que conhecer essas fontes seguras de conhecimento, ser capaz de chegar a elas num instante e levantar dados com absoluta confiança e precisão? (PULITZER, 2009, p. 41).

Se for levado em conta o que relatam os pesquisadores Kovach e Rosenstiel, esse aspecto que Pulitzer considerava essencial para a formação dos estudantes de jornalismo continua sendo até hoje, cem anos após a criação do curso na *Columbia*, uma questão mal resolvida.

3.2 As reportagens analisadas

Já foi mencionado no Capítulo 2 que Nellie Bly inaugurou sua carreira no *New York World* com as reportagens sobre o manicômio na Ilha de Blackwell (atual Ilha Roosevelt, em Nova Iorque). Com os títulos *Behind Asylum Bars* e *Inside the Madhouse*, as reportagens foram publicadas respectivamente nos dias 9 e 16 de outubro de 1887, ambas com bastante destaque na página 25 do *New York World* dominical, uma capa interna – o jornal não era dividido em editorias, mas tinha algo que poderia ser comparado à divisão por cadernos. Na primeira parte, Bly contou o processo pelo qual passou para conseguir ser diagnosticada como insana e ser internada no manicômio. A experiência dentro do estabelecimento foi relatada apenas na segunda parte, publicada no domingo seguinte.

Duas semanas depois, aparece na página 9 o texto *Trying to Be a Servant* em que Bly fala de sua experiência em duas agências de emprego. A ideia era verificar se, ao pagar o valor exigido, a candidata teria um posto garantido. No dia 6 de novembro, com *What Becomes of Babies*, um tema mais delicado: alegando ter um bebê do qual quer se desfazer, a jornalista visita sete locais diferentes onde consegue informações sobre como fazê-lo. Curiosamente, esta última é uma das únicas reportagens dela publicadas em uma página de número par – página 10.

Em *In the Magdalen's Home*, publicada em 12 de fevereiro de 1888 na página 29, Nellie Bly se passa por uma delinquente em busca de recuperação e permanece dois dias

em um local destinado a esse fim. A reportagem *The King of the Lobby*, na página 19 do dia 1º de abril de 1888, é uma das mais polêmicas. Adotando a identidade de esposa de um empresário da indústria farmacêutica, ela consultou o lobista mais famoso de Nova Iorque a respeito de uma lei que gostaria que fosse vetada, pois prejudicaria os negócios do marido.

Três reportagens analisadas constituem denúncias de golpes. Ainda em 1888, Bly revela os truques de um homem que difundia possuir certo magnetismo que lhe dava poder de cura. Em *Exposed by Nellie Bly*, publicada em 11 de novembro em uma página interna¹⁶³, ela se fez de paciente interessada em acabar com fortes dores de cabeça e descobriu como ele produzia o efeito de magnetismo.

A denúncia apresentada sob o título *Working Girls Beware*, na página 17 do dia 3 de fevereiro de 1889, é o único caso, entre os textos analisados neste trabalho, em que a jornalista não usou identidade falsa. Nessa matéria, Bly apresenta o depoimento de várias mulheres que pagavam para aprender a fazer cachecóis e ter um emprego garantido, mas não conseguiam nem uma coisa nem outra.

O terceiro golpe denunciado por Nellie Bly é uma propaganda enganosa. Uma empresa anunciava presentear com uma máquina de lavar e um vestido de seda a pessoa que enviasse um dólar para eles. A história aparece sob o título *Another Wicked Swindle*, publicada no dia 31 de março de 1889, na página 13. Ela conta que a máquina não servia para lavar nada e o vestido nunca era enviado.

Na reportagem com o título *A Female Usurer's Trick*, na página 21 de 12 de maio de 1889, Bly conta como penhorou uma pulseira em um local que não tinha licença para o serviço de penhora (*pawnshop*). Por fim, no último texto analisado, ela retoma o tema do comércio de bebês em Nova Iorque. O título da reportagem publicada na página 21, no dia 6 de outubro de 1889, vai direto ao ponto: *Nellie Bly Buys a Baby*. Ela conta como, depois de visitar quatro locais, consegue comprar um recém-nascido por 10 dólares.

3.2.1. As ideias para as pautas

Um aspecto interessante das reportagens de Nellie Bly diz respeito à origem da pauta, muitas vezes deixada clara pela repórter em seus textos. Era recorrente, por exemplo, Bly receber sugestões de pautas de seus leitores. É particularmente curioso

¹⁶³ Pode-se fazer essa dedução porque é uma página terminada na unidade 2, no entanto, o número que representa a dezena está ilegível.

perceber que a atual festejada “interação” entre público e jornalistas já mostrava sinais há mais de 120 anos.

Na reportagem *Trying to Be a Servant*, apesar da jornalista relatar no primeiro parágrafo que queria investigar as agências de emprego para “sua própria satisfação”, no segundo, ela conta que havia recebido uma carta de um advogado fazendo reclamações de um desses estabelecimentos. “Na segunda à tarde, chegou ao escritório do WORLD a carta de um advogado reclamando de uma agência à qual uma de suas clientes pagou por uma empregada e o agente se negou a conseguir uma moça. Decidi fazer minha primeira tentativa ali”¹⁶⁴ (*World*, 30, out, 1887, *Trying to Be a Servant*, p. 9).

O mesmo acontece em *What Becomes of Babies*. Logo no primeiro parágrafo Bly conta que um filantropo havia escrito na semana anterior sugerindo que ela descobrisse “o que acontece com todas as gravidezes nessa grande cidade”. Ela explica melhor a dica do leitor já no final do texto: “o cavalheiro que escreveu ao WORLD disse que sua mulher ligou para a senhora Gray, na Sexta Avenida, que anuncia manicure e sauna, e ao chegar lá viu que a casa estava cheia de mães e bebês”¹⁶⁵ (*World*, 6, nov, 1887, *What Becomes of Babies*, p. 10).

Na reportagem do dia 3 de fevereiro de 1889, em que Nellie Bly relata o golpe aplicado por pessoas que anunciavam oferecer cursos de produção de cachecóis e garantir um posto em confecções, também houve sugestão de leitores para a pauta. “[...] cartas começaram a chegar ao WORLD aos montes e rapidamente. Todo dia uma pobre garota escrevia que havia respondido a algum daqueles anúncios de cachecol e foi enganada e perdeu dinheiro”¹⁶⁶ (*World*, 3, fev, 1889, *Working Girls, Beware!*, p. 17). As cartas, no entanto, confirmavam uma suspeita que ela já tinha: “Eu estava notando há vários dias a longa lista de anúncios nos jornais chamando mulheres para aprender a fazer cachecóis. Eu pensei que ou aquele tipo de trabalho era estranhamente abundante

¹⁶⁴ Texto original: “On Monday afternoon a letter came to THE WORLD office from a lawyer complaining of an agency where, as claimed, a client of his had paid for a servant, and the agent then refused to produce a girl. This shop I decided to make my first essay” (*World*, 30, out, 1887, *Trying to Be a Servant*, p. 9).

¹⁶⁵ Texto original: “The gentleman who wrote to THE WORLD said that his wife called on Mrs. Gray in Sixth avenue, who advertises manicure and vapor baths, and while there she found that the house was filled with mothers and babies” (*World*, 6, nov, 1887, *What Becomes of Babies*, p. 10).

¹⁶⁶ Texto original: “[...] letters began to come to The World thick and fast. Every day some poor girl wrote that she had answered some of those scarf advertisements and had been cheated out of her money” (*World*, 3, fev, 1889, *Working Girls, Beware!*, p. 17).

ou aqueles anunciantes eram golpistas”¹⁶⁷ (Ibidem). Em *Another Wicked Swindle*, Bly conta que decidiu escrever sobre o golpe da máquina de lavar depois de ouvir falar dele durante um tempo e de ter recebido duas cartas reclamando da propaganda enganosa. Nos dois primeiros parágrafos da reportagem, ela reclama da quantidade de golpes que eram aplicados em Nova Iorque naquele momento. “Trapaceadores e trapaceados! Divida a população da América em duas partes e você vai ter duas classes – os trapaceadores e os trapaceados [...]. Todos os dias eu recebo cartas de vítimas contando sobre novos golpes”¹⁶⁸ (*World*, 31, mar, 1889, *Another Wicked Swindle*, p. 13).

Além das dicas dos leitores, os próprios jornais eram fonte recorrente para suas pautas. Como foi mencionado anteriormente, os golpes denunciados por Nellie Bly eram anunciados nos jornais e ela estava atenta àqueles que pareciam duvidosos. Foi o caso do médico que alardeava possuir poder de cura através do magnetismo, assunto abordado na reportagem publicada no dia 11 de novembro de 1888, sob o título *Exposed by Nellie Bly*. Ela inicia o texto reproduzindo o anúncio logo depois do primeiro parágrafo e afirma em seguida: “eu decidi visitar essa singular pessoa, já que o anúncio parecia estampar em sua cara a evidência de fraude”¹⁶⁹ (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. [?]2).

Em alguns casos, havia uma combinação entre o que ela observava nos jornais e o que recebia de sugestão dos leitores do *World*. No texto sobre o comércio de bebês (*What Becomes of Babies*), ela relata ter seguido as pistas dadas pelo leitor a respeito de anúncios de fachada – como foi mencionado alguns parágrafos acima. “Eu peguei edições de domingo de vários jornais e anotei diversos anúncios médicos e de manicure”¹⁷⁰ (*World*, 6, nov, 1887, *What Becomes of Babies*, p. 10). Assim, ela obteve os endereços dos sete locais, os quais visitou vivendo o papel de uma mulher interessada em vender um bebê. Os anúncios a ajudaram ainda em outros dois casos, *Another Wicked Swindle* e *Working Girls Beware*, dentre as matérias selecionadas para este trabalho.

¹⁶⁷ Texto original: “For several days I have been noticing the long list of advertisements in the newspapers calling for women to learn scarf-making. I thought that kind of work was strangely abundant or these advertisers were swindlers” (Ibidem).

¹⁶⁸ Texto original: “Swindlers and swindled! Divide the population of America into two parts and you have two classes – the swindlers and the swindled [...]. Every day I get a letter from victims telling of new forms of swindles” (*World*, 31, mar, 1889, *Another Wicked Swindle*, p. 13).

¹⁶⁹ Texto original: “I made up my mind to call on this remarkable person, as the advertisement seemed to bear on its face the evidence of fraud” (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. [?]2).

¹⁷⁰ Texto original: “I took several Sunday newspapers and made note of many of the medical and manicure advertisements” (*World*, 6, nov, 1887, *What Becomes of Babies*, p. 10).

3.2.2. As edições de domingo do *World*

Todas as 11 reportagens escritas por Nellie Bly e analisadas nesta pesquisa foram publicadas em edições de domingo do *New York World*. Mais do que uma coincidência, esse fato evidencia, entre outros aspectos, que os textos da jornalista tinham grande apelo popular, uma vez que nesse período se vendiam mais jornais aos domingos do que durante a semana – como ocorre ainda atualmente, pelo menos no Brasil. “Os volumosos suplementos de domingo exigiam editores e escritores designados especificamente para supervisionar sua produção semanal”¹⁷¹ (KROEGER, 1994, p. 126).

Segundo o pesquisador George Juergens, em 1842, a proporção de nova-iorquinos que comprava jornais aos domingos era de um em cada 26, enquanto um em cada 6.5 os compravam durante a semana. Em 1850, o número de leitores de jornais dominicais em Nova Iorque passou para um em cada 8.8. “Em 1889, seis anos depois de Pulitzer ter apresentado um novo estilo de jornalismo à cidade [...], a proporção aumentou para um a cada 2.2. Naquele ano, mais pessoas compraram jornais aos domingos do que durante a semana”¹⁷² (JUERGENS, 1966, p. 57).

Para Juergens, três fatores explicariam o aumento na venda de jornais aos domingos em Nova Iorque: a Guerra Civil, a industrialização e a crescente chegada de imigrantes à cidade. Ele relata que no período anterior à década de 1880 havia muita resistência aos jornais dominicais por serem considerados uma violação ao *Sabbath*¹⁷³. A maioria dos imigrantes não tinha o costume de guardar um dia sagrado toda semana e queria se divertir no dia de descanso. A leitura do jornal aos domingos era, portanto, uma forma de lazer para eles.

A industrialização provocou efeito parecido nos operários, que passavam seis dias por semana trabalhando até 16 horas por dia. Eles também queriam diversão no único dia de folga, em vez de descansar em respeito ao dia sagrado da semana. Além disso, “quatro anos terríveis de Guerra Civil deixaram nos jornais o hábito de publicar

¹⁷¹ Texto original: “*The voluminous Sunday supplements required designated editors and writers to oversee their weekly production*” (KROEGER, 1994, p. 126).

¹⁷² Texto original: “*By 1889, six years after Pulitzer introduced a new style of journalism to the city [...] the proportion had risen to one in 2.2. More people that year purchased newspaper on Sundays than during the week*” (JUERGENS, 1966, p. 57).

¹⁷³ O *Sabbath* é o dia da semana dedicado a atividades religiosas e ao descanso. Para algumas religiões, esse dia é o sábado; para a maioria dos cristãos, o domingo.

edições especiais aos domingos, relatando o resultado de batalhas das quais dependiam o destino da União”¹⁷⁴ (JUERGENS, 1966, p. 56).

O sucesso do *Sunday World* fez com que o jornal chegasse a ter 48 páginas nesse dia da semana – inicialmente eram oito e o aumento foi gradativo (*Idem*, p. 57). Juergens explica que Joseph Pulitzer usava a edição de domingo para medir o potencial de alguns conteúdos. “Ele usou a edição de domingo como um laboratório para testar ideias que, no fim das contas, provaram ser aplicáveis também ao longo da semana”¹⁷⁵ (*Ibidem*).

Pode-se dizer, portanto, que Nellie Bly, com seu texto envolvente, conseguiu garantir seu espaço na popular edição de domingo do *New York World*. Como afirma a biógrafa da jornalista, “para grande parte dos objetivos de Pulitzer, os talentos de Bly eram feitos sob medida”¹⁷⁶ (KROEGER, 1994, p. 104). Uma das características das reportagens de Bly que iam ao encontro do que Joseph Pulitzer estava interessado em publicar em seu jornal era a facilidade para ilustrá-las. Era comum, a pesquisadora explica, Bly ter a companhia do celebrado cartunista do *World*, Walt McDougall, em suas pautas (*Ibidem*).

Além disso, o tom de seus textos, sempre dando a ideia de que cada reportagem era uma missão a ser enfrentada, e a escolha dos temas, frequentemente relacionados às dificuldades vividas pelas camadas mais desfavorecidas da sociedade nova-iorquina, estavam em perfeita sintonia com o que se convencionou chamar de “Novo Jornalismo”. Como já foi mencionado no Capítulo 1, Frank Luther Mott resume a fórmula do “Novo Jornalismo” do *World* em seis pontos: boa cobertura apimentada com sensacionalismo, jornalismo performático e cruzadas, editoriais de alto nível, número de páginas, uso de ilustrações e promoções oferecidas aos leitores (MOTT, 1959, p. 439).

¹⁷⁴ Texto original: “four terrible years of Civil War had accustomed newspapers to publishing special editions on Sundays, reporting the outcome of battles upon which the fate of the Union might depend” (JUERGENS, 1966, p. 56).

¹⁷⁵ Texto original: “He used the Sunday edition as a laboratory to test ideas that finally proved to be applicable throughout the week” (JUERGENS, 1966, p. 57).

¹⁷⁶ Texto original: “for most of Pulitzer’s objectives, Bly’s talents were custom-made” (KROEGER, 1994, p. 104).

3.2.3. O texto de Nellie Bly

Entre as características destacadas por Frank Luther Mott, a contribuição de Nellie Bly se encaixaria, principalmente, no item “jornalismo performático e cruzadas”. Brooke Kroeger destaca a capacidade da jornalista de imprimir uma marca própria a seus textos. “Não eram as opiniões que ela injetava nas histórias [...]. Era mais o modo como sua própria voz, sua personalidade, como ela mesma penetrava na página independentemente do que ela tinha, de fato, a dizer”¹⁷⁷ (KROEGER, 1994, p. 104). A pesquisadora faz, ainda, uma comparação do trabalho de Bly com o “Novo Jornalismo” das décadas de 60 e 70 do século XX:

Diferentemente dos seus herdeiros inconscientes dos anos 1960 e 1970, quando a expressão “Novo Jornalismo” voltaria à tona de novo, não eram sua [de Nellie Bly] perspicácia ou sarcasmo ou fluxo de consciência de contracultura que chegavam a um público maduro. Eram sua compaixão e consciência social, sustentadas por uma franqueza que desarmava. Não havia percepção literária extraordinária, nem *finesse* literária notável. Bly simplesmente produzia, semana após semana, uma amostra desinibida de seu prazer em ser mulher e destemida e sua alegria em ter um lugar de destaque, onde podia se pavonear. Era jornalismo “gonzo” da era vitoriana¹⁷⁸ (KROEGER, 1994, p. 104, 105).

Dois trechos de sua primeira reportagem publicada no *World, Behind Asylum Bars*, em que relata o percurso feito até chegar ao manicômio da Ilha de Blackwell, podem ser citados como exemplo dessa habilidade que Nellie Bly tinha de se inserir nas histórias que contava. O primeiro consiste em um momento em que ela estava sendo examinada por um médico e ele pergunta se ela era “mulher da vida” (*woman of the town*). E o diálogo que se segue é este:

“Não o estou entendendo”, respondi sinceramente revoltada com ele.

¹⁷⁷ Texto original: “It was not the opinions she injected into stories [...]. It was more the way her own voice, her personality, her essential self penetrated the page in spite of whatever she actually had to say” (KROEGER, 1994, p. 104).

¹⁷⁸ Texto original: “Unlike her unwitting heirs of the 1960s and 1970s, when the phrase “New Journalism” would come around again, it was not her wit or sarcasm or counterculture stream-of-consciousness that delivered a ripe audience. It was her compassion and social conscience, buttressed by a disarming bluntness. There was no mind-splitting intellectual insight or noteworthy literary finesse. Bly simply produced, week after week, an uninhibited display of her delight in being female and fearless and her joy in having such an attention-getting place to strut her stuff. It was “gonzo” journalism cloaked in Victoriana” (KROEGER, 1994, p. 104, 105).

“Quero dizer se você já permitiu que homens fossem seus provedores, a mantivessem?

Eu tive vontade de dar um tapa na cara dele, mas eu tinha de manter minha compostura, então eu simplesmente disse: “Não sei do que está falando. Eu sempre morei em casa”¹⁷⁹ (*World*, 9, out, 1887, *Behind Asylum Bars*, p. 25).

O outro trecho, alguns parágrafos depois desse citado, também faz referência aos médicos. “Depois disso, passei a ter ainda menos respeito pela competência dos médicos do que tinha antes e passei a ter mais respeito por mim mesma. Agora eu tinha certeza de que nenhum médico podia dizer se as pessoas são insanas ou não, se o caso não fosse violento”¹⁸⁰ (*Ibidem*).

Um terceiro exemplo de como Nellie Bly se inseria em suas reportagens de uma forma envolvente está em *What Becomes of Babies*, de 6 de novembro de 1887. Depois de visitar quatro locais envolvidos na venda de bebês em Nova Iorque, ela revela ter desenvolvido um sentimento por essa “criança imaginária” da qual estava querendo se desfazer.

A esta altura, eu tinha um grande carinho por essa criança imaginária. Eu havia diminuído sua idade, já que a maioria reclamava que ela era muito velha, e havia mudado o seu tom de pele. Há muito tempo eu já tinha deixado de fingir que o bebê era meu. Agora, ele pertencia a uma amiga minha. Era uma posição mais confortável para nós. Minha mente o imaginava um desses bebês bonitos sobre os quais lemos e, ocasionalmente, eu me surpreendia muito com o fato de que uma mãe pudesse cedê-lo. A imaginação é uma coisa fantástica quando se dá corda a ela¹⁸¹ (*World*, 6, nov, 1887, *What Becomes of Babies*, p. 10).

Não seria incorreto afirmar que o tom dos textos de Bly combinava com os objetivos de Pulitzer em relação ao público que pretendia alcançar. “Como um jornal

¹⁷⁹ Texto original: “I do not understand you,” I replied, heartily disgusted with him. “I mean have you allowed the men to provide for you and keep you?” I felt like slapping him in the face, but I had to maintain my composure, so I simply said: “I do not know what you are talking about. I always lived at home.” (*World*, 10, out, 1887, *Behing Asylum Bars*, p. 25).

¹⁸⁰ Texto original: “After this, I began to have a smaller regard for the ability of doctors than I ever had before, and a greater one for myself. I felt sure now that no doctor could tell whether people were insane or not, so long as the case was not violent” (*Ibidem*).

¹⁸¹ Texto original: “I had by this time a very tender feeling for this imaginary child. I had lessened its age, as most of them complained that it was too old and I had changed its complexion. I had long ceased to pretend it was my own. It now belonged to a friend of mine. This was a more comfortable position for us. My mind pictured it one of these handsome [...] baby boys we read about, and occasionally felt a mad surprise that the mother could part with it. One’s imagination is a wonderful thing when one once gives way to it” (*World*, 6, nov, 1887, *What Becomes of Babies*, p. 10).

sensacional, o *World* tinha como grande parte de seu público homens e mulheres de pouca educação e alfabetização escassa. [...] a linguagem tinha de ser clara e simples o suficiente para pessoas comuns entenderem”¹⁸² (JUERGENS, 1966, p. 58).

Pulitzer orientava seus redatores a escrever com “perfeita clareza” e evitar termos incomuns. Até mesmo os editoriais deviam ser escritos “para o povo, não para os poucos” (Ibidem). No dia 6 de abril de 1947, o *St. Louis Post-Dispatch* publicou um caderno especial em comemoração ao centenário de Pulitzer no qual havia uma referência à sua obsessão pela simplicidade dos textos. “Qual é o sentido de escrever em um nível acima dos leitores?” o *publisher* perguntava. ‘Revise o depoimento, analise-o, sintetize-o, condense-o até que uma criança seja capaz de entendê-lo. Comece pelo começo’”¹⁸³ (apud JUERGENS, 1966, p. 58).

A pesquisadora francesa Géraldine Muhlmann também comenta que Nellie Bly fazia comentários em seus textos, seguindo uma orientação editorial. “Nota-se [...] uma característica na escrita de Nellie Bly: a distribuição de pontos positivos e negativos no decorrer de suas observações – o que corresponde precisamente às instruções de seu editor, que desejava que ela expressasse sua opinião”¹⁸⁴ (2004, p. 64). Especificamente em relação à reportagem sobre o manicômio na Ilha de Blackwell, Muhlmann considera, entretanto, que os comentários de Bly eram “superficiais” (Idem, p. 63).

Voltando às reportagens de Nellie Bly, outra característica marcante destacada por sua biógrafa é a habilidade que a jornalista tinha para fazer entrevistas. Essa era uma prática que estava ainda começando a se estabelecer quando Bly começou a trabalhar no *World*. Kroeger afirma que o modelo pergunta e resposta já aparecia nos anos 1840 e se tornou, de fato, popular nos anos 1880, embora houvesse quem fosse contrário a essa técnica de apuração jornalística. O pesquisador George Juergens reconhece a dificuldade em se estabelecer um marco preciso para o início do uso da entrevista por jornalistas, mas lembra que “muitas autoridades” consideram que a primeira tenha

¹⁸² Texto original: “As a sensational journal, the *World* found much of its audience among men and women of little education and scant literacy. [...] the language had to be clear and simple enough for ordinary people to understand” (JUERGENS, 1966, p. 58).

¹⁸³ Texto original: “‘What is the use of writing above the heads of readers?’ the publisher asked. ‘Go over that testimony, analyze it, summarize it, condense it, so that a child can understand it [...]. Begin with the beginning’” (apud JUERGENS, 1966, p. 58).

¹⁸⁴ Texto original : “On note [...] un trait significatif de l’écriture de Nellie Bly : la distribution des bons et des mauvais points au fur et à mesure de ses observations – ce qui correspond précisément aux instructions de son editor, qui souhaitait qu’elle exprimât ses avis” (MUHLMANN, 2004, p. 64).

ocorrido em 1859, quando Horace Greeley entrevistou Brigham Young¹⁸⁵ (JUERGENS, 1966, p. 33).

A habilidade de Nellie Bly em relação à entrevista, segundo Brooke Kroeger, era sua sagacidade em formular perguntas de modo a garantir “aspas poderosas” – *powerful quotes* (KROEGER, 1994, p. 118). Esse resultado se devia também, provavelmente, à destreza de Bly para deixar o entrevistado à vontade.

Embora Bly seja mais lembrada por seu trabalho de jornalismo performático (*stunt*), sua habilidade como entrevistadora exigiu a mesma atenção à sua época. Seu método particular era estabelecer um sentimento de intimidade tanto com o entrevistado quanto com o leitor, deixando ambos em seus pensamentos e ações de forma a colocar o entrevistado à vontade, soltando assim sua língua. Ela transforma o leitor em *voyeur* impaciente. Mesmo quando o entrevistado não falava o que ela queria ouvir, o flerte de Bly e a maneira como os entrevistados respondiam a ele revelavam aspectos interessantes de suas personalidades. Como em tudo o mais, ela sempre era tanto parte da história como o ponto ostensivo dela¹⁸⁶ (Idem, p. 129).

Era muito comum, por exemplo, que, ao utilizar falsa identidade, ela jogasse uma pergunta a seu interlocutor quando ele começasse a questioná-la sobre detalhes de seu personagem que ela não estava preparada para responder. É o caso da reportagem *The King of the Lobby*, em que o lobista Edward Phelps pergunta como ela chegou até ele em busca de ajuda para derrubar um projeto de lei. Ela menciona no texto que não sabia muito bem o que dizer, mas responde que já havia lido sobre ele e também que um amigo dela havia feito a indicação. Quando Phelps insiste em saber quem era esse amigo, ela sai pela tangente e pergunta “Você acha que pode derrubar o projeto de lei?” (“*Do you think you can kill the bill?*”).

Ainda nessa reportagem, Nellie Bly deixa clara a utilização da técnica de “massagear o ego” do “entrevistado” para fazê-lo se sentir orgulhoso de si mesmo e,

¹⁸⁵ Um exemplo de “autoridade” citado por Juergens é Alfred Lee (*Daily Newspaper in America*). Outro autor que menciona a entrevista de Greeley como um marco da prática no jornalismo é Frank Luther Mott, **como já foi citado na página 11, do Capítulo 1 deste trabalho. => VERIFICAR!!!!**

¹⁸⁶ Texto original: “*Although Bly is best remembered for her stunt work, her skill as an interviewer commanded just as much attention in its time. Her particular method was to establish a sense of intimacy with both her subject and the reader, letting both in on her thoughts and actions in a way that put the subject at ease, thus loosening his or her tongue. She cast the reader as eager voyeur. Even when the subjects would not tell her what she wanted to know, Bly’s flirtatious prodding, and the way her subjects responded to it, revealed other interesting aspects of their personalities. As in everything else, she was always as much a part of the story as its ostensible point*” (KROEGER, 1994, p. 129).

consequentemente, se sentir mais à vontade para dar mais informações. Quando Phelps alega ter derrubado a tal lei que a personagem de Bly queria que fosse vetada, ela diz: “‘Tão rápido. Como você deve ser esperto’, comentei lisonjeiramente. [...] ‘Que bom que eu o procurei. Como você dá conta de todo o trabalho?’”¹⁸⁷ (*World*, 1, abr, 1888, *The King of the Lobby*, p. 19). E Phelps cai na armadilha e vai contando como faz seu trabalho de lobista.

A reportagem do dia 3 de fevereiro de 1889, *Working Girls Beware*, é a única entre as analisadas para este trabalho em que Nellie Bly não usa falsa identidade para conseguir informações. Ao fazer o convencional trabalho de jornalista de entrevistar, Bly lança uma pergunta em forma de um comentário às mulheres que contavam sobre o golpe em que tinham caído – de pagar para aprender a fazer cachecóis e ter um emprego garantido e não conseguirem nem uma coisa, nem outra. A interpelação da repórter foi: “‘Talvez vocês sejam lerdas para aprender,’ eu sugeri quanto tive a oportunidade”¹⁸⁸ (*World*, 3, fev, 1889, *Working Girls Beware!*, p. 17). E ela relata, então, a reação de uma das entrevistadas.

Segundo Juergens, era uma orientação de Pulitzer que seus repórteres fossem ousados na hora de entrevistar. “Ele estimulava seus repórteres a serem os mais agressivos na cidade, a irem a qualquer lugar e a perguntarem qualquer coisa se isso significasse conseguir a matéria”¹⁸⁹ (JUERGENS, 1966, p. 33). Outra exigência de Pulitzer era em relação à descrição detalhada. “Os repórteres eram constantemente estimulados a trazer detalhes pessoais sobre o que escreviam. [...] descrição inexata não era melhor do que descrição nenhuma”¹⁹⁰ (Idem, p. 35).

Na reportagem sobre o médico que prometia curar por magnetismo, Bly faz uma descrição detalhada de um dos cômodos da casa de Ernest De Blanc:

A sala de estar, a primeira depois do pátio de entrada, é pouco, mas luxuosamente mobiliada. Tudo é novo. [...] O exame aconteceu nessa sala, que parece ter acabado de sair de uma loja de móveis; contém, além de várias cadeiras, uma escrivaninha e algumas gravuras nas

¹⁸⁷ Texto original: “‘So soon. How clever you must be’ I remarked flatteringly. [...] ‘What a good thing I went to you. How can you ever do all the work?’” (*World*, 1, abr, 1888, *The King of the Lobby*, p. 19).

¹⁸⁸ Texto original: “‘Maybe you are also slow to learn,’ I suggested when I got a chance” (*World*, 3, fev, 1889, *Working Girls Beware*, p. 17).

¹⁸⁹ Texto original: “He urged his reporters to be the most aggressive in the city, to go anywhere and ask anything if it meant getting a story” (JUERGENS, 1966, p. 33).

¹⁹⁰ Texto original: “Reporters were constantly urged to come away with personal details on their subjects. [...] inexact description was hardly better than no description at all” (Idem, p. 35).

paredes. O chão é carpetado e, nas janelas, cortinas de renda. Em um canto, entre a janela e a cornija, uma *bed-lounge* de Bruxelas vermelha. Em frente dela, repousa um tapete de Bruxelas vermelho com contorno cinza¹⁹¹ (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. [?] 2).

Um pouco mais adiante, ela faz também uma descrição do próprio médico, principalmente das características físicas, mas com uma observação ao final que denota sua desconfiança em relação à autenticidade do que ele alegava ser.

O prof. Ernest De Blanc, como ele se chama, tem aproximadamente 1,65m de altura. É mais para corpulento – ou seja, não é magro. Sobre seus olhos pretos, sobrancelhas bastante pesadas. Seu cabelo, de cor preta, é grosso e está ligeiramente dividido no centro, e seu nariz é chato. Suas mãos são grandes e ele usava uma gola alta, um colete branco, um casaco preto e calças. Ele fala com um sotaque francês, que não é tão acentuado quando ele se esquece¹⁹² (*Ibidem*).

Entretanto, apesar das exigências de Pulitzer em relação ao texto e de toda a vitalidade presente nas páginas do *World*, o jornal não chegou a encontrar um estilo próprio em sua prosa (JUERGENS, 1966, p. 36). Coincidentemente, ou não, Nellie Bly tampouco possuía uma escrita elegante, como pontua Brooke Kroeger, e era frequentemente criticada por essa debilidade (1994, p. 118). O que salvava a jornalista era mesmo o toque pessoal que ela conseguia colocar em seus textos.

Ela sempre faz tudo ser muito pessoal e tem um jeito de fazer isso, um jeito que te convida para a experiência dela, você vai vivendo a situação ali a seu lado. Mesmo se ela faz apenas observações sobre ela mesma, você vira parte daquilo. Às vezes parece tolo, frívolo, superficial... E mesmo assim você continua lendo porque ela te arrastou para a narrativa dela, ela tem um jeito de fazer isso. Então, eu

¹⁹¹ Texto original: “*The parlor, which I entered first from the hallway, is neatly but luxuriously furnished. Everything is new. [...] This was the room in which the examination took place and bears the evidence of just coming out of a furniture store, it contains, besides several chairs, a desk and some sketches on the walls. The floor is carpeted, and lace curtains hang at the windows. In one corner, between the window and the mantel, is a red Brussels bed-lounge. In front of it lies a red Brussels rug, bound in gray*” (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. ?2).

¹⁹² Texto original: “*Prof. Ernest De Blanc, as he calls himself, is about five feet four and a half inches in height. He is of rather heavy built – that is, he is not thin. His black eyes are mounted with rather heavy eyebrows. His hair, black in color, grows very thick on the head and is slightly parted in the centre, and his nose is flat. His hands are large and he wore a standing collar, a white waistcoat and black coat and trousers. He talks with a French accent, which is not so marked when he forgets himself*” (*Ibidem*).

acho que isso é uma das coisas que a fez ser especial¹⁹³ (KROEGER, 2012, informação verbal).

Como o *lead* ainda não era utilizado, muitas vezes o que chamava a atenção do leitor para as reportagens de Nellie Bly era seu próprio nome, que logo no início de sua carreira passou a figurar no título ou em uma das linhas finas. “[...] ao ver o nome dela no título, o leitor ou a leitora sabia que se envolveria em um relato pungentemente detalhado do que quer que ela tivesse encontrado”¹⁹⁴ (KROEGER, 1994, p. 104).

Chama a atenção que ela tenha conquistado esse privilégio tão rapidamente – já quando a segunda parte da experiência no manicômio foi publicada. Afinal, mesmo entre os jornalistas veteranos era algo incomum. “Assim como matérias assinadas eram raras até para os veteranos nas páginas do *World* [...], elas eram praticamente inéditas para um recém-contratado, não importa o quão impressionante fosse sua reportagem”¹⁹⁵ (Idem, p. 88).

Em *Inside the Madhouse*, publicada no dia 16 de outubro de 1887, o nome dela aparecia na primeira linha fina:

INSIDE THE MADHOUSE.

Nellie Bly’s Experience in the Blackwell’s Island Asylum.

Continuation of the Story of Ten Days With Lunatics.

No texto sobre o lobista Edward Phelps, do dia 1º de abril de 1888, a referência vem na segunda linha fina:

THE KING OF THE LOBBY.

¹⁹³ Fala original: “*She always makes it so personal and she has a way of doing it, a way she invites you to her experience, you are experiencing it alongside of her. Even if she is reflecting on herself, you even become part of that. Sometimes it seems a little silly and frivolous, superficial... And yet you keep reading because, you know, she’s dragged you into her narrative, she has a way of doing that. So, I think it was part of what made her special*” (KROEGER, 2012, informação verbal).

¹⁹⁴ Texto original: “[...] *the reader, seeing her name in the headline, knew he or she would be in for an excruciatingly detailed account of whatever she had encountered*” (KROEGER, 1994, p. 104).

¹⁹⁵ Texto original: “*As rare as bylines were for veterans on the pages of The World [...], they were almost unheard of for a new hire, no matter how impressive his or her feat*” (Idem, p. 88).

EDWARD R. PHELPS CAUGHT IN A NEATLY LAID TRAP.

NELLIE BLY'S INTERESTING EXPERIENCE IN ALBANY.

Já na reportagem do dia 6 de outubro de 1889, o nome da jornalista vai logo no título:

NELLIE BLY BUYS A BABY.

AN INNOCENT CHILD SOLD INTO SLAVERY FOR TEN DOLLARS.

THE APPALLING TRAFFIC IN HUMAN FLESH IN NEW YORK.

Outra maneira de atrair o interesse do leitor pelo texto, uma vez que os eventos de uma reportagem eram contados em ordem cronológica, era a prática de colocar várias linhas finas abaixo do título, além de um pequeno resumo com os itens principais. A reportagem do dia 11 de novembro de 1888 é apresentada com um título, duas linhas finas e um pequeno resumo do texto com as informações consideradas mais importantes:

EXPOSED BY NELLIE BLY.

SWINDLING MAGNETIC "DOCTOR" CAUGHT AT HIS TRICKS.

PROF. ERNEST DE BLANC, OF BROOKLYN, PROVES TO BE A NOTORIOUS CRIMINAL.

He Has Advertised to Give a Big Free Exhibition To-Night, but "The World's" Active Reporter Discovered Him Just In Time – His Ingeniously Secreted Electric Wires by Which He Demonstrates His "Personal Magnetism" – A Long Criminal

Career in Half a Dozen Big Cities – Convicted of Forgery at New Orleans – His Brilliant Advertising Schemes.

A mesma estrutura aparece na reportagem do dia 12 de maio de 1889:

A FEMALE USURER’S TRICK.

NELLIE BLY EXPOSES ONE OF THE SECRETS OF A DIAMOND SHOP.

LOANING MONEY WITHOUT A LICENSE TO ACTRESSES AND RICH WOMEN.

Very Glad to Advance \$175 on Miss Bly’s \$600 Bracelet, if Assured that She Was a Safe Customer – After a Satisfactory Identification the Loan Is Made – Something of Mrs. Theresa Lynch’s Past History – Sixty Per Cent Per Annum on Loans – A Branch of Her Broadway Business Which Has Made Mrs. Lynch Rich.

Em relação ao contexto histórico, dois fatos marcantes do período são mencionados em diversas reportagens de Nellie Bly: a entrada da mulher no mercado de trabalho e a presença cada vez maior de imigrantes na cidade de Nova Iorque. Nos dois textos sobre sua experiência no manicômio, as duas questões são aparentes. Isso porque muitas mulheres que lá estavam internadas eram estrangeiras e outras relataram a Bly que tinham ficado doentes por excesso de trabalho.

Um dos casos é exposto na primeira parte da reportagem e se passou durante sua estada no hospital de Bellevue – antes de ser transferida para o manicômio da Ilha de Blackwell. A jornalista conta que conversou com uma moça chamada Anne Neville, que trabalhava como camareira quando teve problemas de saúde por excesso de trabalho e acabou em uma instituição de freiras para se tratar. Entretanto, seu sobrinho, responsável pelas despesas, ficou sem dinheiro e Neville foi transferida para Bellevue. Bly descreve o diálogo que teve com a moça:

“Há algo de errado mentalmente com você também?” eu perguntei a ela.

“Não”, ela disse. “Os médicos ficam me fazendo perguntas esquisitas e me confundindo o máximo possível, mas não há nada de errado com o meu cérebro”.

“Você sabe que apenas pessoas insanas são trazidas para este pavilhão?”, eu perguntei.

“Sim, eu sei; mas eu não posso fazer nada. Os médicos se negam a me escutar e não adianta nada falar com as enfermeiras”¹⁹⁶ (*World*, 9, out, 1887, *Behind Asylum Bars*, p. 25).

Na segunda reportagem, já no manicômio na Ilha de Blackwell, Bly contou o caso de uma alemã chamada Gretchen, que era jovem e parecia “normal”. Ela trabalhava como cozinheira e teria sido enviada à instituição depois de brigar com colegas de trabalho que sujaram o chão da cozinha, de propósito, logo depois de Gretchen tê-lo limpado. “Isso a enfureceu e ela começou a brigar com as outras; um policial foi chamado e ela foi levada a um manicômio. ‘Como eles podem dizer que sou insana só por ter perdido a paciência?’, ela reclamou”¹⁹⁷ (*World*, 16, out, *Inside the Madhouse*, p. 25).

Além dessa referência a uma paciente estrangeira, Bly menciona outras inúmeras, de nacionalidades diversas, sendo as mais recorrentes a alemã e a irlandesa. Há um trecho da reportagem *Inside the Madhouse* em que ela conta a história de algumas pacientes com quem teve contato enquanto esteve no manicômio. São citadas uma alemã, uma francesa e outra cuja nacionalidade não é revelada. Josephine Despreau, a francesa que parecia “perfeitamente sã”, respondeu o seguinte quando a jornalista perguntou como ela havia parado ali:

Uma manhã, quando eu tentava tomar o café da manhã, eu fiquei muito doente e dois policiais foram chamados pela mulher da casa, então eu fui levada à delegacia. Eu não conseguia entender os procedimentos deles e eles não prestaram muita atenção à minha história. Os acontecimentos neste país eram novos para mim e, antes que eu me desse conta, estava alojada como insana neste manicômio. Quando cheguei, chorei pela falta de esperança em sair daqui e, por

¹⁹⁶ Texto original: “*Is there anything wrong with you mentally as well?*” I asked her. “No,” she said. “*The doctors have been asking me many curious questions and confusing me as much as possible, but I have nothing wrong with my brain.*” “*Do you know that only insane people are sent to this pavilion?*” I asked. “Yes, I know; but I am unable to do anything. The doctors refuse to listen to me, and it is useless to say anything to the nurses” (*World*, 9, out, 1887, *Behind Asylum Bars*, p. 25).

¹⁹⁷ Texto original: “*Her temper was aroused and she began to quarrel with them; an officer was called and she was taken to an asylum. ‘How can they say I am insane, merely because I allowed my temper to run away with me?’ she complained*” (*World*, 16, out, *Inside the Madhouse*, p. 25).

chorar, a senhorita Grady e suas assistentes me sufocaram até machucar minha garganta, que dói desde então¹⁹⁸ (Ibidem).

As referências não se restringem às reportagens sobre o manicômio da Ilha de Blackwell. Em *Trying to Be a Servant* e *Working Girls Beware*, por exemplo, o tema das mulheres no mercado de trabalho está no centro das pautas. Na primeira, ela mostra que muitas trabalhadoras interessadas em conseguir um emprego pagam agências para ajudar na colocação no mercado. Já na segunda reportagem citada, Bly relata um golpe que era aplicado em mulheres que se inscreviam para aprender a fazer cachecóis. Mais de uma irlandesa é mencionada como trapaceada nesse caso.

Mas retomando os aspectos acerca do texto da jornalista Nellie Bly, é possível afirmar, portanto, que ela tinha habilidades em fazer perguntas e em se inserir em suas reportagens de um modo que deixava seus leitores bastante atraídos pelo que escrevia. No entanto, foi sobretudo o método utilizado para conseguir informações, o jornalismo performático (*stunt journalism*), que garantiu a Bly a notoriedade que ela alcançou. Como já foi mencionado no capítulo 2 deste trabalho¹⁹⁹, o jornalismo performático permitiu às jornalistas mulheres do final do século XIX uma posição de destaque nos jornais estadunidenses.

3.3 O método de Nellie Bly

A característica principal do jornalismo performático é a utilização de falsa identidade para ter acesso às informações. Das 11 reportagens analisadas para este trabalho, apenas uma não se encaixa nessa categoria.

O uso da identidade falsa é uma técnica ainda bastante utilizada hoje em dia e adquiriu novas formas com o avanço da tecnologia. A câmera escondida, por exemplo, é uma ampliação desse método na busca por informação. E é um assunto polêmico. Há, inclusive, quem seja totalmente contrário e até mesmo empresas jornalísticas que proíbem seus repórteres de fazê-lo, sob pena de demissão.

¹⁹⁸ Texto original: “*One morning as I was trying to get breakfast I grew deathly sick, and two officers were called in by the woman of the house, and I was taken to the station-house. I was unable to understand their proceedings, and they paid little attention to my story. Doings in this country were new to me, and before I realized it I was lodged as an insane woman in this asylum. When I first came I cried that I was here without hope of release, and for crying Miss Grady and her assistants choked me until they hurt my throat, for it has been sore ever since*” (Ibidem).

¹⁹⁹ Ver páginas 63 e 64. => VERIFICAR!!!

Os pesquisadores que abordam esse tema geralmente concordam que apenas o atendimento de dois requisitos indispensáveis justificaria o uso do disfarce. O primeiro é o fato de que, de outra maneira, não seria possível conseguir a informação que se busca; e o segundo é que o assunto tenha relevância social. É feita também uma exigência: o leitor deve ser informado de que esse método foi utilizado naquela reportagem.

Em um webinar sobre ética, oferecido no dia 24 de agosto de 2011 pelo *Knight Center for Journalism in the Americas*, o professor da *Washington & Lee University* Edward Wasserman apontou esses três critérios como fundamentais para que o disfarce seja aceito. Atendidos esses requisitos, ele se declara a favor do método:

Pode ser uma ótima coisa para se fazer e resultar em excelente jornalismo. Mas temos que ser conscientes de que não é algo que deveria ser feito indiscriminadamente, é algo que você deveria fazer se a matéria for importante o suficiente, porque [...] você está enganando pessoas. [...] Eu acho que as consequências e o produto da matéria fazem valer a pena, acho que o benefício para o público de ver certas práticas vir à tona supera isso. Então, eu seria a favor desse tipo de reportagem²⁰⁰ (informação verbal).

Igualmente, Bill Kovach e Tom Rosenstiel listam as três condições citadas para se colocarem de acordo com esse tipo de reportagem à que eles dão o nome de “mascarada” (*masquerading*). “Com esse enfoque, os cidadãos podem decidir por si mesmos se essa desonestidade jornalística se justifica ou não. E os jornalistas, por sua vez, foram claros com a população a quem devem sua lealdade maior” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 131).

Nas reportagens de Nellie Bly analisadas para este trabalho, sempre fica claro para o leitor que ela assumiu uma identidade falsa no processo de apuração das informações. No primeiro dos dois textos sobre os dias que passou no manicômio, publicado no *World* do dia 9 de outubro de 1887, ela explica já na abertura o caráter de sua missão.

²⁰⁰ Fala original: “*This might be a very good thing to do and a terrific piece of journalism. But let us be aware that it is not something that you should do casually, it is something that you should do if the story is important enough, because [...] you are deceiving people. [...] I happen to think that the consequences and the product of the story is worth it, I think the benefit that the public got from seeing these practices illuminated outweighs that. So, I would be in favor of that kind of reporting*” (WASSERMAN, 2011, informação verbal).

No dia 22 de setembro, o *World* me perguntou se eu conseguiria ser enviada a um dos manicômios em Nova Iorque, com o objetivo de narrar com simplicidade e sem embelezar o tratamento dado às pacientes naquele lugar, os métodos de gerenciamento etc. Será que eu teria coragem de passar pela provação que a missão exigia? Será que eu poderia simular as características de um insano a ponto de passar pelos médicos e viver por uma semana entre os insanos [...]? Eu disse acreditar que poderia²⁰¹ (*World*, 9, out, 1887, *Behind Asylum Bars*, p. 25).

Alguns parágrafos depois, ela explica todo o procedimento que adotou para ensaiar uma atuação de pessoa mentalmente perturbada. Por exemplo:

Quando não estava ensaiando em frente ao espelho e imaginando meu futuro como lunática, eu lia trechos de histórias de fantasmas improváveis e impossíveis, de modo que, quando a alvorada chegou, espantando a noite, eu senti que estava em um estado de espírito adequado para a minha missão²⁰² (*Ibidem*).

É possível encontrar também declarações de Bly como “vestida para me parecer com o personagem que eu queria representar” – em *Trying to Be a Servant*, de 30 de outubro de 1887 – ou “vestida para me adequar ao personagem que eu desejava representar” – em *In the Magdalen’s Home*, de 12 de fevereiro de 1888.

Na reportagem do dia 1º de abril de 1888, *The King of the Lobby*, em que ela revela o trabalho do lobista Edward Phelps, a identidade falsa é revelada logo nas primeiras linhas do texto: “Eu fui uma lobista na semana passada. Viajei até Albany [capital do Estado de Nova Iorque] para pegar um subornador no flagra. E foi o que fiz. [...] Eu fingi que queria que ele derrubasse um certo projeto de lei”²⁰³ (*World*, 1, abr, 1888, *The King of the Lobby*, p. 19).

²⁰¹ Texto original: “On the 22nd of September I was asked by The World if I could have myself committed to one of the asylums for the Insane in New York, with a view to writing a plain and unvarnished narrative of the treatment of the patients therein and the methods of management, &c. Did I think I had the courage to go through such an ordeal as the mission would demand? Could I assume the characteristics of insanity to such a degree that I could pass the doctors, live of a week among the insane [...]? I said I believed I could” (*World*, 9, out, 1887 *Behind Asylum Bars*, p. 25).

²⁰² Texto original: “Between times practicing before the mirror and picturing my future as a lunatic I read snatches of improbable and impossible ghost stories so that when the dawn came to chase away the night I felt that I was in a fit mood for my mission” (*Ibidem*).

²⁰³ Texto original: “I was a Lobbyist last week. I went up to Albany to catch a Professional briber in the act. I did so. [...] I pretended that I wanted to have him help me kill a certain bill” (*World*, 1, abr, 1888, *The King of the Lobby*, p. 19).

Em todas as outras reportagens analisadas Nellie Bly deixa claro, de alguma maneira, que utilizou uma identidade falsa ou, pelo menos, não se identificou como jornalista, mas como uma pessoa interessada nos serviços da pessoa que procurava. Como em *Exposed by Nellie Bly*, de 11 de novembro de 1888, texto em que denuncia o médico que prometia cura com magnetismo. “Vi o seu anúncio nos jornais [...] e como estou cansada de tomar remédios, resolvi vir e tentar o seu tratamento; você anuncia ‘não prescrever remédios’”²⁰⁴ (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. ?2).

Se o uso da técnica era sempre transparente para seus leitores, o mesmo não se pode dizer a respeito da necessidade de utilizar uma identidade falsa – ou de não se identificar como jornalista – pelo fato de outras possibilidades terem sido tentadas, sem resultado. A impressão que se tem é que ela lança mão da técnica do disfarce já na primeira tentativa de buscar aquela informação. É fácil deduzir, no entanto, que em alguns casos, como o do lobista e o da venda de bebês, dificilmente ela conseguiria as mesmas informações se tivesse se apresentado como jornalista em busca de uma entrevista.

Apenas em relação à reportagem sobre o manicômio da Ilha de Blackwell é possível ter uma pista sobre tentativas anteriores realizadas por outros repórteres do *World* antes de recorrerem à infiltração da repórter Nellie Bly. Essa explicação, no entanto, não se encontra no texto de Bly, mas no livro *Eighty Days*, de Matthew Goodman. Com base em informações fornecidas em uma biografia de Joseph Pulitzer, escrita por Denis Brian²⁰⁵, Goodman relata que o método convencional já havia sido experimentado, mas os repórteres nunca conseguiam entrevistas com médicos e enfermeiras do local (GOODMAN, 2013, p. 28).

Com relação à relevância social, muitas matérias de Bly não possuem esse caráter para justificar o uso do disfarce. Como já foi mencionado no início do capítulo, há casos em que ela aprende a dançar balé, a fazer esgrima e a hipnotizar, por exemplo, e depois relata a experiência aos leitores. Para essas situações, entrevistas com alunas e professores bastariam para uma boa matéria sobre o assunto.

As 11 reportagens selecionadas para análise para este trabalho, no entanto, abordam temas relevantes para a sociedade: tratamento a pacientes em um manicômio,

²⁰⁴ Texto original: “I saw your advertisement in the papers [...] and as I am tired taking medicines I considered to come and try your treatments; you advertise ‘no medicine given’” (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. ?2).

²⁰⁵ BRIAN, Denis. *Pulitzer: A life*. New York: John Wiley and Sons, 2001.

golpes de tipos diversos aplicados à população, comércio de bebês, lojas de penhora que funcionam sem licença – portanto sem fiscalização – e lobby no congresso de Nova Iorque.

3.4 Jornalismo Investigativo?

O método utilizado e os temas escolhidos por Nellie Bly levam a pensar que ela tenha desenvolvido um trabalho de jornalismo investigativo. O autor Matthew Goodman, por exemplo, chega a usar esse termo para se referir às reportagens de Bly no período em que ela esteve no *New York World* (2013, p. 35). Mas o próprio conceito de jornalismo investigativo não é um consenso entre pesquisadores, há quem diga que toda produção jornalística é investigativa.

O pesquisador e professor da Universidade de Brasília (UnB), Solano Nascimento, se contrapõe a essa afirmação usando o exemplo de um repórter que vai cobrir uma entrevista coletiva de um ministro marcada para as 18 horas, mas deve sair às 18h30 para conseguir concluir sua matéria antes do fechamento. Solano conclui que essa matéria não se configura como jornalismo investigativo porque, em 30 minutos, o jornalista apenas ouviu as declarações do ministro e fez algumas perguntas, mas não teve tempo para telefonar a outras fontes, fazer pesquisa ou repercutir a informação. Portanto, o jornalismo investigativo se distingue de outras formas mais comuns de se fazer jornalismo (NASCIMENTO, 2010, p. 14).

Solano Nascimento reúne as definições de jornalismo investigativo de diversos pesquisadores, mostrando que é possível pensar essa modalidade de produção jornalística a partir de diferentes pontos de vista: tema abordado, reação que provoca e forma como se apura. Com relação ao tema, Solano cita o pesquisador argentino Silvio Waisbord, para quem “esse tipo de jornalismo é marcado pela busca por irregularidades envolvendo pessoas do governo e outras autoridades” (Ibidem).

Já o estadunidense David Protess “considera uma característica essencial do jornalismo investigativo mostrar uma denúncia que provoque surpresa e revolta no público” (NASCIMENTO, 2010, p. 15). Por último, “outra maneira de definir determinado tipo de jornalismo como investigativo é analisar a apuração jornalística, ou seja, a forma como determinada reportagem foi obtida” (Ibidem). Solano cita, então, vários pesquisadores e jornalistas que definem o jornalismo investigativo de acordo com

a forma como a reportagem é apurada e chega a uma característica comum entre todos: “o jornalismo investigativo implica um trabalho ativo de apuração do repórter” (NASCIMENTO, 2010, p. 21).

Em “Os Elementos do Jornalismo”, Bill Kovach e Tom Rosenstiel também buscam uma definição de jornalismo investigativo. Para esses pesquisadores, a reportagem investigativa diferencia, “junto ao público, o jornalismo de outros meios de comunicação” e assegura a essa atividade o papel de “guardião” (*watchdog*) (2004, p. 172). A partir do ponto de vista de como se dá a apuração da reportagem, Kovach e Rosenstiel dividem o jornalismo investigativo em três categorias: original, interpretativa e sobre investigações.

A reportagem investigativa original “envolve os *próprios* repórteres na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público” (Idem, p. 176). A interpretativa “surge como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como uma busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais completo contexto, o qual fornece ao público um melhor entendimento do que acontece” (Idem, p. 178). Por último, a reportagem sobre investigações “se origina da descoberta ou do vazamento de informação de uma investigação oficial em andamento ou em processo de preparação por outras fontes” (Idem, p. 180).

Em entrevista à autora deste trabalho, o pesquisador e professor da *Columbia University* Michael Schudson citou alguns fatores que podem definir uma reportagem como investigativa. Em concordância com Silvio Waisbord, mencionado por Solano Nascimento, Schudson acredita que assuntos relacionados ao governo, ao poder tendem a ser mais valorizados. “Ainda damos mais honra e crédito ao jornalismo que trata do governo. E quanto mais poderoso o governo, melhor”²⁰⁶ (SCHUDSON, 2012, informação verbal). O autor também faz referência ao tempo que se leva para apurar uma reportagem desse tipo e o fato de ser preciso cavoucar informações.

Acho que uma das coisas que caracterizam a reportagem investigativa é o tempo. Não é algo que você pode fazer em 24 horas, leva tempo. Essa é uma razão para que ela seja relativamente rara, mesmo hoje. Porque demanda investimento do órgão de imprensa e pode não resultar em nenhuma matéria. [...] E [...] informação que você

²⁰⁶ Fala original: “We do still give the most honor and credit to journalism that is about government. And the more powerful the government, the better” (SCHUDSON, 2012, informação verbal).

geralmente tem que desenterrar, ela não está lá esperando por você²⁰⁷ (Idem).

Com relação ao trabalho de Nellie Bly, Michael Schudson afirmou considerar que parece se tratar de jornalismo investigativo. Ele ponderou não ser um conhecedor profundo da jornalista, mas declara haver lido o livro *Ten days in a Madhouse*²⁰⁸. Schudson faz, no entanto, uma ressalva ao comparar o tipo de investigação que Bly fazia com o que é desenvolvido hoje em dia.

Você poderia fazer isso hoje? Provavelmente não. Enfim, você faria muito mais, um trabalho de contextualizar a questão antes mesmo de tentar uma coisa dessas, e uma pesquisa de pano de fundo. Ela [Nellie Bly] reporta mais sua experiência subjetiva. E isso é coerente com o tipo de trabalho chocante, performático e explosivo que Hearst e Pulitzer estavam particularmente interessados em promover²⁰⁹ (2012, informação verbal).

Schudson indica, no entanto, a falta de pesquisas com esse enfoque, o que dificulta pensar sobre jornalismo investigativo no final do século XIX. “Eu não conheço nada que nos dê uma boa explicação, uma boa resposta à sua pergunta. Havia jornalismo investigativo? É, havia alguma coisa. Quanto? Tanto como temos hoje?²¹⁰ [...] Eu não sei” (2012, informação verbal).

A biógrafa de Nellie Bly e professora da *New York University* Brooke Kroeger também menciona que faltava à jornalista do *World* essa pesquisa a respeito do pano de fundo (*background*) dos assuntos que investigava. “Era mais empírico, ‘eu vi tal coisa’,

²⁰⁷ Fala original: “*I think that one of the things that characterizes investigative reporting is time. It is not something that you can do in 24 hours, it takes time. This is a reason why it is relatively rare, even today. Because it takes investment of the news organization and it might not lead to a story. [...] And [...] information that you often have to dig out, it is not just there, waiting for you*” (SCHUDSON, 2012, informação verbal).

²⁰⁸ Este livro reúne, com algumas pequenas alterações, as duas reportagens publicadas no *New York World*, em outubro de 1887, sobre os 10 dias que Nellie Bly passou no manicômio da Ilha de Blackwell, e também mais algumas reportagens da jornalista.

²⁰⁹ Fala original: “*Could you do that today? You know, probably not. Anyway, you would do a lot more, a background work before you ever try such a thing, and background research. You know, she is pretty much just reporting her subjective experience. And it is consistent with the kind of traumatic, stunt-oriented, explosive kinds of work that Hearst and Pulitzer were, in particular, quite interested in promoting*” (SCHUDSON, 2012, informação verbal).

²¹⁰ Fala original: “*I don't know of anything that gives us a very good account, you know, a really good answer to your question. Was there investigative reporting? Well, there was some. How much? As much as we have today? [...] I don't know*” (SCHUDSON, 2012, informação verbal).

sabe? Mas ela não fazia realmente um trabalho de pesquisa do contexto que deixasse [sua reportagem] mais robusta, é o que eu diria”²¹¹ (KROEGER, 2012, informação verbal).

De fato, apenas uma das 11 reportagens de Nellie Bly analisadas para este trabalho apresenta um trabalho de investigação que vai além do que Bly testemunha ao assumir uma falsa identidade. É a reportagem publicada no dia 11 de novembro de 1888, sobre o médico que prometia curar as pessoas com seu poder de magnetismo. Nesse texto, além de se passar por uma paciente em busca de tratamento e relatar isso posteriormente, Bly mostra que o tal médico já tentara aplicar seu golpe em diversas cidades antes de chegar a Nova Iorque:

Essa não foi a primeira tentativa do Prof. Ernest De Blanc nesta linha. Um pouco da história de sua agitada carreira na América pode se mostrar interessante. O primeiro relato que consegui achar dele foi quando ele exerceu suas artes em Portland (Oregon), usando o nome Dr. Geismardo. Durante sua estada lá, ele atacou uma de suas pacientes mulheres e foi preso. Depois, descobri que ele apareceu em San José (Califórnia), de onde ele partiu repentinamente, depois de receber dinheiro adiantado por tratamentos que as pessoas nunca obtiveram²¹² (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. ?2).

Para obter as informações sobre o médico Ernest De Blanc, Nellie Bly usa jornais de outras cidades como fonte. Ela cita o *Free Press* (Detroit), o *Herald* (Chicago) e o *Times-Democrat* (Nova Orleans). Ela conclui a reportagem afirmando acreditar ter dado informações suficientes para mostrar que o médico é um golpista e que “[...] se essa revelação impedir ao menos uma pessoa de gastar seu dinheiro suado com a charlatanice de Geismar, sentirei que meu trabalho não terá sido em vão”²¹³ (Ibidem).

²¹¹ Fala original: “It was more experiential, ‘I saw this’, you know? But she didn’t really do any of the background work that makes it stronger, that is what I would say” (KROEGER, 2012, informação verbal).

²¹² Texto original: “This is not Prof. Ernest De Blanc’s first effort in this line. A little of the history of his eventful career in America may prove interesting. The first account I could find of him was when he practiced his arts in Portland, Ore., under the name of Dr. Geismardo. While there he assaulted one of his women patients and was imprisoned. Next I find he appeared in San José, Cal., where he suddenly left town with the money advanced for treatments which people never received” (*World*, 11, nov, 1888, *Exposed by Nellie Bly*, p. ?2).

²¹³ Texto original: “[...] if this exposure saves one such person from expending his hard earned money on Geismar’s quackery I shall feel that my work has not been in vain” (Ibidem).

Retomando a discussão do jornalismo investigativo, Brooke Kroeger considera o trabalho de Bly mais como um embrião daquilo que seria desenvolvido por outros jornalistas poucos anos depois. “Eu chamaria de reportagem pré-investigativa. Acho que é um precursor do que viria logo depois. Eu não acho que estivesse bem desenvolvido à sua época. [...] O conceito não existia então, estava começando a existir, então eu diria que foi uma forma primitiva, uma forma principiante”²¹⁴ (KROEGER, 2012, informação verbal).

Géraldine Muhlmann também considera as *stunt girls* da segunda metade do século XIX – entre as quais Nellie Bly é uma das mais célebres – como as “ancestrais” dos *muckrackers*²¹⁵ do início do século XX.

Não se deve esquecer que foi essa literatura de escândalo que permitiu ao jornalismo de investigação mais rigoroso dar seus primeiros passos. É por isso que todos os especialistas consideram que essas *stunt girls* e outros adeptos do *exposure journalism*, publicados na imprensa sensacionalista (“*yellow press*”) da segunda metade do século XIX²¹⁶, foram os ancestrais de um movimento que geralmente suscita mais consideração, pela seriedade de sua investigação, e que atingiu seu auge na primeira década do século XX: o movimento dos *muckrackers* [...]. Os grandes padrões da imprensa popular dos anos 1880, como Joseph Pulitzer, que comprou o *New York World* em 1883, foram, no fundo, os inventores do *muckracking*²¹⁷ (MUHLMANN, 2004, p. 59).

²¹⁴ Fala original: “*I would call it pre-investigative reporting. I think it is a precursor to what came soon after. I don't think it was very developed in her phase. [...] The concept didn't really exist then, it was starting to exist, so I would say it was a primitive form, a beginning form*” (KROEGER, 2012, informação verbal).

²¹⁵ O termo *muckraker* foi usado pela primeira vez pelo então presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt em um discurso proferido em 1906. Os jornalistas *muckrakers* faziam um trabalho investigativo nas revistas *McClure's*, *Everybody's*, *Collier's*, *Cosmopolitan* e *Independent* no início do século XX. Ficaram conhecidos por desenvolver esse tipo de trabalho: Lincoln Steffens, Ida M. Tarbell, Ray Stannard Baker, David Graham Phillips, T. W. Lawson, William Hard, Mark Sullivan e Samuel Hopkins Adams (EAMAN, 2009, 207, 208).

²¹⁶ Frank Luther Mott e George Juergens restringem o período da *yellow press* ao final da década de 1890. Ver: MOTT, 1959, p. 539 e JUERGENS, 1966, p. xv.

²¹⁷ Texto original: « *Il ne faut pas oublier que c'est cette littérature à scandales qui a permis au journalisme d'investigation le plus rigoureux de faire ses premiers pas. C'est pourquoi tous les spécialistes considèrent que ces stunt girls et autres adeptes de l'exposure journalism, publiés dans la presse à sensation (« yellow press ») de la seconde moitié du XIXe siècle, ont été les ancêtres d'un mouvement qui suscite souvent plus de considération pour le sérieux de ses enquêtes et qui a batu son plein dans la première décennie du XXe siècle : le mouvement des muckrackers [...]. Les grands patrons de la presse populaire des années 1880, comme Joseph Pulitzer qui a racheté le New York World en 1883, ont été, au fond, les inventeurs du muckraking* » (MUHLMANN, 2004, p. 59).

Se forem levados em conta os critérios mencionados por Solano Nascimento – tema, reação provocada e forma de apuração – é possível ampliar a reflexão a respeito do trabalho desenvolvido por Nellie Bly no *New York World* entre 1887 e 1889. Assim, se o ponto de vista for a forma de apuração, as reportagens de Nellie Bly analisadas nesta pesquisa não poderiam ser consideradas como jornalismo investigativo. Afinal, apesar de seu esforço para testemunhar as situações sobre as quais escreve, não há um trabalho de investigação mais profunda – exceto na reportagem *Exposed by Nellie Bly*, como já foi mencionado anteriormente.

Do ponto de vista do tema, de acordo com a definição de Silvio Waisbord, das 11 reportagens analisadas, apenas uma seria considerada investigativa: a publicada no dia 1º de abril de 1888, em que ela revela o trabalho do lobista Edward Phelps. É o único trabalho de Nellie Bly, entre o que foi analisado para esta pesquisa, que tem alguma relação direta com a política – no caso, com o governo do Estado de Nova Iorque.

Por outro lado, se o aspecto considerado para definir um trabalho jornalístico como investigativo for a reação provocada no público, então talvez as reportagens de Nellie Bly possam se encaixar nessa classificação. Já foi dito anteriormente que algumas pautas dos textos de Bly eram sugeridas por leitores que escreviam para ela. De acordo com Mathew Goodman, a jornalista recebia cerca de 200 cartas por semana nesse primeiro período em que trabalhou no *World*, entre 1887 e 1890 (2013, p. 38).

Além disso, com base no que foi relatado até aqui, não seria incorreto afirmar que Nellie Bly contribuiu para o crescente aumento na venda de exemplares do *Sunday World* nesse período. A biógrafa da jornalista confirma: “No dia 25 de março de 1889, o *World* anunciou que sua circulação de domingo havia alcançado o nível sem precedentes de 285.860 cópias, em parte graças à implacável empreitada de Bly”²¹⁸ (KROEGER, 1994, p. 128).

Houve também repercussão entre os jornais estadunidenses, principalmente depois da publicação das reportagens sobre o manicômio da Ilha de Blackwell. Bessie Bramble, colunista do *Pittsburgh Dispatch* e ex-colega de Bly, escreveu que a jornalista do *World* provou que coragem e habilidade para investigar não eram exclusividade dos homens da profissão (*Idem*, p. 96). Ainda segundo a biógrafa de Nellie Bly,

²¹⁸ Texto original: “By March 25, 1889, *The World* proclaimed its Sunday circulation had reached the unprecedented high of 285,860 copies, no little thanks to Bly’s relentless enterprise” (KROEGER, 1994, p. 128).

Notícias da proeza da repórter se espalharam para além da cidade. Jornais de toda a América do Norte enalteciam sua conquista. O *World* imprimia trechos do máximo [de jornais] que conseguia. A maioria dos comentários enfatizava o quão assustador era o fato de tantos especialistas terem se deixado enganar por uma moça sem treinamento especial ou ensaio para atuar como uma louca farsante²¹⁹ (KROEGER, 1994, p. 95).

Além da reação provocada no público e no meio jornalístico, algumas reportagens de Nellie Bly podem ter gerado outras consequências. Depois da reportagem sobre o manicômio na Ilha de Blackwell, por exemplo, houve repasse de verba maior do que estava previsto anteriormente. Tanto a biógrafa de Bly quanto a pesquisadora Géraldine Muhlmann afirmam que a jornalista e o *World* exageraram um pouco ao relatar os resultados da reportagem. Suas denúncias teriam apenas reforçado e ampliado as ações por parte do governo.

Segundo Muhlmann, “[...] uma reavaliação orçamentária parecia estar em curso antes mesmo de sua reportagem, certamente é provável que tenha se confirmado com o efeito da publicidade constrangedora dada ao manicômio por Nellie Bly”²²⁰ (2004, p. 58). Para Kroeger, “[...] seria permitir um exagero se afirmássemos, como ela fez, que o investimento adicional veio ‘com a força da minha matéria’. Certamente, ela havia adicionado peso valioso [às mudanças]”²²¹ (1994, p. 99).

Em relação à reportagem sobre Edward Phelps, o lobista que atuava em Albany, foi realizada uma investigação. Senadores foram interrogados, Nellie Bly e Phelps falaram perante o júri, mas não houve condenação. Entretanto, o “rei do lobby” deixou Albany logo após o episódio e não retornou no inverno seguinte (Idem, p. 114).

Portanto, se examinadas segundo o critério do tema abordado – definido por Silvio Waisbord como aquele que envolve governos e outras autoridades – a maioria das reportagens de Nellie Bly analisadas nesta pesquisa não poderia ser considerada como trabalho de jornalismo investigativo. Já do ponto de vista da reação do público, poderiam. Essa conclusão, entretanto, só se refere às 11 reportagens selecionadas para

²¹⁹ Texto original: “*News of the young reporter’s exploit traveled well beyond the city. Papers all over North America lauded her achievement. The World carried excerpts from as many as it could. Most of the comments focused on how frightening it was that so many experts could be taken in by a girl with no special training or rehearsal performing a lunatic charade*” (KROEGER, 1994, p. 95).

²²⁰ Texto original : “[...] *une réévaluation budgétaire semble avoir été en cours avant même son reportage, certes probablement confirmé sous l’effet de la publicité gênante donnée à l’asile par Nellie Bly*” (MUHLMANN, 2004, p. 58).

²²¹ Texto original: “[...] *it is an allowable lapse into hyperbole to claim as she did that the additional funds came ‘on the strength of my story.’ She certainly had added valuable heft*” (KROEGER, 1994, p. 99).

este estudo. É possível que futuros pesquisadores cheguem a resultados diferentes se a análise for mais ampla e mais aprofundada do que a apresentada aqui.

Com relação ao critério forma de apuração, a questão é mais complexa. Solano Nascimento é enfático: “jornalismo investigativo só existe quando há investigação e quando quem investiga é o próprio jornalista” (2010, p. 22). Ele chega a esse conceito com base em definições de vários jornalistas e pesquisadores acerca do que caracteriza uma reportagem como investigativa. Esse aspecto é “um traço comum” entre as definições reunidas por Nascimento.

De fato, a jornalista Nellie Bly conduzia, ela mesma, as investigações para suas reportagens. Como foi dito anteriormente neste capítulo, às vezes ela seguia a sugestão de algum leitor, outras vezes tinha os próprios jornais como fonte de casos suspeitos que ela buscava averiguar. Surge, no entanto, um fator complicador: que tipo de investigação seria essa?

A biógrafa de Bly, Brooke Kroeger, e o autor de obras de referência sobre a história do jornalismo nos Estados Unidos, Michael Schudson, defendem que a jornalista não aprofundava suas investigações e se limitava a relatar o que testemunhava ao usar uma identidade falsa. O próprio Schudson, porém, afirma desconhecer estudos capazes de dar uma boa resposta à pergunta “era investigativo o jornalismo de Nellie Bly?”.

Embora essa dúvida tenha surgido desde o início desta pesquisa, optou-se por não fazer dessa questão seu objeto de estudo, justamente por entender que se tratava de um tema complexo. Admite-se, portanto, a limitação deste trabalho e reconhece-se a necessidade de que essa discussão seja mais bem explorada posteriormente.

Considerações Finais

A história de Nellie Bly é daquelas que provocam interesse quase unânime: as reações à sua experiência de 10 dias em um manicômio e à sua viagem de volta ao mundo há mais de 120 anos são sempre de uma surpresa positiva e de uma curiosidade para saber mais.

Essa curiosidade foi o ponto de partida para este trabalho. Em seguida, em uma busca por dissertações e teses no Portal Domínio Público, verificou-se que não havia, no Brasil, nenhuma pesquisa sobre a jornalista estadunidense. Para completar, as leituras feitas para preparar o projeto revelaram a peculiaridade do período em que Bly iniciou sua carreira nos Estados Unidos.

Essas descobertas e constatações iniciais culminam com esta pesquisa que, ao que tudo indica, é a primeira sobre essa interessante jornalista já razoavelmente bem conhecida em seu país, mas ainda quase totalmente desconhecida no Brasil. Com todas as limitações e falhas que possa apresentar, espera-se que este trabalho suscite o interesse para novos estudos acerca de Nellie Bly.

Nos Estados Unidos, a biografia escrita por Brooke Kroeger foi responsável por “rejuvenescer” a memória de Bly no país e até suscitou o lançamento de um selo comemorativo em sua homenagem. De acordo com a própria biógrafa, em entrevista à autora desta pesquisa, a jornalista era, basicamente, lembrada em sua cidade natal e havia alguns livros infantis sobre ela.

Na introdução de *Nellie Bly – daredevil, reporter, feminist*, Kroeger menciona sua surpresa de não ter encontrado registros de obras documentais ou dissertações e teses sobre Bly no catálogo da Biblioteca do Congresso. Na entrevista concedida em 2012, ela declarou que a situação permanece a mesma e o que continua sendo publicado sobre Bly são livros voltados às crianças – os quais, muitas vezes, contêm imprecisões.

Para Kroeger, Nellie Bly é um fenômeno: esteve na vanguarda de um período muito importante para a história do jornalismo e protagonizou os episódios mais marcantes do jornalismo performático de sua era. São bons motivos para que se dediquem pesquisas a ela, segundo a própria biógrafa. Opinião que se reforça aqui.

Dentro das possibilidades e dos limites impostos por uma dissertação de mestrado, buscou-se mostrar essas características mais marcantes do trabalho de Nellie Bly e do contexto em que se inseria. A análise de suas reportagens focou no método de

apuração utilizado por ela e na tentativa de avaliar se seu trabalho pode ser classificado como jornalismo investigativo.

Concluiu-se que a análise feita para esta pesquisa é insuficiente para definir se as 11 reportagens de Nellie Bly, publicadas entre 1887 e 1889, constituem de fato de jornalismo investigativo ou não. Fica, portanto, a necessidade de explorar essa questão de forma mais aprofundada, talvez analisando um número maior de reportagens e dispondo de mais tempo para tanto.

Embora se trate de um trabalho que foi desenvolvido há mais de 120 anos, uma pesquisa mais ampla a respeito de Nellie Bly pode contribuir para questões muito atuais. Como defendem Kovach e Rosenstiel, a investigação jornalística é o grande trunfo de que a área dispõe e é o que garante o papel de guardião (*watchdog*) do jornalismo.

Em tempos de crise dos jornais e de incertezas quanto ao futuro das plataformas para difusão de informações, é muito importante que se discuta a relação entre o tipo de investigação que os jornalistas fazem e o interesse dos leitores em pagar por aquilo que os veículos de comunicação vendem. Uma reflexão do passado pode contribuir para uma análise mais ampla sobre o presente.

A questão do método também se mostra em perfeita conexão com as discussões acerca da produção jornalística em nossos dias. Segundo Kovack e Rosenstiel, ainda não se tem registro de algo como um “manual básico de procedimentos metodológicos” que os estudantes de jornalismo possam estudar enquanto estão na faculdade. O resultado é que os profissionais acabam aprendendo com a experiência – própria ou de colegas com quem trocam informações.

Assim como o maior rigor nas investigações, a sistematização do método ajudaria a fortalecer a credibilidade do jornalista e, conseqüentemente, dos órgãos de imprensa. É, portanto, um assunto que merece mais atenção dos estudiosos do jornalismo.

Outra discussão extremamente atual que ganha maior amplitude com uma pesquisa sobre o jornalismo do final do século XIX nos Estados Unidos – do qual Nellie Bly é um personagem emblemático – é aquela acerca dos jornais populares. Em plena expansão no Brasil, esses veículos são, em geral, vistos com muito preconceito, tanto por certos segmentos da sociedade como por jornalistas. A perspectiva histórica, levando em conta o contexto econômico e político, amplia a visão sobre um fenômeno que não é uma novidade do século XXI, nem exclusividade do Brasil.

A inclusão, nesta pesquisa, de obras que ainda não estão traduzidas em português, pode oferecer pistas de bibliografia a ser consultada por pesquisadores desse tema. Pode indicar também a necessidade de tradução desses autores, nomeadamente Frank Luther Mott, James Melvin Lee, George Juergens e Brooke Kroeger.

Espera-se contribuir, igualmente, para uma renovação no olhar da academia brasileira em relação aos Estados Unidos. Reconhece-se a importância de se adotar uma postura crítica em relação ao país norte-americano – como se deve proceder em toda e qualquer pesquisa – mas pondera-se que um possível excesso possa perdurar como resquício de um passado recente em que os Estados Unidos eram vistos como o “inimigo imperialista”.

Muitas semelhanças, como a dimensão continental e a grande presença de imigrantes – para ficar em apenas dois exemplos – aproximam Brasil e Estados Unidos. Esse viés comparativo pode trazer novas perspectivas para futuros estudos a respeito da produção jornalística em nosso país.

Por último, embora não tenha sido o foco deste trabalho, a questão de gênero foi abordada no segundo capítulo, por se entender que o fato de Nellie Bly ser uma mulher não poderia ser ignorado. Registra-se que não é necessário que uma pesquisa esteja inserida em um programa de pós-graduação específico, nem que o orientador ou a orientadora seja especialista no assunto.

A preocupação com as questões de gênero está presente em todas as áreas e, isto está cada vez mais claro, é um problema de todos, mulheres e homens. Acredita-se que quanto mais pesquisas forem realizadas fora dos nichos específicos, maior será a reverberação e menos extremado será o debate.

Foi mencionada no início a curiosidade provocada pela descrição do trabalho desenvolvido por Nellie Bly no *New York World*. Especula-se que o comportamento inesperado para uma mulher àquela época seja um dos fatores-gatilho para esse interesse pela jornalista.

A historiadora e professora da *Harvard University* Laurel Tatcher Ulrich se revela intrigada com o fato do mau-comportamento ser um tema atraente. Na década de 70, quando era estudante de história, ela iniciou um artigo com a sentença “mulheres bem-comportadas raramente fazem história”. A frase virou um slogan impresso em camisetas e adesivos que se espalharam de forma impressionante pelos Estados Unidos.

Em um livro que carrega como título o slogan criado por ela²²², a historiadora faz uma longa reflexão acerca da dimensão que essa sentença ganhou. Ela esclarece que aquelas palavras introduziam um estudo sobre mulheres comuns do período colonial dos Estados Unidos, uma vez que muito pouco se sabia sobre elas até então. “Meu objetivo não era lamentar sua opressão, mas dar a elas uma história”²²³ (ULRICH, 2007, p. xxviii), revela a pesquisadora. E completa no posfácio: “mulheres bem-comportadas fazem história quando fazem o inesperado, quando criam e preservam registros e quando gerações posteriores se importam”²²⁴ (Idem, p. 229).

Nellie Bly não passou pela vida tão anonimamente quanto suas conterrâneas do período colonial, sobre as quais Laurel Thatcher Ulrich se interessou em pesquisar. Tampouco se pretende elucubrar a respeito do bom ou mau comportamento da jornalista. A referência à historiadora estadunidense é apenas para enfatizar que, sobretudo, este trabalho espera tornar a história de Nellie Bly mais conhecida no Brasil e provocar, em homens e mulheres, o interesse por novas e mais profundas pesquisas sobre ela.

²²² ULRICH, Laurel Thatcher. *Well-behaved women seldom make history*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

²²³ Texto original: “*My objective was not to lament their oppression, but to give them a history*” (ULRICH, 2007, p. xxviii).

²²⁴ Texto original: “*Well-behaved women make history when they do the unexpected, when they create and preserve records, and when later generations care*” (Idem, p. 229).

Referências

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à história contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, [s. d.].

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième Sexe – les faits et les mythes*. Paris: Éditions Gallimard, 1949.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

COMMAGER, Henry Steele. *The American mind – An interpretation of American thought and character since the 1880's*. New Haven, USA: Yale University Press, 1950.

EAMAN, Ross Allan. *The A to Z of Journalism*. Lanham, Toronto, Plymouth: The Scarecrow Press, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm>

GOODMAN, Matthew. *Eighty days: Nellie Bly and Elizabeth Bisland's history-making race around the world*. New York: Ballantine Books, 2013.

HEATON, John L. *Story of a page – Thirty years of public discussion in the editorial columns of The New York World*. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1913.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

JUERGENS, George. *Joseph Pulitzer and the New York World*. Princeton (New Jersey): Princeton University Press, 1966.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2004.

KROEGER, Brooke. *Nellie Bly: daredevil, reporter, feminist*. New York: Times Books, 1994.

KROEGER, Brooke. [Entrevista concedida à autora]. Nova Iorque. 8 maio 2012.

KROLOKKE, Charlotte; SORENSEN, Ann Scott. *Gender Communication Theories and Analyses – From silence to performance*. Thousand Oaks (California): Sage Publications, 2006.

LEE, James Melvin. *History of American journalism*. Boston: Houghton Mifflin, 1917.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

LUTES, Jean Marie. *Front-page girls: women journalists in American culture and fiction, 1880-1930*. Ithaca & London: Cornell University Press, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MOTT, Frank Luther. *American journalism – A history of newspapers in the United States through 260 years: 1690 to 1950*. New York: The Macmillan Company, 1959.

MUHLMANN, Géraldine. *Une histoire politique du journalisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

NASCIMENTO, Solano. *Os novos escribas – O fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve história dos Estados Unidos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

PARK, Robert Ezra. A história natural do jornal. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa*, volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 33 a 55.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PULITZER, Joseph. *A escola de jornalismo na universidade de Columbia – o poder da opinião pública*. Florianópolis: Insular, 2009.

SCHUDSON, Michael. *Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SCHUDSON, Michael. [Entrevista concedida à autora]. Nova Iorque. 10 maio 2012.

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no ocidente – vol. 4: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

STEPHENS, Mitchell. *A history of news*. New York: Oxford University Press, 2007.

ULRICH, Laurel Thatcher. *Well-behaved women seldom make history*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

WASSERMAN, Edward. [Knight Center Webinar – Journalism Ethics in a Digital Age]. 24 ago. 2011.

WHITT, Jan. *Women in American journalism: a new history*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2008.

ZELIZER, Barbie. *Taking Journalism seriously: news and the academy*. Thousand Oaks (California): Sage Publications, 2004.